

Maria da Conceição da Costa Almeida Toscano

A fábrica de moagem do Caramujo – património industrial da Cova da Piedade:

Percursos de salvaguarda e reutilização

Volume II

Dissertação – apêndices e anexos



**Dissertação de Mestrado em Estudos do Património
Sob orientação do Professor Doutor Paulo Oliveira Ramos**



**Departamento de Ciências Sociais e de Gestão
Lisboa
2012**

Maria da Conceição da Costa Almeida Toscano

A fábrica de moagem do Caramujo – património industrial da Cova da Piedade:

Percursos de salvaguarda e reutilização

Volume II

Dissertação – apêndices e anexos

**Dissertação de Mestrado em Estudos do Património
Sob orientação do Professor Doutor Paulo Oliveira Ramos**

Capa:

Foto 1 – Rua Direita (denominada mais tarde Rua Manuel José Gomes): fachada posterior da fábrica de moagem (primeiro edifício à esquerda)

(c. 1900, segundo R. H. Pereira de Sousa, in *Almada. Toponímia e História*, p.104)

(Postal propriedade da Câmara Municipal de Almada-DAU)



**Departamento de Ciências Sociais e de Gestão
Lisboa
2012**

Índice

I – Apêndices

- 1.Fábrica de moagem do Caramujo e património industrial da moagem relacionado: notas cronológicas 5
- 2.Percurso externo do complexo de laboração da moagem no Caramujo 13
- 3.Visita à fábrica de moagem «Joaquim Paulo Cunha Pereira» 30
- 4.Fluxograma de produção da moagem 44
- 5.Descrição técnica das oito máquinas da Aliança vendidas 45
- 6.Questionários 46
 - 6.1.Questionário individual tipo A: para inquirir a receptividade à recuperação e reconversão 46
Questionário N°1 46
 - 6.2.Questionário individual tipo B: para perpetuar a memória individual e colectiva 48
Questionário N°1 48
Questionário N°2 56
Questionário N°3 58
Questionário N°4 60

II – Anexos

- 1.Figuras, fotos, mapas e plantas em complemento do texto – Volume II 65
 - 1.1.Figuras 68
 - 1.2.Fotos 72
 - 1.3.Mapas 109
 - 1.4.Plantas 110
- 2.Documentos 121
 - 2.1.Documentos administrativos e técnicos 125
 - 2.2.Registos prediais 199
- 3.Ficha de inventário – IGESPAR 220

I – Apêndices

1.Fábrica de moagem do Caramujo e património industrial da moagem relacionado: notas cronológicas

Com vista a perspectivarmos o percurso da fábrica de moagem do Caramujo, optamos por iniciar a história cronologicamente no início do século XIX; poderemos reter, desta forma, uma visão um pouco mais abrangente dos primórdios da industrialização do sector moageiro e o seu desenvolvimento, a partir da fábrica e da relação existente com a vertente mais tradicionalista do sector da transformação dos cereais: os moinhos de maré do estuário do Tejo. Igualmente são evidenciados outros acontecimentos importantes a nível local, regional e nacional que se reflectiram na vida social e económica de Almada e Cova da Piedade.

1822¹:

O moinho de maré de Corroios² encontrava-se arrendado a Maria Maurícia, viúva de José Gomes³ (pais do industrial Manuel José Gomes (1802-1881), que viria a construir a primeira fábrica de moagem no Caramujo, em 1865).

1834:

Pertencendo o moinho de maré de Corroios aos bens do Convento do Carmo, com a extinção das ordens masculinas em Portugal, este é incorporado na Fazenda Pública.

1836:

Perante a Comissão de Crédito Público, João Luís Lourenço faz a arrematação do moinho de maré de Corroios, que doravante passa a pertencer ao domínio privado.

1847:

Nascimento de António José Gomes.

1849⁴:

¹ Os dados cronológicos apresentados, desde 1822 a 1877 acerca do moinho de maré de Corroios e da família Gomes quando associada à sua actividade, foram colhidos a partir dos painéis intitulados «O moinho de maré de Corroios: cronologia», inseridos na exposição de longa duração patente no núcleo museológico do Ecomuseu do Seixal – Moinho de Maré de Corroios, intitulada *600 anos de moagem no moinho de maré de Corroios*, responsabilidade do Ecomuseu do Seixal.

² O moinho de maré de Corroios situa-se no estuário do Tejo e é, nos dias de hoje, um dos mais belos exemplares representativos do património industrial do concelho do Seixal, vizinho de Almada; foi adquirido pela Câmara do seixal, restaurado e objecto de musealização

³ A família Gomes estava, portanto, ligada à moagem de cereais, desde pelo menos o início do século XIX, no estuário do rio Tejo

A família Gomes continua a explorar o moinho de maré de Corroios.

1851:

Domingos Afonso herda de seu sogro, João Luís Lourenço, o moinho de maré de Corroios.

1858:

Domingos Afonso e Manuel José Gomes desempenham funções como vereadores na Câmara Municipal de Almada

1865:⁵

Manuel José Gomes funda uma fábrica de moagem a vapor na Cova da Piedade, no lugar do Caramujo. Esta fábrica ficaria conhecida como «Moinhos Reunidos».⁶

1872:

Alargamento da fábrica, de sul para norte, com a construção de edifício de 3 pisos.⁷

1874:

Esta fábrica é considerada como um estabelecimento que honra o seu proprietário e o país.⁸

1881:

À firma «Manuel José Gomes» sucede a «Viúva de Manuel José Gomes & Filhos»⁹.

⁴ Segundo informação do Centro de Documentação e Informação do Ecomuseu, sobre o registo de licenças é necessário consultar no Arquivo Histórico do Seixal o Fundo Câmara Municipal SSSC/C Taxas e Licenças, 03 Livros de Licenças (além do ano de 1849, há registos relativos aos anos seguintes).

⁵ Segundo António Maria Santos a instalação da fábrica data de 1864 (consultada a p.277 da sua dissertação); em *O Século*, de 11 de Junho de 1897, p.1, o redactor refere a sua fundação como sendo de 1863; 1865 é a data que aparece sempre nos escritos de Alexandre Flores e nas cópias marion (figuras 9 e 10 do I volume). Esta unidade fabril seria alargada na década seguinte, também surgindo, nos mesmos documentos consultados, algumas disparidades em relação a datas

⁶ Manuel José Gomes continuaria a gerir diversos moinhos situados no estuário do Tejo; manteria a titularidade de exploração do moinho de maré de Corroios até 1877 – informações retiradas dos referidos painéis da exposição patente no moinho de maré de Corroios; igualmente no que respeita à construção e nome da fábrica

⁷ Neste edifício ficariam mais tarde as mós antigas, com o piso superior servindo de depósito de trigo, segundo António Maria Santos, na sua dissertação, p.280

⁸ LEAL, Augusto S. Pinho – *Portugal antigo e moderno*, 11, 1874, p.102, referenciado por António Maria Santos em *Para o estudo da arquitectura industrial na região de Lisboa (1846-1918)*

⁹ A denominação inscrita no Inquérito Industrial de 1890 é Viúva Manuel José Gomes Ferreira – Caramujo, evidentemente errada; ver PORTUGAL. Ministerio das Obras Publicas, Commercio e

1883¹⁰:

O moinho de maré da Mutela, pertencente ao visconde de Mesquitela, tem aforada a caldeira e os terrenos circunvizinhos a Jorge Taylor, maquinista da moagem do Caramujo.

1884:

Morte da viúva de Manuel J. Gomes. António José Gomes assume a direcção da António José Gomes & Commandita.

1889:

Início de utilização da electricidade na fábrica de moagem e remodelação completa da fábrica, sob a direcção de António José Gomes, com a construção de um edifício com seis pisos.¹¹A sede social da firma está localizada no Largo do Terreiro do Trigo, nº16, 1º, em Lisboa.

Inauguração das carreiras fluviais regulares entre Cacilhas e Cais do Sodré, Lisboa.

Constituição da SFUAP.

1890:

Inquérito Industrial – *Direcção Geral do Commercio e Industria do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria* (a fábrica do Caramujo aparece mencionada).

1894:

A firma tem a denominação comercial de «António José Gomes & Comandita»

1895:

A 30 de Novembro de 1895: requerimento de patente de invenção, por quatro anos, para um vigamento de formigão de betão, de François Hennebique, representado por J. N. Monet.

1896:

Concessão provisória da patente de invenção requerida – publicação no Boletim da Propriedade Industrial a 22 de Janeiro de 1896.

Industria. Direcção Geral do Commercio e Industria – *Inquérito Industrial de 1890: Industrias Fabris e Manufacturas (Inquérito de Gabinete)*, volume IV, p.8

¹⁰ As informações referentes ao moinho de maré da Mutela foram retiradas da obra de autoria de Alexandre M. Flores intitulada *Almada antiga e moderna – Roteiro iconográfico – Vol. III: Freguesia da Cova da Piedade*, pp.49-50

¹¹ SANTOS, António Maria A. – *Para o estudo da arquitectura industrial na região de Lisboa (1846-1918)*, pp.278 e 280; este edifício seria construído a norte do existente desde 1872. Consultado o periódico *O Século*, de 11 de Junho de 1897, a data da construção desta edificação nova é apontada para 1888, sendo referido que o último piso tinha sido aumentado posteriormente à obra inicial.

1897:

A 10 de Junho de 1897 deflagra um violento incêndio na fábrica de moagem.¹²

1897-1898:

António José Gomes (1847-1909) reconstrói a fábrica de moagem de seu pai, Manuel José Gomes, segundo moldes inovadores e empregando o betão armado (pela primeira vez em Portugal), sendo a autoria da obra atribuída ao inventor e construtor francês François Hennebique¹³.

1907:

Jorge Taylor cede parte da propriedade do moinho de maré da Mutela a António José Gomes.

1909:

Falecimento de António José Gomes

1918¹⁴:

«Viúva de A. J. Gomes & Comp^a., Comandita».

Formação (Fevereiro) e dissolução (Setembro) da «Sociedade de Moagem Aliança Ltd.». A sua sede social é na Rua 1º de Dezembro, nº122, em Lisboa.

1920¹⁵:

Criação da empresa «Sociedade Industrial Aliança», sendo 90% do seu capital constituído pelo património da firma «Sociedade de Moagem Aliança, Ld^a», com a sede social em Lisboa, na Rua 1º de Dezembro, nº122.

1925:

As actividades passaram a ser: indústria transformadora da moagem e seus derivados, panificação, chocolates, confeitaria. A sede social está localizada na Avenida da Liberdade, nº12, em Lisboa.

1926:

¹² A causa do sinistro é apontada como tendo origem na explosão do pó da farinha, a partir do edifício onde se situavam as mós e propagando-se à estrutura contígua mais moderna, conforme lemos em *O Século*, de 11 de Junho de 1897, p.1

¹³ SANTOS, António Maria A. – *Para o estudo da arquitectura industrial na região de Lisboa (1846-1918)*, pp.291-297: confirmação da autoria desta obra por parte do atelier do francês Hennebique e seus representantes em Portugal

¹⁴ As referências às diferentes denominações da empresa industrial, de 1918 e 1919, foram colhidas na obra *Farinhas, moinhos e moagens*, de Jaime Alberto do Couto Ferreira

¹⁵ As informações relativas à fábrica de moagem, a partir de 1920 até 1991-1992 foram colhidas da obra FLORES, Alexandre M. – *António José Gomes: O homem e o industrial (1847-1909)*, pp.138-139

Desanexação do concelho de Almada do distrito de Lisboa e integração no novo distrito de Setúbal (22 de Outubro de 1926)

1928:

Elevação da Cova da Piedade a freguesia (7 de Fevereiro de 1928)

1933:

Concessão de alvará para fabricar bolachas e biscoitos

1934:

Instituição da Federação Nacional dos Industriais da Moagem – FNIM.

1938:

Instalação do Arsenal do Alfeite na localização que ainda mantém actualmente.

1948:

Mudança da sede social para a Av. da Liberdade.

1950:

Completa remodelação da fábrica de chocolates, que muda de instalações para a Junqueira.

1951:

A fábrica de massas alimentícias, no Porto, é considerada a mais moderna do país.

1955:

Mudança da sede social da «Sociedade Aliança» para a Junqueira.

1948-1950:

Obras de aterro e construção da estrada marginal a ligar Cacilhas à Cova da Piedade (Estrada Nacional nº10, actual Av. Aliança Povo-MFA). Destruição do moinho de maré da Mutela.

1957:

II Congresso da Indústria Portuguesa

1958:

Adquirido à Câmara Municipal de Almada um terreno com o objectivo de futuras ampliações, necessárias para a remodelação da fábrica de moagem, no Caramujo.

1959:

Em 17 de Maio era inaugurado o Monumento ao Cristo-Rei, em Almada

1961:

A FNIM, no seu boletim Nº14, de Abril de 1961, publicitava que este organismo corporativo da indústria de moagem de farinhas de trigo tinha 75 fábricas agremiadas; a

Sociedade Industrial Aliança pertencia ao Grémio de Lisboa e estava inscrita nesta federação.

1961-1967:

Remodelação geral da fábrica de moagem do Caramujo (fachadas e maquinaria), incluindo a construção dos silos de armazenamento dos cereais da fábrica Aliança, em espaço adjacente ao estabelecimento fabril.

1962:

Autorizada a Sociedade Industrial Aliança a cindir a sua moagem de trigo com peneiração, sita no Caramujo, em duas moagens distintas, uma para moenda de trigo mole para panificação e outra para moenda de trigo rijo (semolaria).¹⁶

1962-1963:

Renovação da maquinaria da fábrica de moagem do Caramujo (máquinas Bühler).

1966:

A 6 de Agosto era inaugurada a Ponte Salazar (Ponte 25 de Abril, após os acontecimentos desse dia de 1974).

1967:

Início das actividades da Lisnave na Margueira.

1973:

Alargamento do circuito produtivo, no complexo fabril do Caramujo, a outros produtos: fabrico de bolachas «waffer's» e de bolachas «sandwiche»¹⁷, no 1º piso do edifício do refeitório, na Rua Manuel José Gomes. Sede social da firma: Travessa da Praia, à Junqueira, em Lisboa.

Almada é elevada a cidade (16 de Junho de 1973)

1974:

Alargamento das instalações da Junqueira.

Extinção da FNIM.

1976:

¹⁶ Autorização publicada no *Boletim da FNIM*, N°21, de Janeiro de 1963

¹⁷ Em 1987, durante uma vistoria, o perito do Ministério da Indústria e Economia encontrou a laboração parada; a informação de fiscalização refere que o referido estabelecimento industrial já tinha deixado de laborar há alguns anos. Os documentos, requerimentos, memória descritiva, ofícios de resposta, licenciamento, vistoria, plantas, fazem parte do proc. N°3/9796, consultado em 06 de Agosto de 2010 na Direcção Regional da Economia de Lisboa e Vale do Tejo (na data em fase de transição de arquivamento na Secretaria-geral do Ministério da Economia e Inovação).

São novamente alargadas as instalações da Junqueira. Encerramento da fábrica de massas do Porto.

1980¹⁸:

O moinho de maré de Corroios é adquirido pela Câmara Municipal do Seixal, visando a salvaguarda do património industrial da moagem que funciona com a energia das marés.

1984:

Encerramento de todas as delegações: a de Faro tinha sido aberta em 1969; as da Régua, Covilhã, Setúbal, Estremoz e de Tomar em 1981-1982.

Classificação dos moinhos de maré do concelho do Seixal (constando dentro do elenco o moinho de maré de Corroios) como imóveis de interesse público – Decreto do Governo N° 29/84, publicado no Diário da República N°145, de 25 de Junho de 1984.

1985:

Abandono definitivo do fabrico de confeitaria

1986:

Divulgação de edital da Câmara Municipal de Almada, em que considera como seu dever a valorização do património cultural do concelho, especificando a intenção do desenvolvimento de esforços no sentido de salvaguardar as áreas históricas, nomeadamente a da Cova da Piedade, entre outras – Edital n°275/86, de 08 de Setembro de 1986.

O moinho de maré de Corroios é transformado em Núcleo do Património Industrial do Ecomuseu Municipal do Seixal, após recuperação; é conservado em funcionamento e são privilegiados os objectivos didácticos.

1992:

Pedido de abertura do processo de classificação da fábrica de moagem do Caramujo, por parte do arquitecto Carlos Antero Ferreira (Documento 2, em Anexo) – ofício datado de 22 de Janeiro de 1992.

1993:

Encerramento da fábrica de moagem no Caramujo

1993-1996:

¹⁸ Os dados inseridos acerca do moinho de maré de Corroios estão contidos na obra *Moinhos de maré – património industrial*, da autoria de António J. C. Maia Nabais, p.18

Venda do recheio da fábrica de moagem do Caramujo – oito máquinas vendidas à fábrica de moagem de farinhas de trigo, milho e centeio «Joaquim Paulo Cunha Pereira»: duas plansichters e cinco moinhos Bühler, um moinho Daverio SA.

2000:

Compra pela Câmara Municipal de Almada aos liquidatários da falida «Sociedade Industrial Aliança, S.A.» da fábrica e outros prédios situados no Caramujo – 25 de Setembro de 2000.

2001:

Visita à fábrica de moagem do Caramujo, de técnicos da Câmara Municipal de Almada.¹⁹

2002:

Publicação da classificação da fábrica de moagem do Caramujo como imóvel de interesse público – Decreto do Governo N°5/2002, Diário da República N°42, de 19 de Fevereiro de 2002.

2009:

Publicação do edital da Câmara Municipal de Almada que aprova o «Plano de Urbanização de Almada Nascente – PUAN» - Edital n°1098/2009, de 21 de Setembro de 2009, publicado no Diário da República N°218, de 10 de Novembro de 2009.

¹⁹ SILVA, Maria Rosa Peralta Sousa e LARANJEIRA, Manuel Maria Pereira – “Fábrica de moagem do Caramujo. Um testemunho com 103 anos de existência”, p.8

2.Percurso externo do complexo de laboração da moagem no Caramujo

Podemos considerar, quando pensamos na fábrica de moagem do Caramujo, em dois percursos passíveis de estudo. O primeiro e mais evidente será sempre o percurso interno da moagem na estrutura fabril classificada como imóvel de interesse público.

Infelizmente está perdida a sua visualização, pois o edifício que temos perante os nossos olhos já somente existe como receptáculo vazio, descarnado e objecto de contínua degradação material. Os testemunhos iconográficos recolhidos são a única possibilidade de contemplação de um mundo laboral perdido.

Mas no Caramujo há que atender a uma panorâmica mais abrangente, constituindo a fábrica de moagem um núcleo central, a partir do qual gravitavam as estruturas de apoio e complemento: armazéns, silos, escritórios, laboratório, refeitório, balneários, oficinas (carpintaria, serralharia, mecânica), outros estabelecimentos de produção (bolachas), locais de empacotamento (bombons), sacaria. Um universo constituído por diversas partes que se ligavam entre si e possibilitavam a vida da actividade económica industrial da moagem.

No dia 07 de Agosto de 2010, orientados pelo nosso entrevistado, Armindo Simões Dionísio, efectuámos o percurso externo deste complexo de laboração da moagem no Caramujo.

Para além das fotografias que testemunham a quase imponente e relativa grandeza desta teia laboral, elaboramos duas legendagens a partir da planta das estruturas existentes no local, anteriormente cedida pela DAU da Câmara Municipal.

Em cor vermelha estão apontadas as fotografias do percurso, com legendas a partir da referência numérica. Igualmente nesta cor estão realçados a Rua Manuel José Gomes e o antigo cais, com delimitação do lugar do Caramujo. Através da legendagem de referência alfabética ficamos a conhecer as diferentes estruturas construídas e respectivas funções. Os créditos das fotografias pertencem à autora deste estudo. As notas explicativas quanto a este percurso laboral são da responsabilidade do antigo trabalhador já nomeado.



Município de Almada
Câmara Municipal
D.A.U.
Departamento
Administração Urbanística

Requerente : Conceição

Local : Rua Manuel José Gomes

Freguesia : Cova da Piedade

Carta :

Escala : 1/1,000

Func. : pfaría

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO



Data : 2009-09-02

Planta 1 – Planta da localização da fábrica de moagem do Caramujo e envolvente, 2009, alterada:
legendagem com referência alfabética (edifícios); legendagem com referência numérica (fotografias)

Legendagem da Planta 1:

Edifícios:

A – Armazém da farinha

B – Armazém da farinha das massas

C – Telheiro

D – Armazém

E – Passagem aérea entre a fábrica de moagem e o armazém; acesso directo da Rua Manuel José Gomes para a zona do antigo cais

F – Fachada principal da fábrica de moagem

G – “Chupador” (descarga dos cereais através de batelão)

H – Cais antigo

I – Silos

J – Armazém

K – Entrada dos silos

L – «Fossa» ou «tegão» (descarga dos cereais através de camiã)

M – Fachada posterior da fábrica de moagem

N – Carpintaria (piso inferior)

O – Escritórios (piso superior)

P – Serralharia (piso inferior)

Q – Laboratório (piso superior)

R – Balneários (masculino / feminino) (piso inferior)

S – Refeitório (piso superior)

T – Fabrico de bolachas (piso inferior)

U – Ensaque de bombons (piso superior)

V – Oficina mecânica

X – Sacaria

Fotos:

- 1 – Rua Manuel José Gomes, placa toponímica
- 2 – Armazéns de farinhas
- 3 / 4 / 5 / 6 – Telheiro onde se efectuava a carga das sacas de farinha
- 7 / 8 – Passagem aérea de ligação entre o armazém e ensaque e a fábrica de moagem; igualmente passagem da Rua Manuel José Gomes para a Rua do Cais da Margueira
- 9 – Fachada lateral da fábrica de moagem
- 10 – Pormenor do armazém de ensaque
- 11 – Extrema da ETAR; cais antigo
- 12 – Piso do antigo cais
- 13 – Fachada principal da fábrica de moagem
- 14 – “Chupador” de cereais – fornecimento de cereais por batelões
- 15 – Silos – antigo cais
- 16 – Armazém
- 17 – Silos – Rua Manuel José Gomes
- 18 – Silos – Rua Manuel José Gomes – fornecimento de cereais por camiões
- 19 – Pormenor da “fossa” de despejo/fornecimento
- 20 – Estrutura com serviços de apoio: carpintaria, serralharia, escritórios, laboratório
- 21 / 22 – Estrutura com serviços de apoio e serviços de produção: balneários, produção de bolacha, refeitório, ensaque de bombons, oficina de mecânica
- 23 – Perspectiva diferente dos edifícios de alojamento de alguns serviços de apoio: serralharia, laboratório; balneários, refeitório
- 24 – Sacaria
- 25 – Fachada posterior da fábrica de moagem
- 26 – Perspectiva diferente da união entre o edifício da moagem e o do ensaque e armazenagem das sacas de farinha; acesso desde a Rua Manuel José Gomes ao antigo cais – fachada principal da fábrica



Foto 1 – Início da Rua Manuel José Gomes, a partir da Avenida António José Gomes, Agosto 2010
(Autora: Conceição Toscano)



Foto 2 – Armazém onde se guardavam as farinhas (edifício à esquerda); armazém onde se guardava a farinha das massas (edifício à direita), Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 3 - Local do telheiro podendo ser vistas as portas de acesso ao armazém (agora fechadas); o operário Armindo foi aqui fotografado na década de 80 do século passado, junto das sacas da farinha, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 4 – Vista mais abrangente do telheiro onde os camiões carregavam as sacas de farinha; o edifício adjacente, situado ao fundo, na fotografia, é a fábrica de moagem, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 5 – No telheiro os camiões vinham carregar as sacas de farinha, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 6 – Pormenor das janelas quadradas da foto anterior; é visível a abertura por onde caíam as sacas que eram transportadas por calha para o armazém que se situava por trás das portas e janelas tapadas, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 7 – Lateral do edifício que servia de armazenagem e passagem das sacas, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 8 – Passagem de ligação entre os dois edifícios; por esta passagem aérea passava a farinha após a moagem na fábrica (edifício situado à direita da fotografia); também por aqui se acedia da Rua Manuel José Gomes ao Cais da Margueira, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 9 – Vista da fachada lateral da fábrica de moagem; é visível a degradação e os esforços para evitar intrusões no edifício classificado (fotografia obtida a partir da perspectiva do abrigo do telheiro de carga das sacas por parte dos camiões), Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 10 – Saída da farinha a granel para os camiões (por debaixo da ligação entre os dois edifícios), Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 11 – Rede da ETAR. “Antigamente batia aqui a água” (Armando S. Dionísio), Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 12 – Pavimento do antigo cais, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 13 – Pormenor das portas do piso 1 da fábrica de moagem, fachada principal, virada ao antigo cais, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)

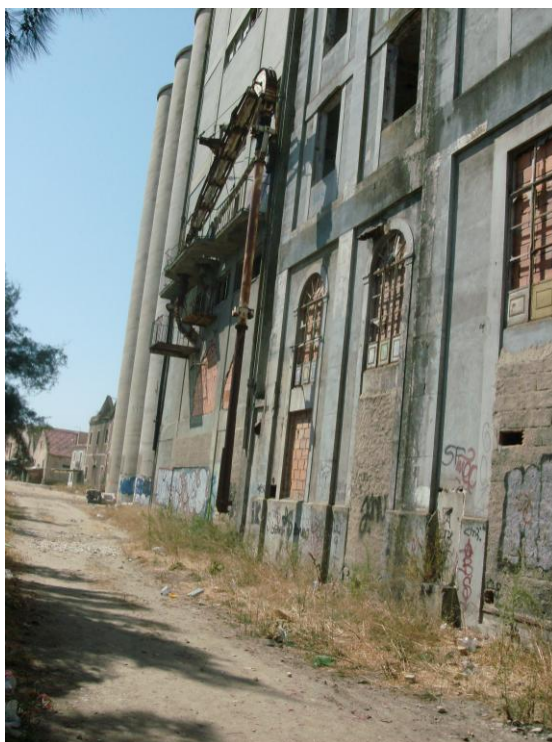


Foto 14 – “Chupador” de cereais colocado na fachada principal com um braço móvel – puxava os cereais para os pisos superiores da fábrica desde os batelões, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 15 – Silos, na situação da posição do antigo cais – nas janelas fechadas estavam situados computadores: eram três encarregados, cada turno tinha o seu encarregado; aqui tinham lugar as diversas operações administrativas ligadas ao abastecimento da matéria-prima da fábrica (cereal – trigo, centeio), Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 16 – Armazém, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 17 – Porta “vermelha”, porta principal dos silos, Rua Manuel José Gomes; fachada principal dos silos a partir do assoreamento do estuário, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 18 – Local das descargas dos cereais por parte dos camiões, após a “era dos batelões”; é visível na parede, acima do parapeito um buraco tapado – os camiões encostavam e viravam a carga para o interior dos silos; mais tarde foi feita a “fossa”, visível no chão, para descargas. A porta “verde” visível na foto entre as duas estruturas edificadas foi usada pelos trabalhadores até que os camiões vieram ocupar este espaço; nessa altura passaram a utilizar a porta “vermelha” (por aí acediam a “picar” o ponto, por exemplo), Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 19 – Vista da «fossa» ou «tegão» – estas descargas levantavam muito pó. Houve muitos protestos, segundo o nosso entrevistado, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 20 – Estrutura ocupada pelos seguintes serviços: no piso inferior à direita, a carpintaria e à esquerda da foto, a serralharia; no piso superior, situavam-se os escritórios, à direita e o laboratório situava-se no extremo esquerdo da fotografia, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 21 – Estrutura ocupada pelos seguintes serviços: no piso inferior, à direita, balneários de homens e mulheres e à esquerda a produção de bolachas; no piso superior, situava-se o refeitório, seguido do ensaie dos bombons, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 22 – Extremo do edifício da foto anterior; aí situava-se a oficina de mecânica, onde se reparavam carrinhas e camiões. “Foi a primeira a fechar”, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 23 – Ao centro, vemos a fachada lateral do edifício que albergava no piso inferior a serralharia e no piso superior o laboratório de análises. Na esquerda da foto vemos o início da estrutura onde se situavam os balneários no piso térreo e por cima o refeitório. “A serralharia e a carpintaria fecharam após a oficina de mecânica. Mais tarde a bolacha. Só ficou a moagem.” (Armindo S. Dionísio), Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 24 – Edifício em frente da fachada posterior da fábrica de moagem, do outro lado da Rua Manuel José Gomes. Aqui situava-se a sacaria – as sacas de transporte da farinha das massas eram lavadas. Até à altura do fornecimento do cereal a granel por parte dos camiões também eram aqui reparadas as sacas de abastecimento dos cereais, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 25 – Perspectiva da fachada posterior da fábrica e do telheiro de carga das sacas saídas da fábrica, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 26 – Outra perspectiva da fábrica e da estrutura de apoio à armazenagem e ensaque na Rua Manuel José Gomes, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)

3. Visita à fábrica de moagem Joaquim Paulo Cunha Pereira

No dia 19 de Agosto de 2010 visitamos a fábrica de moagem de farinhas de trigo, milho e centeio Joaquim Paulo Cunha Pereira, mais conhecida por fábrica do Joaquim do Moinho, situada no Zambujal. A razão da nossa visita devia-se a dois propósitos: conhecer e ver a trabalhar oito máquinas compradas pelos proprietários desta firma à Sociedade Industrial Aliança, após a sua falência; evidentemente que queríamos igualmente vivenciar a experiência de poder perceber o complexo fluxograma de produção da farinha.

A mais valia seria a possibilidade de se tratar de uma parte da maquinaria original da fábrica por nós estudada e que se julgava perdida, ao ter sido vendida para sucata. Desaparecidos localmente os testemunhos materiais da tecnologia moageira, a alternativa possível de visualização daquele universo desaparecido é visitar este reduto industrial, ainda regido de uma forma que se pode considerar semelhante à que se vivenciava na fábrica do Caramujo nas últimas décadas da sua laboração.

Uma fábrica não existe somente como contentor arquitectónico, mais ou menos adaptado à funcionalidade específica da sua actividade económica industrial, com maior ou menor valor para a história dos homens. Estudar o seu historial e a sua valência patrimonial através da abordagem, igualmente aprofundada, da sua maquinaria, ajuda-nos certamente a complementar esse estudo e reforçar a importância patrimonial do objecto da nossa investigação.

A visita foi guiada pelo proprietário, que, orgulhosamente, logo no início da nossa conversa, se declarou descendente de uma família ligada, desde há gerações, à moagem de cereais, até há algumas décadas atrás de forma tradicional, com um moinho de vento, tendo ele iniciado o percurso fabril.

Os créditos das fotografias que relatam a visita pertencem à autora deste estudo. As notas explicativas são da responsabilidade da autora do trabalho (após estudo da bibliografia específica reunida e das entrevistas a antigos trabalhadores, para além da consulta a técnicos da área patrimonial industrial) e do senhor Joaquim.

A visita foi iniciada no primeiro piso começando o percurso com a explicação de que a fábrica possui dois sistemas independentes de moagem: um utilizando mós de pedra; o percurso principal moendo o cereal a partir dos moinhos com cilindros de aço.



Foto 1 – Moagem mecânica do cereal a partir de mós tradicionais, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 2 – Outra perspectiva (vista lateral da parte inferior da máquina da foto anterior) da moagem efectuada com mós, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 3 – Moinho de cilindros de marca Bühler, adquirido à Sociedade Industrial Aliança (pode ver-se a placa ostentando a marca da firma suíça); o cereal é abastecido através da parte superior, passando aos cilindros onde é processado, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 4 – Outra perspectiva do moinho de cilindros Bühler da foto anterior, podendo ver-se mais outra máquina igual posicionada atrás, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 5 – Na totalidade foram adquiridos seis moinhos de cilindros à Sociedade Industrial Aliança, cinco dos quais datados da década de sessenta do século XX, da marca Bühler, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 6 – Outra perspectiva dos moinhos de cilindros, mostrando a sua disposição e as tubagens de alimentação e aspiração, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 7 – Última das máquinas na disposição anterior; o único moinho de cilindros anteriormente da Aliança, datando dos anos quarenta e da marca Daverio S.A., Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 8 – Pormenor das tubagens de transporte de cereal para as sucessivas passagens pelos moinhos de cilindros, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 9 – Máquina de ensacagem manual, situada no primeiro piso, mas noutra parte da divisão; nesta altura da visita estava a ser efectuada o ensaque manual do farelo; a máquina também ensaca farinha, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 10 – Máquina de ensacagem automática de farinha, após peneiração no 2º piso, situada ao lado da visualizada na foto anterior, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 11 – Parte superior do mecanismo de limpeza do cereal (trior), antes de ir para os moinhos; piso intermédio, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 12 - Parte inferior do mecanismo de limpeza do cereal (trior), antes de ir para os moinhos; piso intermédio; nos sacos visíveis na foto está a "limpadura" (resultado da separação do trigo de outras sementes que o possam acompanhar); este produto secundário segue para alimentos dos animais, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 13 – Duas plansichters (adquiridas à Sociedade Industrial Aliança) situadas no 2º piso; as plansichters peneiram a farinha a partir do processamento dos moinhos de cilindros, situados no piso inferior, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 14 – Outra perspectiva das duas plansichters, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 15 – Pormenor das tubagens situadas na parte superior das plansichters, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 16 – Eclusa, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 17 – Silos de armazenagem da farinha, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 18 – Plansasichter pequena que peneira a farinha a partir das mós, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 19 – Aproveitamento da “farinha morta” (pó de farinha que anda no ar); após filtragem, é também aproveitada; trata-se de uma farinha muito fina, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 20 – Silos do cereal que, após limpeza, vai para as mós, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 21 – Conduto que transporta o cereal para os moinhos de cilindros, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 22 – Cereal que vai para os moinhos, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 23 – Máquina que separa em farelo, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)

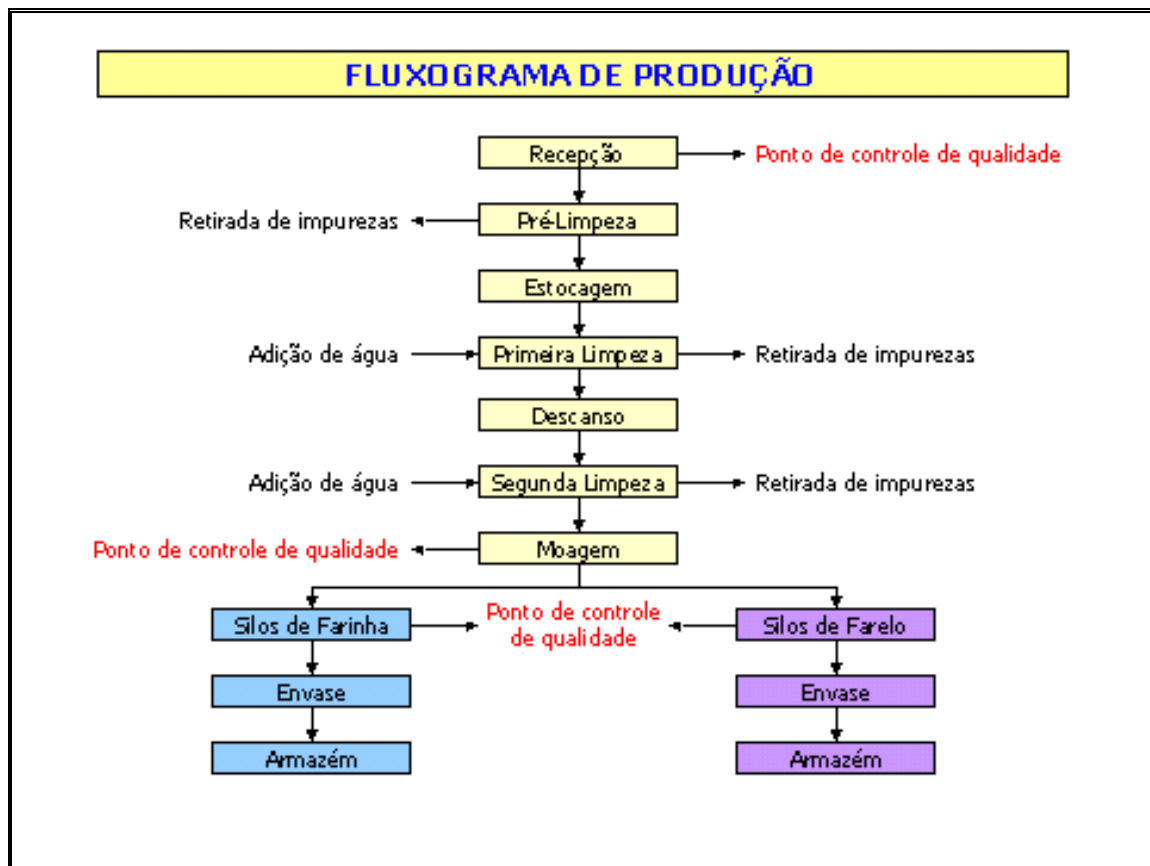


Foto 24 – Descarga dos camiões, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)



Foto 25 – O moinho de vento de «Joaquim do Moinho»; de notar que todo o complexo existente nos nossos dias foi crescendo à volta deste edifício, que ficou englobado na estrutura complexa hoje existente, evidenciando a origem artesanal da moagem da família proprietária da fábrica actual, Agosto 2010 (Autora: Conceição Toscano)

4. Fluxograma da produção



Fluxograma de produção de uma fábrica de moagem; tentativa de demonstração do circuito de produção da moagem do cereal. Retirado de:

http://www.ufrgs.br/alimentus/feira/prcerea/farinha_tr/fluxograma-base.htm [acesso em 18-08-2010]

Nota: alguns dos termos (estocagem; envase) pertencem à terminologia adoptada no Brasil

Este reforço à legendagem foi-nos fornecido por Joaquim Paulo Cunha Pereira («Joaquim do Moinho»); os termos «limpadura» e «remolhador» foram por ele usados:

Recepção: descarga de cereal sempre a granel

Pré-limpeza: sítio da limpadura

Estocagem: silos de armazenagem do cereal; repouso de 24 horas, pelo menos

Primeira limpeza e segunda limpeza: é feita adição de água, pelo remolhador

Descanso: de 2 a 3 horas

Envase: colocação em sacas; ensacagem

Mas a farinha pode sair directamente dos silos para os camiões (abastecimento a granel)

5. Descrição técnica das oito máquinas da Aliança vendidas

Máquinas adquiridas pela empresa Joaquim Paulo Cunha Pereira, fábrica de moagem de farinhas de trigo, milho e centeio, à Sociedade Industrial Aliança:

• Moinhos (6)

Aplicação industrial: indústria alimentar/da moagem de cereais

Função: máquina utilizada na moagem de cereais; estes são triturados ao passar pelos cilindros, lisos ou estriados, colocados no interior do moinho; as estrias podem variar em espessura e orientação, de acordo com o cereal a moer. (Retirado da página do Museu da Indústria, B.I. do moinho de cilindros)

Localização actual: Joaquim Paulo Cunha Pereira

Localização anterior: Sociedade Industrial Aliança

Cinco moinhos da década de 60 do século XX:

Marca: Bühler

Fabricante: Gebrüder Bühler, Maschinen Fabriken Uzwil

Materiais: metal

Um moinho da década de 40 do século XX:

Marca: Daverio SA

Fabricante: Daverio S.A. Zurich

Materiais: metal

• Plansichters (2)

Aplicação industrial: indústria alimentar/da moagem de cereais

Função: máquina utilizada para peneirar os produtos obtidos a partir da moagem dos cereais, separando-os de acordo com a sua dimensão. (Retirado da página do Museu da Indústria, B.I. da plansichter)

Localização actual: Joaquim Paulo Cunha Pereira

Localização anterior: Sociedade Industrial Aliança

Duas plansichters da década de 60 do século XX:

Marca: Bühler

Fabricante: Gebrüder Bühler, Maschinen Fabriken Uzwil

Materiais: metal e têxtil

6.Questionários

6.1.Questionário individual tipo A: para inquirir a receptividade à recuperação e reconversão

Questionário N°1:

Efectuado em 07 de Outubro de 2009, ao professor Jorge Alves, licenciado em Arquitectura – um dos mais significativos. Reproduzido na íntegra.

Identificação

Nome: Jorge Alves

Data de nascimento: 16 de Outubro de 1957

Local de nascimento: Almada

Local de residência: Almada

Ocupação profissional: Professor

A revitalização patrimonial

Face à situação actual em termos de degradação patrimonial da Cova da Piedade e a sua possível revitalização, quais as áreas de intervenção que considera serem prioritárias? (Tanto no centro histórico como na periferia industrial do Caramujo).

O Largo / Jardim central da Cova da Piedade, a zona da Mutela e os quarteirões da zona do Caramujo

Quais deveriam ser os responsáveis pelos projectos? Poder local, central, ambos? E em que medida pensa ser lógica e necessária, ou não, a participação da população, quer em termos individuais, quer associativos?

A responsabilidade da realização dos projectos de recuperação / reabilitação urbana e / ou de edifícios deve ser local / municipal. Ao promoverem intervenções deste tipo as entidades municipais devem sempre proceder previamente à recolha de informações junto das comunidades, com o objectivo de serem traçados quadros de caracterização histórica relevante e de necessidades colectivas.

Pensa que a revitalização do património arquitectónico, quer habitacional quer industrial, da Cova da Piedade poderia traduzir-se em incremento social, económico e cultural? Em que sentido?

A operação de reabilitação / revitalização arquitectónica de edifício(s) representa sempre desenvolvimento sociocultural para qualquer comunidade. As acções de recuperação e de

remodelação urbana, além de representarem, em princípio e por definição, valorização do ambiente construído, encerram quase sempre oportunidades de negócio e de instalação de actividades económicas.

Poderia apontar algumas sugestões para possíveis intervenções, seleccionando os pontos fortes e os que, na sua óptica, mais fracos ou até negativos, para uma salvaguarda e reutilização funcional do património (ainda) existente na freguesia da Cova da Piedade? (Tanto no centro histórico como na periferia industrial do Caramujo).

A zona do caramujo deveria ser objecto de profunda remodelação urbana / arquitectónica no sentido de voltar a funcionar como pólo de emprego, com instalações para a pequena indústria de transformação e montagem.

A reutilização patrimonial

O que pensa da possibilidade de recuperação e reutilização do edifício fabril da moagem? E da transformação em museu industrial ou centro de ligação/aprendizagem técnico-profissional?

Acho interessante a possibilidade do edifício original ser remodelado para museu industrial, por se tratar do primeiro edifício construído em betão armado no nosso país.

Do ponto de vista arquitectónico, por ter sido construído posteriormente, não manteria o bloco de silagem existente (opaco); substitui-lo-ia por peça semelhante na forma mais transparente na constituição - vidro

Pensa que deveria ser uma obrigatoriedade de reconversão patrimonial num projecto mais vasto de revitalização patrimonial da zona a intervencionar, como um dos pontos-chave?

Acho essencial o projecto de remodelação urbana da área do caramujo, zona que tem uma memória colectiva, não dependente sequer do seu agregado mais recente – edifício da moagem. No entanto, por se tratar de edifício que integra actualmente o património municipal, pode vir a funcionar como “detonador” de futura intervenção mais abrangente.

Certamente que tem ideias próprias acerca desta temática; poderia avançar algumas que possam vir a melhorar a qualidade de vida das populações, quer a nível social, económico e cultural? Sugestões que visem o espaço físico como local de vivência, de aprendizagem e crescimento educativo e de lazer, dentro da comunidade e com os concelhos vizinhos?

[Sem resposta]

6.2. Questionário individual tipo B: para perpetuar a memória individual e colectiva

Questionário N°1:

Questionário efectuado ao último gestor da fábrica de moagem do Caramujo, Álvaro Guimarães – um dos mais significativos; respondido em 19 de Abril de 2010, através de correio electrónico. Reproduzido na íntegra.

Identificação

Nome: Álvaro António Gonçalves Júdice Guimarães

Data de nascimento: 1 de Maio de 1939

Local de nascimento: Cova da Piedade

Local de residência: Almada

Ocupação profissional: Reformado

Vínculos familiares à comunidade

Quais foram os primeiros familiares a residir na Cova da Piedade ou no concelho de Almada? E a partir de que data?

Os pais, irmãs; a partir de 1939.

Quais as suas actividades profissionais?

O pai foi o técnico de moagem, a mãe era doméstica e as irmãs crianças.

Estavam ligados a alguma Associação local?

Ao Clube Recreativo Piedense, ao Clube Desportivo da Cova da Piedade.

A vida de trabalho

Qual a sua actividade profissional?

A minha actividade profissional desenrolou-se na área da Industria Alimentar com origem nos Cereais e nas indústrias utilizadoras das farinhas e subprodutos desde a panificação às rações para animais. A minha formação foi direccionada nesse sentido e tirei alguns cursos e fiz estágios em França, Suíça, Estados Unidos, Canadá e Portugal.

Quais as funções desempenhadas?

Chefia do Laboratório de Investigação e Controle de Qualidade da Produção; Coordenação das Oficinas de Conservação e Manutenção (Serralharia, Carpintaria, Electricistas, Pintura, Construção Civil e manutenção de viaturas da frota de Transporte); Técnico de Moagem; e por fim Director Fabril, em sobreposição de funções.

Executei funções de apoio técnico às instalações de fabrico de Bolachas, Chocolates, Rebuçados situados em Lisboa e de Massas Alimentícias no Porto pertencentes à Aliança.

Fui frequentemente chamado a desenvolver alguns processos de fabrico e tive mesmo oportunidade de imaginar, desenhar, acompanhar a execução e ensaiar algumas máquinas e instalações.

Como Director Fabril estava responsabilizado perante a administração da empresa, sediada em Lisboa, do bom funcionamento da unidade fabril, da produção, sua qualidade, quantidade, rentabilidade, disciplina, segurança, etc.. e a produção era de 300 toneladas diárias. Era ainda a pessoa que tinha de responder em juízo quando as fiscalizações encontravam produtos fora das especificações legais, ou deslocar-me às padarias para demonstrar aos padeiros quando o pão não saía bom, que a culpa não era da farinha.

A partir de que data? Até quando?

Desde 1966 até 1995.

Quais as razões de ter começado a trabalhar nessa actividade profissional?

Por tradição familiar, que vem desde os meus avós maternos que possuíam um moinho de maré.

Recorda-se se os outros operários também tinham começado a sua profissão da mesma forma?

Havia gente admitida, ligada por laços familiares ou de amizade a alguns trabalhadores.

Recorda-se das suas proveniências?

A maioria provinha da actividade agrícola.

As famílias trabalhavam na mesma empresa? Pais e depois os filhos?

Sim, havia na empresa toda a espécie de parentesco, desde maridos a mulheres, filhos, netos, primos, cunhados, etc. Naquela época as admissões faziam-se muito através de pedidos pessoais e eram uma forma de satisfazer os funcionários, e ao mesmo tempo de colaborarem na aprendizagem profissional e disciplina dos familiares. A sucessão dos postos de trabalho era facilitada pela experiência dos familiares, tanto mais que não havia cursos para preparar novos colaboradores ou outras formas seguras de recrutamento.

Por vezes as ligações familiares tornavam os conflitos disciplinares mais agudos e difíceis de solucionar.

Moravam na Cova da Piedade ou arredores?

Alguns sim, mas outros moravam na Charneca da Caparica, Trafaria, Sobreda, Lisboa, Feijó, etc.

Os operários e restantes funcionários moravam em que tipo de habitação?

Muitos moravam em pequenas habitações, com algum terreno à volta o que lhes permitia cultivarem hortas muito importantes para o seu sustento.

As casas eram construídas em alvenaria e recordo-me até de serem alvo da admiração de alguns visitantes estrangeiros, nomeadamente provenientes da América do Sul, que diziam que os seus operários da moagem só tinham posses para viver em barracas.

A empresa tinha alguns prédios antigos nas imediações da moagem alugados a operários ou seus descendentes.

Entre os trabalhadores havia diferentes categorias e postos de trabalho?

O técnico de moagem por vezes também denominado «moleiro» estava no topo da hierarquia e era o responsável máximo pela produção e cujo desempenho ditava o lucro da moagem.

O gerente, responsável pelos escritórios, pelas vendas, contactos com clientes contabilidades, pagamentos de salários, etc., seria o nº dois hierárquico.

Os ajudantes de moleiro eram os terceiros mais importantes, seguiam-se as analistas, os chefes das oficinas, os encarregados de armazém, depois vinham os electricistas serralheiros e carpinteiros. Os pedreiros e o pintor estavam ao nível dos operários da moagem.

O número de trabalhadores diminuiu significativamente através dos tempos. Durante muitos anos tivemos trabalhadores da empresa na descarga pneumática dos cereais a partir dos batelões e fragatas. Nos silos havia um encarregado e em média os operários (controlador de máquinas) passaram de dois a um, por turno. Na secção de Limpeza de trigos passaram de quatro a um.

Na moagem além do ajudante de moleiro os restantes passaram de dez para dois e por vezes a um.

Nos ensaques de farinhas e subprodutos passaram de dezassete a cinco.

Nos armazéns de farinhas e expedição, durante o dia além do encarregado havia três condutores de veículos de “pallets” mais três abastecedores de camiões; à noite havia um só condutor de veículos de “pallets” para arrumar a produção. Havia uma secção de sacaria para manutenção de sacas de juta para cereais, sêneas e farinhas, em que as sacas eram aspiradas, sacudidas, lavadas, centrifugadas, secadas e cosidas; tinha um encarregado, dois operários e uma meia dúzia de operárias. Esta secção extinguiu-se com a generalização de sacaria em papel, nos anos setenta.

Havia um empacotamento de farinhas em pequenas saquetas que empregava meia dúzia de operárias, essas operárias escalavam nos trabalhos vários de limpeza. No laboratório de controle de qualidade havia duas analistas e uma empregada de limpeza. Nas oficinas de serralharia normalmente havia 7 pessoas contando com o chefe mais três serralheiros, um latoeiro um soldador e um estriador. Na carpintaria havia dois carpinteiros e um ajudante. Havia 3 electricistas e depois 2. Havia um armazém geral de materiais com um encarregado e um ajudante. Nos escritórios e vendas havia cerca de oito pessoas, um gerente, um tesoureiro, dois contabilistas, três vendedores e um estafeta. Havia ainda dois mecânicos que reparavam as viaturas de distribuição de farinhas e ainda das outras unidades fabris de Lisboa e Porto. Já não falo do tempo da máquina a vapor que tinha fogueiros e ajudantes e os condutores da máquina.

Havia um refeitório com refeições a um custo simbólico, a sopa e pão eram grátis; trabalhavam aí uma cozinheira e duas ajudantes.

Durante vários anos a totalidade de funcionários variou de 170 para 50.

Maioritariamente eram homens ou mulheres?

Homens.

Quem fazia o quê?

Penso que a resposta está parcialmente dada na resposta que antecede a anterior.

Recorde alguns pormenores do seu quotidiano de trabalho na moagem (saber fazer, vestuário, horários, cuidados de protecção, etc):

A maioria dos trabalhadores tinha muita prática daquilo que fazia e eu impressionava-me com a coragem e destreza com que, por exemplo, colocavam correias de transmissão em tambores girando a alta velocidade. A empresa fornecia 2 fatos novos anualmente a cada funcionário, mas aqueles cuja actividade era maior (ensaques por exemplo) chegavam a necessitar de mais. As analistas e eu próprio andávamos de bata branca. Os encarregados e as mulheres de bata bege, os operários de blusão e calças bege, o pessoal das oficinas vestia azul.

Quanto à protecção, aí era uma dor de cabeça, porque muitos eram rudes e havia grande dificuldade em obrigá-los a utilizarem quer seja máscaras, óculos e capacetes. Uma das minhas atribuições era a segurança.

Havia tempo para momentos de distração?

Na hora do almoço, ir ao café e jogar às moedas.

Tem alguns documentos (cartão de funcionário, cartão profissional, etc)?

Não guardei.

Tem algumas fotografias desses tempos do trabalho?

De momento, se tiver, não sei onde se encontram.

Os operários moageiros tinham ligações profissionais e/ou afectivas com os outros operários?

[Sem resposta]

Como foram vividos os últimos dias da indústria da moagem? Por si mesmo e por outros trabalhadores da empresa?

Com alguma mágoa

Foi necessário mudar de local de trabalho ou permaneceu na Cova da Piedade?

Pouco tempo após o fecho da fábrica fui vítima de um enfarte de miocárdio que resultou ser reformado por invalidez. Moro em Almada.

Vivência na Cova da Piedade**Como foi a sua vida na Cova da Piedade?**

Na tenra juventude as traseiras da minha casa davam para uma imensa quinta pertencente ao nosso senhorio que fazia gosto em que nós a utilizássemos. Quando vinha da escola era lá que me refugiava a brincar a andar de triciclo e mais tarde de bicicleta. Pouco ou nada sabia ou me interessava do que se passava na rua. Frequentei o liceu em Lisboa o que não concorreu para conhecer a terra e as suas gentes. Fui novo estudar para fora onde estive frequentemente. Seguiu-se o serviço militar na Guiné.

Como se pode deduzir da descrição das actividades profissionais não me restava grande tempo entre a fábrica e a casa. Quando tinha oportunidade deslocava-me a Lisboa, Sesimbra, Costa da Caparica, Setúbal, Montijo, etc.,

Na sua infância e (ou) juventude quais eram as principais actividades culturais na Cova da Piedade? E, na sua opinião, nos dias de hoje?

As actividades culturais eram pobres. Só me recordo dos festejos carnavalescos e bailes nas colectividades.

Actualmente parece que a situação não seja muito diferente.

Qual a sua memória dos tempos em que a Cova da Piedade era um ponto privilegiado da industrialização e dos movimentos operários?

Com as indústrias corticeiras e mais tarde com os Estaleiros Navais da Lisnave, a influência operária era substancial. Recordo-me das cargas a cavalo da G.N.R. sobre manifestações operárias em pleno Largo 5 de Outubro e rua Salazar.

Os filhos dos operários da moagem frequentavam a escola e viviam a vida comunitária?

Sim, parece que alguns prosseguiram os estudos superiores. Durante os anos setenta fazia-se uma festa de Natal de convívio de todos os funcionários da unidade fabril com entrega de brinquedos para os miúdos.

Estava ou está ligado a alguma Associação local?

Ao Clube Recreativo Piedense e ao Clube Desportivo da Cova da Piedade.

Quais os factos mais antigos que entende terem tido mais importância para a comunidade da Cova da Piedade?

A existência dos antigos estaleiros na Mutela e os Cais do Caramujo e a importância que tiveram no escoamento dos produtos provenientes do Sul para Lisboa povoações ribeirinhas e mesmo o Norte do País. A construção da Moagem em 1898, as fábricas de cortiça, a base naval e o arsenal do Alfeite.

E os mais recentes?

Os estaleiros navais da Lisnave.

Quais são as imagens mais vivas que recorda de todos os acontecimentos do seu quotidiano – relevantes para a memória colectiva?

O dia da inauguração do Cristo Rei

Tem algumas fotografias de cenas do quotidiano ou de dias importantes (festas, acontecimentos, etc)?

Não me parece que tenha guardado algo de interesse.

A patrimonialização industrial

O que pensa da possibilidade de recuperação do edifício fabril da moagem?

Apesar de ter mais de um século parece-me perfeitamente recuperável.

E da possível transformação em museu industrial?

Um museu tem de estar numa situação turística de interesse. A circunstância do cais do Caramujo ter sido aterrado fez perder completamente o interesse do local. A graça daquele cais com o pitoresco das fragatas a descarregarem trigo, cortiça, melões melancias, etc. Era um espectáculo maravilhoso. Mas os esgotos vieram desaguar junto ao cais e o seu assoreamento permanente e cheiro nauseabundo e ainda a estação de tratamentos de resíduos sólidos, muito contribuíram para a deterioração do local, e até do fecho da Moagem.

Recordo-me de um museu de sucesso que é o museu do pão em Seia, mas as condições da sua localização são o oposto do infeliz Caramujo.

Considera que tem importância para a Cova da Piedade? Porquê?

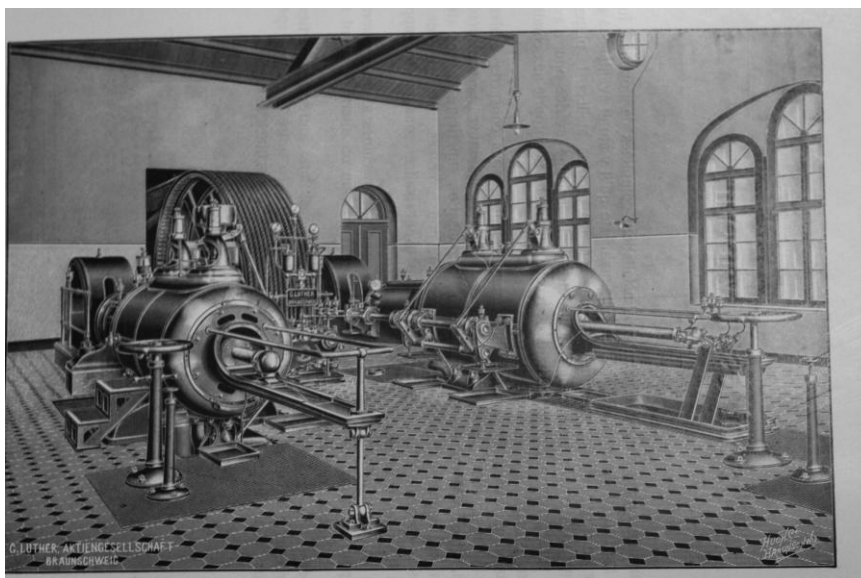
Tudo o que possa ter importância histórica tem interesse para uma terra.

Uma vez que é um dos intervenientes e “fazedores” da história industrial da Cova da Piedade tem sugestões?

Reconstruam o cais, liguem-no ao rio, retirem o esgoto agora a desaguar no canal da Margueira. Repare-se o erro histórico então praticado.

Complemento ao questionário, datado de 10 de Maio de 2010, recebido igualmente através de correio electrónico:

A máquina a vapor que conheci é muito semelhante à da imagem que junto, a sala é muito parecida, o chão, as janelas e sobretudo o volante com as cordas de tracção são quase iguais. Esta máquina é da marca Luther, tem 450 cavalos de potência e foi fabricada na Alemanha em 1898, no mesmo ano em que foi feita a remodelação que coincidiu com a construção do edifício actual em cimento armado, na sequência do incêndio que destruiu pouco tempo antes a moagem anterior. A firma nessa altura chamava-se Viúva de Manuel José Gomes e Filhos.



Não me recordo qual a marca da nossa máquina mas dizia-se que tinha cerca de 800 cavalos de potência, e é possível que seja a mesma que foi fornecida em 1898, embora repito, haja algumas probabilidades de ter sido substituída entretanto. Vou tentar procurar fotos ou desenhos que possam elucidar-nos a esse respeito.

Num site alemão que visitei recentemente vim a saber que em 1888, a moagem de Manuel José Gomes e Filhos sita no lugar do Caramujo, Portugal, adquiriu uma máquina a vapor com 220/225 cavalos da marca Gorlitzer Machienenbau AG, com o nº de fabrico 776/77, o cilindro de alta pressão era de 450 mm de diâmetro e o de baixa de 750 mm de diâmetro e funcionava a 65 rotações por minuto. Presumo que essa máquina tenha ficado destruída no tal incêndio.

A substituição gradual da máquina a vapor por alguns grandes motores eléctricos decorreu durante os anos 50.

Em 1963 fez-se a ultima grande remodelação da moagem com material “moderno” e foi desmantelada a máquina a vapor (que se encontrava desactivada), por necessidade de espaço.

Foi pena, porque actualmente seria muito interessante apreciar o volante enorme, as bielas manivelas em aço brilhante, os tirantes das válvulas, os corpos dos cilindros pintados a vermelho escuro, os bronzes luzidios dos mancais, etc.

Perguntou-me sobre algo que me tenha impressionado no passado, pois recordo-me que quando tinha nove anos (por volta de 1948) ter entrado em calções, pela mão do meu pai, numa visita /inspecção de rotina na casa da máquina, numa noite fria de inverno pela porta em ferro que dava para o corredor da porta principal de acesso ao edificio e ficar aterrado com o barulho ensurdecedor e um calor abrasador, (mais de 50 graus centígrados) e ao mesmo tempo maravilhado com todas aquelas peças luzidias a funcionar sobre a cabeça e amedrontado porque me diziam ser perigoso tocar ou aproximar-me demasiado daqueles componentes mecânicos. Nessa altura desconhecia que se alguma daquelas pesadas peças se partisse, ou se um tubo de vapor se rompesse a minha vida e a de cada um dos presentes corria perigo de morte certa. Mas era preciso desde pequeno habituar-me àquele ambiente, e no futuro entrar ali sem qualquer sinal de temor, pois de outra forma como seria possível ter autoridade para transmitir de forma credível ordens ou decisões urgentes àqueles operários que se deslocavam corajosamente no meio daquele inferno de peças e transmissões a rodar num grande frenesim?

Recordo-me ainda das dificuldades que representava por vezes conjugar o funcionamento da máquina com a maquinaria de produção da moagem. Umás vezes a máquina não alcançava a velocidade que a produção pretendia, outras vezes a máquina estava a trabalhar muito bem mas problemas ocorridos na produção obrigavam a paragens urgentes e rápidas da máquina.

Não é difícil de imaginar o conjunto de manobras e a perícia dos operadores para cortarem o acesso do vapor que estava a ser produzido no máximo da potência das caldeiras, pois se

não cortassem de imediato o combustível e abrissem as válvulas de escape a pressão de vapor provocaria certamente uma explosão. E depois para repor a máquina em movimento e alcançar a velocidade normal, era preciso restabelecer a pressão do vapor, controlar adequadamente o fluxo de combustível e a quantidade de água. E a moagem não podia funcionar abaixo da sua velocidade nominal pois entre outros inconvenientes a qualidade da farinha saíria prejudicada.

Estas situações criavam inevitavelmente atritos entre os responsáveis da produção e os operadores da máquina.

Os trabalhos de manutenção da máquina também eram morosos e por isso eram adiados para as paragens aos domingos (não havia descanso aos sábados como hoje), e era preciso manipular e reparar peças ainda quentes. Havia trabalhos terríveis, como por exemplo, a limpeza das condutas das cinzas, de onde os homens saíam irreconhecíveis e a cambalear devido á alta temperatura.

Por estas razões havia um desejo generalizado de passar à energia eléctrica de olhar para o futuro, e eu próprio era aconselhado a desviar a minha atenção e aprendizagem sobre a máquina e devia debruçar-me sobre outras matérias mais úteis. Íamos deixar de depender dela. Talvez por isso haja pouca documentação e as fotografias sejam raras e tenho poucas esperanças em encontrá-las mas vou procurar.

Os silos foram construídos em 1961 e pelo facto dos terrenos se encontrarem na área de Domínio Hídrico Público Fluvial, qualquer actividade estava sob a alçada directa da Administração Geral do Porto de Lisboa e portanto foi essa identidade que autorizou a construção dos silos e não a CMA.

Alguns dados sobre os silos: número de células 42; capacidade total 15 mil toneladas de cereal com o peso específico de 75; capacidade de descarga pneumática fluvial 60Tn/hora; descarga mecânica terrestre 50 Tn/hora; balança automática de 400Kgs; circuito de pré-limpeza com a capacidade de 55Tn/hora; capacidade de volteio 100Tn/hora; altura das células 25 mts, altura da torre 55mts; 12 distribuidores/doseadores de loteamento; 2 células/hospital para tratamento de cereal atacado por insectos.

A empresa que construiu os silos foi «Construções Técnicas, lda». De notar os alicerces assentes em estacaria que foi necessário aprofundar a mais de cem metros, dada a natureza do solo, e do processo de moldes deslizantes que permitiram a sua rápida construção em modo contínuo.

O equipamento mecânico era da marca Bühler.

Questionário N°2:

Questionário efectuado, em 14 de Maio de 2010, a Quirino Alexandre Almeida, ajudante de moleiro (encarregado) – igualmente significativo para o conhecimento da fábrica de moagem do Caramujo. São somente reproduzidos alguns excertos.

Identificação

Nome: Quirino Alexandre Almeida

Data de nascimento: 15 de Dezembro de 1933

Local de nascimento: Aldeia de carvalho – Mangualde - Viseu

Local de residência: Cova da Piedade

Ocupação profissional: Reformado

A vida de trabalho

Qual a sua actividade profissional?

Ajudante de moleiro – ajudante do sr. Álvaro, que era o moleiro

Quais as funções desempenhadas?

Era ajudante de moleiro, encarregado. Fazia todo o serviço de moleiro. Abria a fábrica às 11 horas da noite de domingo.

A partir de que data? Até quando?

A partir de 25 de Abril de 1974. Antes, desde 1956, estava na moagem. A partir de 1974 passei a encarregado. Eram três os encarregados.

Quais as razões de ter começado a trabalhar nessa actividade profissional?

O meu primo era fiscal das farinhas e arranjou-me emprego na fábrica.

Entre os trabalhadores havia diferentes categorias e postos de trabalho?

Moleiro (o sr. Álvaro); ajudante de moleiro – encarregado (eram 3); operários de máquinas; «terrobraçal» - eram os carregadores das sacas; analistas; empregados de escritório; serralheiro; electricista (sr. Manuel Pinto Rocha); cozinheiras; empacotadeiras

Maioritariamente eram homens ou mulheres?

Havia mais homens que mulheres. Depois foram dispensando os homens e mais para o fim também dispensaram mulheres.

Quem fazia o quê?

As empacotadeiras empacotavam farinha em pacotes de 1 kg.

Aqui na fábrica também se fez, durante uma temporada, bolachas, porque em Lisboa não havia espaço.

Recorde alguns pormenores do seu quotidiano de trabalho na moagem (saber fazer, vestuário, horários, cuidados de protecção, etc):

Só a partir do 25 de Abril de 1974 começamos a vestir fato próprio – primeiro branco, depois amarelo. Os encarregados vestiam por cima a farda branca.

Fazíamos primeiro dois turnos, até às 2 horas. A partir do 25 de Abril, três turnos, rotativo, sem parar.

Até ao 25 de Abril usávamos umas balanças para pesar as sacas. Depois vieram umas diferentes, que mais tarde mudaram mas eram do mesmo tipo, com ponteiros. A saca enchia e disparava logo que chegava aos 50 kg.

Antes do 25 de Abril as sacas eram de serapilheira. A seguir ao 25 de Abril, quando vieram as balanças, as sacas passaram a ser de papel, porque era mais higiénico – as de serapilheira deixavam escapar a farinha e podiam meter cimento, se caíam no chão.

No 25 de Abril mantiveram sempre o padrão, que lá foi dando uns aumentos.

Havia tempo para momentos de distração?

Tínhamos férias, mas quase nenhum tempo livre quando trabalhávamos. Só se falava com o pessoal de cada turno. Só em épocas de limpeza é que nos juntávamos todos.

Os operários moageiros tinham ligações profissionais e/ou afectivas com os outros operários?

Não nos dávamos nem com o pessoal do Arsenal, nem com o pessoal da cortiça. Não nos metíamos em nada que não dissesse respeito à gente. Tínhamos um sindicato – Sindicato das Moagens e Similares [já não tem a certeza do nome].

Como foram vividos os últimos dias da indústria da moagem? Por si mesmo e por outros trabalhadores da empresa?

Em 1993 ainda estivemos 3 semanas a trabalhar durante os três turnos, sem receber. A fábrica fechou em Dezembro de 1993, fomos para o fundo de desemprego. Passados 14 anos é que recebemos a indemnização.

Foi necessário mudar de local de trabalho ou permaneceu na Cova da Piedade?

O Armindo foi trabalhar também com farinhas, em Sesimbra; muitos foram para a reforma. Custou-me muito ficar sem aquela rotina do trabalho. Ainda sonho com o barulho das *pranchistas*²⁰.

²⁰ Esta designação dada às máquinas surge igualmente na entrevista que fizemos ao trabalhador Armindo Simões Dionísio. Trata-se de um nome que o pessoal da fábrica «aportuguesou» do termo que referenciamos no trabalho de Deolinda Folgado acerca da fábrica Nacional, ao descrever os momentos tecnológicos mais significativos em Oitocentos: “O sistema de funcionamento [sistema austro-húngaro] pressupunha ainda 14 *plansichters* e 3 jogos completos de moagem”, in «”O que é Nacional é bom!”: o tempo da fábrica – vida, espaços e formas», p.38; igualmente no estudo de Deolinda Folgado e Jorge Custódio de outra fábrica de moagem de Lisboa, a fábrica de moagem de Domingos José de Moraes & Irmão: “Em termos de moagem, sabemos que na fase de peneiração utilizavam o sistema de *plansichters* (palavra alemã que significa peneiro plano), podendo-se conjugar, como era hábito, com a utilização de sassores.”, in *Caminho do Oriente: guia do património industrial*, p.210

Questionário N°3:

Questionário efectuado, em 22 de Maio de 2010, a César da Encarnação Ricardo, ensacador – igualmente significativo para o conhecimento da história da fábrica de moagem do Caramujo. São somente reproduzidos alguns excertos. Inclui um documento.

Identificação

Nome: César da Encarnação Ricardo

Data de nascimento: 13 de Novembro de 1930

Local de nascimento: Alto do Moinho, freguesia de Corroios, concelho do Seixal

Local de residência: Laranjeiro

Ocupação profissional: Reformado; antes era ensacador na Fábrica Aliança.

A vida de trabalho

Qual a sua actividade profissional?

Ensacador na Fábrica Aliança.

Quais as funções desempenhadas?

Ensacar farinha. Também limpava as máquinas; fazia-se de tudo.

A partir de que data? Até quando?

Já não me lembro bem – por volta de 1959 (só admitiam quem tivesse até 30 anos) até 1990.

Quais as razões de ter começado a trabalhar nessa actividade profissional?

Andava a trabalhar nas obras e não podia continuar pois já tinha tido duas pneumonias.

Recorda-se se os outros operários também tinham começado a sua profissão da mesma forma?

Muitos por conhecimento e outros por terem lá familiares.

Recorda-se das suas proveniências?

Alguns tinham vindo do Alentejo, quando tinha sido comprada a fábrica de Estremoz, quando a Aliança quis aumentar a quota.

As famílias trabalhavam na mesma empresa? Pais e depois os filhos?

No meu tempo não. Mas antes sim, os pais levavam os filhos.

Moravam na Cova da Piedade ou arredores?

Na Cova da Piedade e também no Feijó, Monte de Caparica, Charneca, Almada, Corroios.

Os operários e restantes funcionários moravam em que tipo de habitação?

Alguns moravam encostados à fábrica, outros tinham casitas de renda ou pequenas quintas e outros já tinham casa com melhores condições.

Entre os trabalhadores havia diferentes categorias e postos de trabalho?

Qualquer um podia substituir os outros. Nas mudanças do 25 de Abril é que os sindicatos atribuíram as categorias.

Maioritariamente eram homens ou mulheres?

Na moagem eram só homens. As mulheres faziam outras funções.

Quem fazia o quê?

As mulheres eram utilizadas para a bolacha (faziam até bolacha baunilha) e ensaque da farinha nos pacotes de um quilo. Este empacotamento, onde se empregavam sete ou oito mulheres, só acabou com o fecho da fábrica. As mulheres também trabalhavam a remendar as sacas da farinha.

Recorde alguns pormenores do seu quotidiano de trabalho na moagem (saber fazer, vestuário, horários, cuidados de protecção, etc):

Antes do 25 de Abril trabalhávamos até às 2 da manhã; fazíamos turnos; pegávamos às 15,30/16 horas da tarde, mas por vezes obrigavam-nos a reentrar às 8 horas da manhã. Ia-me informar a Almada [ao sindicato] e sabia que tinha direito a doze horas de descanso. Então, era chamado à atenção na fábrica para não avisar os outros – podia entrar um pouco mais tarde, mas não devia falar com os outros.

A parte da peneiração é que ganhava mais lixo e tinha de ser limpa com maior frequência.

A seguir ao 25 de Abril pertenci à Comissão de Trabalhadores.

Havia tempo para momentos de distração?

Só se juntavam para reuniões de trabalhadores (a partir do 25 de Abril). Não éramos muito amigos. A malta não se juntava, havia muitos mexericos.

Tem alguns documentos (cartão de funcionário, cartão profissional, etc)?

Sim, cartão do Sindicato [Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono do Sul].

**Tem algumas fotografias desses tempos do trabalho?**

Não

Os operários moageiros tinham ligações profissionais e/ou afectivas com os outros operários?

Não nos juntávamos com os outros [Arsenal, corticeiros] para greves. Não me lembro de alguma vez nos termos organizado com os outros.

Questionário N°4:

Questionário efectuado, em 31 de Julho 2010, a Armindo Simões Dionísio, operário do serviço auxiliar de moagem – igualmente significativo para o conhecimento da história da fábrica de moagem do Caramujo. São somente reproduzidos alguns excertos. Inclui dois documentos e uma fotografia.

Identificação

Nome: Armindo Simões Dionísio

Data de nascimento: 29 de Dezembro de 1954

Local de nascimento: Cova da Piedade

Local de residência: Cova da Piedade, ao pé da Aliança

Ocupação profissional: Na Aliança fazia serviço auxiliar de moagem; agora em Sesimbra: cargas e descargas de farinha para as padarias.

A vida de trabalho

Qual a sua actividade profissional?

Na Aliança fazia serviço auxiliar de moagem.

Quais as funções desempenhadas?

Ensacava em sacas grandes a farinha na balança, 4 sacas por minuto. Sacas grandes; 90 quilos para as massas, em sacas de pano, porque a farinha era mais pesada; as outras com 50 quilos.

Pegava à meia-noite e até às 8 da manhã tinha de ter 2500 ou 2800 sacas.

A partir de que data? Até quando?

Entrei com 13 ou 14 anos, até a fábrica fechar.

Quais as razões de ter começado a trabalhar nessa actividade profissional?

Tinha lá uma irmã muito mais velha que era encarregada na secção da bolacha de baunilha.

Recorda-se se os outros operários também tinham começado a sua profissão da mesma forma?

Alguns tinham lá pais e filhos.

Recorda-se das suas proveniências?

Sobreda, Charneca, Cova da Piedade, Barrocas.

Maioritariamente eram homens ou mulheres?

Eram mais homens; chegaram a ser 90 pessoas.

Quem fazia o quê?

Comecei nas descargas de sacas dos batelões. Mais tarde eram os camiões que chegavam ali e vazavam. Era só pó na rua e as pessoas começaram a reclamar e até houve um abaixo-assinado. Aqui [na Aliança – Cova da Piedade] só era feita a farinha e a bolacha. Os bombons e os rebuçados e os chocolates que vinham de Lisboa eram ensacados aqui e depois iam para os clientes.

A bolacha e os bombons foram os primeiros a fechar.

Também fazíamos a farinha para as massas; esta seguia para o Porto.

As senhoras também empacotavam a farinha nos pacotes de um quilo.

Recorde alguns pormenores do seu quotidiano de trabalho na moagem (saber fazer, vestuário, horários, cuidados de protecção, etc):

As sacas voltavam vazias [do transporte para a fábrica de massas]. E tinham de ser lavadas.

A gente lavava nos tanques, tirava a *maior*, depois iam à máquina e ficavam a enxugar numas cordas.

Em miúdo lembro-me que carregavam a farinha em carroças para a Socopal.

A gente trabalhava por turnos, de dia dormia e à noite trabalhava. Éramos rendidos, era uma semana cada – uma semana era das 4 da tarde à meia-noite; da meia-noite às 8 da manhã, das 8 da manhã às 4 da tarde. Ganhávamos o subsídio quando trabalhávamos à noite. Como era rotativo ganhávamos todos o mesmo.

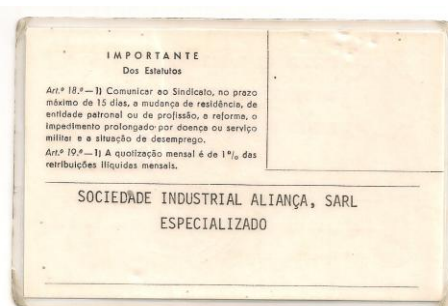
O pessoal do escritório trabalhava das 9 às 6 da tarde. O pessoal do laboratório entrava às 8 da manhã para fazer as análises à farinha que púnhamos nos tubos.


No mercado considerava-se a melhor farinha a da Aliança.

Nos últimos dias fizemos uma greve de três dias. A Aliança comprou farinha à Nacional, metida nas sacas da Aliança. A comissão de trabalhadores descobriu (se as sacas iam para a Nacional por alguma razão seria) e a farinha foi toda presa e os camiões foram escoltados pela polícia, desde o Centro Sul, onde estavam a descarregar, até à Aliança; e ficou tudo selado. Não sei se pagaram multa, devem ter pago, é contrabando. Depois tudo voltou à normalidade.

Tem alguns documentos (cartão de funcionário, cartão profissional, etc)?

Tenho o cartão do Sindicato [Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono do Sul e Ilhas] e o boletim de sanidade [do Ministério dos Assuntos Sociais – Direcção-Geral de Saúde]





Breve a identidade n.º 0080533 do Arquivo de Luanda passado em 10 de 9 de 76

Ficha médica n.º da Delegação ou Subdelegação de Saúde de 03006

Assinatura do portador.

Vacinações

Foi vacinado ou revacinado contra a varíola em _____

Novamente revacinado em _____

Novamente revacinado em _____

Outras vacinas: _____

REPUBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO-GERAL DE SAÚDE

Boletim de sanidade
N.º 115

Nome Américo Soares
de Sousa

Idade 27 Estado casado

Profissão _____
Morada 15 de Novembro
R. Baixa P. Vila Rica

Este boletim de sanidade terá os mesmos efeitos que os atestados, certificados ou outros documentos emitidos para o mesmo fim.

Modelo n.º 828 (Edição de 1974/EP)

(Formato do papel: 3 A7 - 105 mm x 212 mm)


Declara-se que o portador deste boletim foi inspeccionado nesta data na Delegação ou Subdelegação de Saúde de _____

Não sofre de qualquer doença transmissível ou cutânea que o impeça de exercer a profissão de _____

Tem capacidade física para o exercício da mesma profissão (s).

Recebido 1 de Abril
de 19 86

O Médico Sanitário R. G.



Foi reinspeccionado (s) em _____ de 19 _____
O Médico Sanitário, _____

Foi reinspeccionado em _____ de 19 _____
O Médico Sanitário, _____

Foi reinspeccionado em _____ de 19 _____
O Médico Sanitário, _____

Foi reinspeccionado em _____ de 19 _____
O Médico Sanitário, _____

*) Comparecer à inspeção para reválida no prazo marcado no edital para cada caso.

• **Tem algumas fotografias desses tempos do trabalho?**

Tenho uma foto ao pé das sacas da Aliança; são as sacas dos 50 quilos.



Os operários moageiros tinham ligações profissionais e/ou afectivas com os outros operários?

Só nas horas de almoço é que nos encontrávamos com o pessoal da cortiça, dos Barreiros e da Ranking, nas tascas e a beber uma cerveja.

Como foram vividos os últimos dias da indústria da moagem? Por si mesmo e por outros trabalhadores da empresa?

Nos últimos 3 meses não pagaram, quando aquilo rebentou. Ainda trabalhei mais um mês como guarda. Depois é que encerrou mesmo a porta. E venderam tudo; em leilão. Algumas das máquinas foram para a fábrica onde trabalho hoje – fábrica Joaquim Paulo Pereira Cunha, Joaquim do Moinho; pelo menos 4 cilindros e 2 *pranchistas*.²¹

Foi necessário mudar de local de trabalho ou permaneceu na Cova da Piedade?

Fui trabalhar para a fábrica em Sesimbra: Foram eles que me chamaram.

²¹ Novamente a mesma designação para as máquinas. Ler nota anterior.

II – Anexos

1.Figuras, fotos, mapas e plantas em complemento do texto – Volume II

Índice

1.1.Figuras 68

Figura 1 – Carta do Caramujo, 1976 68

Figura 2 – Boletim Municipal, nº 53, Outubro 2000, capa 69

Figura 3 – Plano de urbanização da frente ribeirinha nascente, Almada, 2009 70

Figura 4 – Anúncio da Sociedade Industrial Aliança, 1959 71

Figura 5 – Anúncio da Sociedade Industrial Aliança, 1972 71

1.2.Fotos 72

Foto 1 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada este, principal, 1997 73

Foto 2 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada este, principal, 1997 73

Foto 3 – Fábrica de moagem do Caramujo, edifício e silo, 1997 74

Foto 4 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, 1997 74

Foto 5 – Fábrica de moagem do Caramujo, silos, vista interior, 1997 75

Foto 6 – Fábrica de moagem do Caramujo, silos, vista interior, 1997 75

Foto 7 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 1, 1997 76

Foto 8 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, 1997 76

Foto 9 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala norte, 1997 77

Foto 10 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala norte, 1997 77

Foto 11 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, 1997 78

Foto 12 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, 1997 78

Foto 13 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 6 (terraço), 1997 79

Foto 14 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 6 (terraço), 1997 79

Foto 15 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 6 (terraço), 1997 80

Foto 16 – Fábrica de moagem do Caramujo, escadas do piso 5 para 6 (terraço), 1997 80

Foto 17 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 5, vista longitudinal da ala sul, 1997 81

Foto 18 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 5, vista longitudinal da ala norte, 1997 81

Foto 19 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 5, vista longitudinal ao longo da ala norte, 1997 82

Foto 20 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 5, ala norte, 1997 82

Foto 21 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 5, vista longitudinal ao longo da ala norte, 1997 83

Foto 22 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 5, laje derruída, 1997 83

Foto 23 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, vista da janela para o exterior (Lisnave), 1997 84

Foto 24 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, vista transversal geral da ala norte, 1997 84

Foto 25 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, pormenor de máquina – tirantes de varas de vime 85

Foto 26 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, vista longitudinal geral da ala norte, 1997 85

Foto 27 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, janela na fachada norte, 1997 86

Foto 28 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, vista transversal do piso, 1997 86

- Foto 29 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, ala norte, 1997 **87**
- Foto 30 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, ala norte, 1997 **87**
- Foto 31 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 4, ala norte, 1997 **88**
- Foto 32 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala sul, 1997 **88**
- Foto 33 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala sul, 1997 **89**
- Foto 34 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala sul, 1997 **89**
- Foto 35 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, vista oblíqua da ala sul, 1997 **90**
- Foto 36 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala norte, 1997 **90**
- Foto 37 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala norte, 1997 **91**
- Foto 38 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala norte, 1997 **91**
- Foto 39 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 3, ala norte, 1997 **92**
- Foto 40 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 2, ala norte, 1997 **92**
- Foto 41 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 2, ala norte, vista transversal, 1997 **93**
- Foto 42 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, ala norte, viga e pilar “capíteto”, 1997 **93**
- Foto 43 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, ala norte, pilar e viga com escora de descarga, 1997 **94**
- Foto 44 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, ala norte, base de pilar, 1997 **94**
- Foto 45 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, ala norte, parede e pilar, 1997 **95**
- Foto 46 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, ala sul, tecto, viga e pilares, 1997 **95**
- Foto 47 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, ala sul, pilares, 1997 **96**
- Foto 48 – Fábrica de moagem do Caramujo, corredor de acesso ao silo, 1997 **96**
- Foto 49 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 0, ala sul, posto de alta tensão, 1997 **97**
- Foto 50 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada norte/oeste, 1997 **97**
- Foto 51 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada oeste, janelas, 1997 **98**
- Foto 52 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada oeste, vão em arco com gelosia, 1997 **98**
- Foto 53 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada oeste, vista no sentido S-N, 1997 **99**
- Foto 54 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada sul, vista em pormenor e cunhal, 1997 **99**
- Foto 55 – Fábrica de moagem do Caramujo, vista da fachada principal, virada ao cais, 1997 **100**
- Foto 56 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada este, principal, virada ao cais, 1997 **100**
- Foto 57 – Fábrica de moagem do Caramujo, vista superior da fachada este e platibanda do terraço, 1997 **101**
- Foto 58 – Fábrica de moagem do Caramujo, vista da fachada este, principal, 1997 **101**
- Foto 59 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada norte, vista superior em pormenor, 1997 **102**
- Foto 60 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada norte, parte superior, 1997 **102**
- Foto 61 – Fábrica de moagem do Caramujo, fachada norte, 1997 **103**
- Foto 62 – Fábrica de moagem do Caramujo, envolvente este, vista no sentido norte-Almada, 1997 **103**
- Foto 63 – Fábrica de moagem do Caramujo, envolvente este, vista no sentido NE-Lisnave, 1997 **104**
- Foto 64 – Fábrica de moagem do Caramujo, envolvente este, vista no sentido SE-Alfeite, 1997 **104**
- Foto 65 – Fábrica de moagem do Caramujo, envolvente este, vista no sentido sul, 1997 **105**
- Foto 66 – Fábrica de moagem do Caramujo, vista da fábrica e do silo, 1997 **105**

Foto 67 – Edifício na Rua Manuel José Gomes: porta e janela de bandeira imposta, 1997 **106**

Foto 68 – Edifício na Rua Manuel José Gomes: janela de bandeira imposta, 1997 **106**

Foto 69 – Panorâmica do estuário do Tejo, 2010 **107**

Foto 70 – Panorâmica do estuário do Tejo, 2010 **107**

Foto 71 – Ruínas de fábrica da cortiça, Margueira, 2010 **108**

1.3.Mapas 116

Mapa 1 – Mapa Google, Cova da Piedade, 2010 **109**

1.4.Plantas 110

Planta 1 – Localização da fábrica de moagem do Caramujo, 1992 **110**

Planta 2 – Localização dos pontos de vista exteriores envolventes da fábrica, 1997 **111**

Planta 3 – Localização dos pontos de vista exteriores da fábrica de moagem do Caramujo, 1997 **112**

Planta 4 – Localização dos pontos de vista interiores da fábrica – piso 0, 1997 **113**

Planta 5 – Localização dos pontos de vista interiores da fábrica – piso 1, 1997 **114**

Planta 6 – Localização dos pontos de vista interiores da fábrica – piso 2, 1997 **115**

Planta 7 – Localização dos pontos de vista interiores da fábrica – piso 3, 1997 **116**

Planta 8 – Localização dos pontos de vista interiores da fábrica – piso 4, 1997 **117**

Planta 9 – Localização dos pontos de vista interiores da fábrica – piso 5, 1997 **118**

Planta 10 – Localização dos pontos de vista interiores da fábrica – piso 6 – terraço, 1997 **119**

Planta 11 – Localização da fábrica de moagem do Caramujo e envolvente, 2009 **120**

1.1.Figuras



Figura 1 – Carta do local do Caramujo e envolvente próxima, 1976 (fonte: DAU-Câmara Municipal de Almada)



Figura 2 – *Boletim Municipal*, nº53, Outubro 2000, Câmara Municipal de Almada, capa

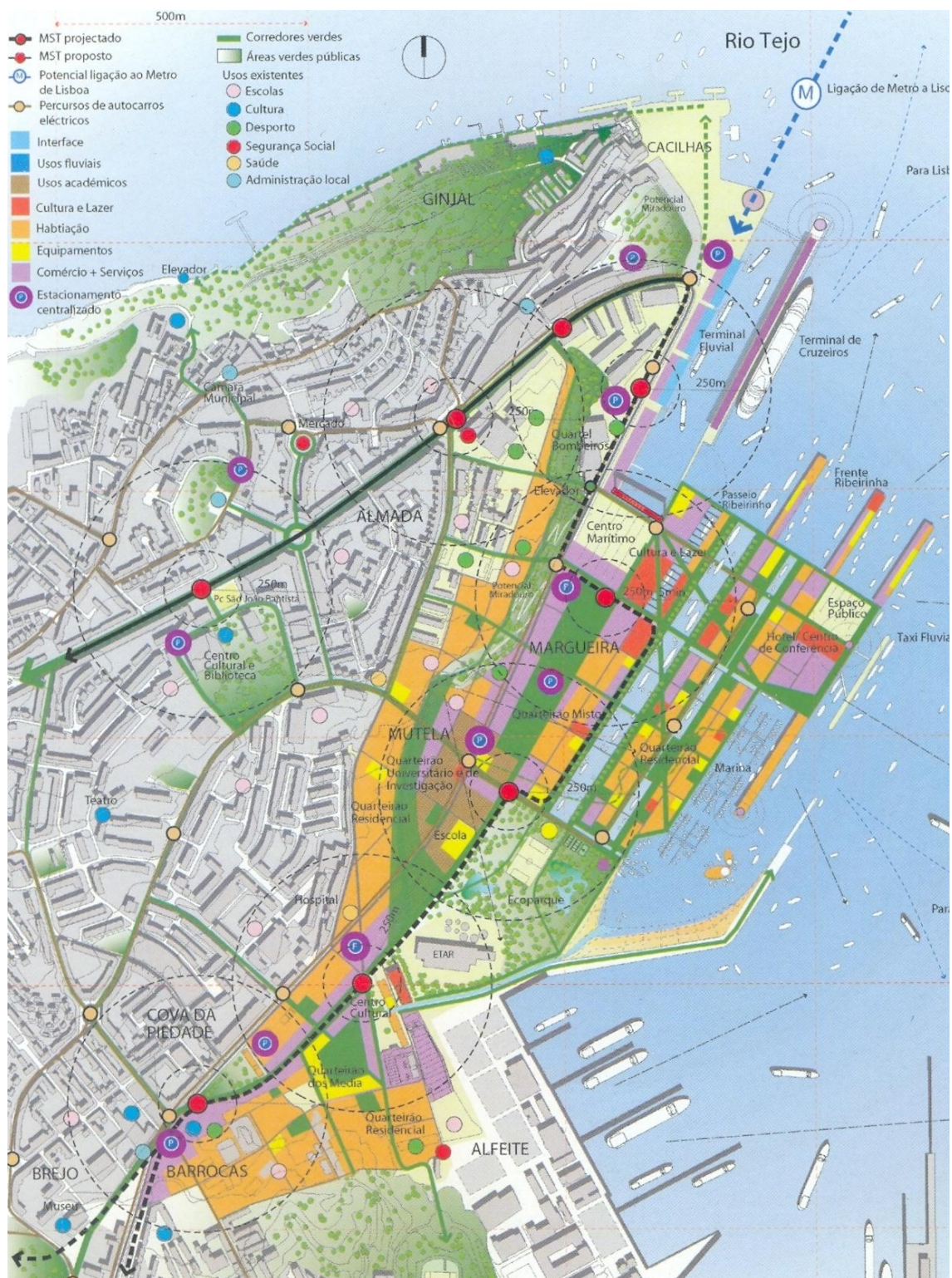


Figura 3 – Plano de urbanização da frente ribeirinha nascente – Almada, 2009 (acessível em <http://www.m-almada.pt>)

SOCIEDADE INDUSTRIAL

aliança

•

INDÚSTRIAS DE
M O A G E M
MASSAS ALIMENTÍCIAS
CHOCOLATES
BOLACHAS
CONFEITARIA

FILIAL NO PORTO
Rua Santos Pousada, 338
Telef. 52083

DEPÓSITO EM COIMBRA
Rua Dr. Manuel Rodrigues, 2 e 4
Telef. 23761

SEDE
Travessa da Praia, 1 • Telef. 630165
LISBOA

Figura 4 – Anúncio da Sociedade Industrial Aliança, *Boletim da FNIM*, Ano II, Nº8, Outubro de 1959



DROPS
BOMBONS
BOLACHAS
CAMELOS
CHOCOLATES
MASSAS ALIMENTÍCIAS

produtos da
mais alta
qualidade

aliança

SOC. IND. ALIANÇA • Trv. da Praia nº1, 1ª Junqueira • TELEF. 630164
LISBOA 3

Figura 5 – Anúncio da Sociedade Industrial Aliança, *Boletim da FNIM*, Ano XV, Nº58, Abril de 1972

1.2.Fotos

Apresentamos aqui um elenco escolhido de fotos da fábrica de moagem do Caramujo a partir das cerca de cinco centenas que compõem o levantamento fotográfico do processo que consultamos na Direcção Regional de Cultura e Vale do Tejo – processo DRL-92/3(2).

Estas imagens foram obtidas através da digitalização de fotocópia do original o que causou menor qualidade visual.

As fotos estão identificadas através das referências constantes no processo, nomeadamente filme ou rolo, e numeradas.

Na opção dos critérios de selecção procuramos optar pela não repetição da perspectiva do fotógrafo, pela captação e transmissão do maior número de pormenores identificativos e variados dos pisos e envolventes.

As plantas dos pisos, que se reproduzem igualmente neste volume, têm a referência numérica das respectivas fotos do processo e constituem uma fonte de conhecimento das perspectivas escolhidas pelo arq. José Russo aquando do levantamento fotográfico



Foto 1 – Fachada este, principal, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 938, negativo nº 13; autor: arq. José Russo)



Foto 2 – Fachada este, principal, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 938, negativo nº 15; autor: arq. José Russo)

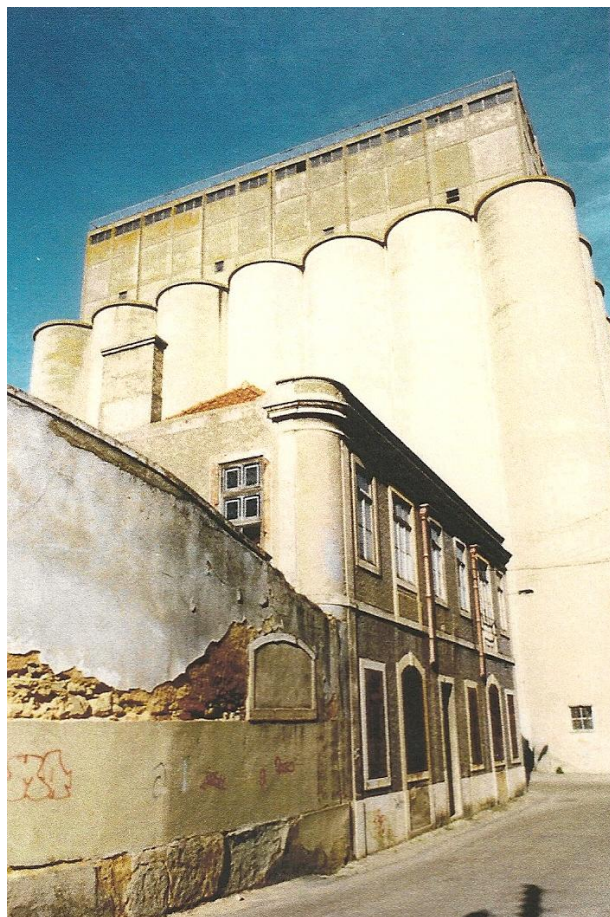


Foto 3 – Edifício e silo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 938, negativo nº 33; autor: arq. José Russo)



Foto 4 – Piso 0, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 937, negativo nº 10; autor: arq. José Russo)

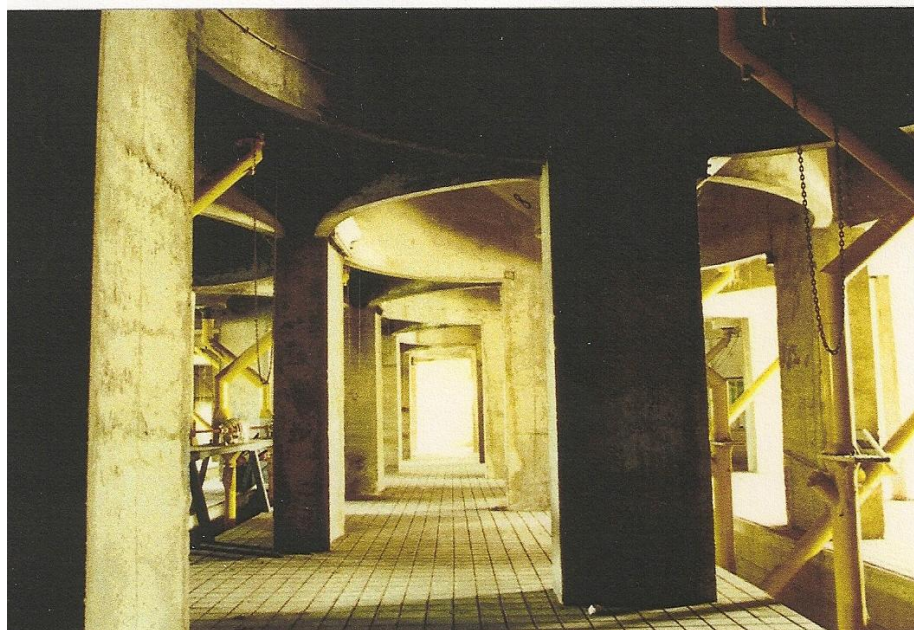


Foto 5 – Silos, vista interior, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 937, negativo nº 11; autor: arq. José Russo)

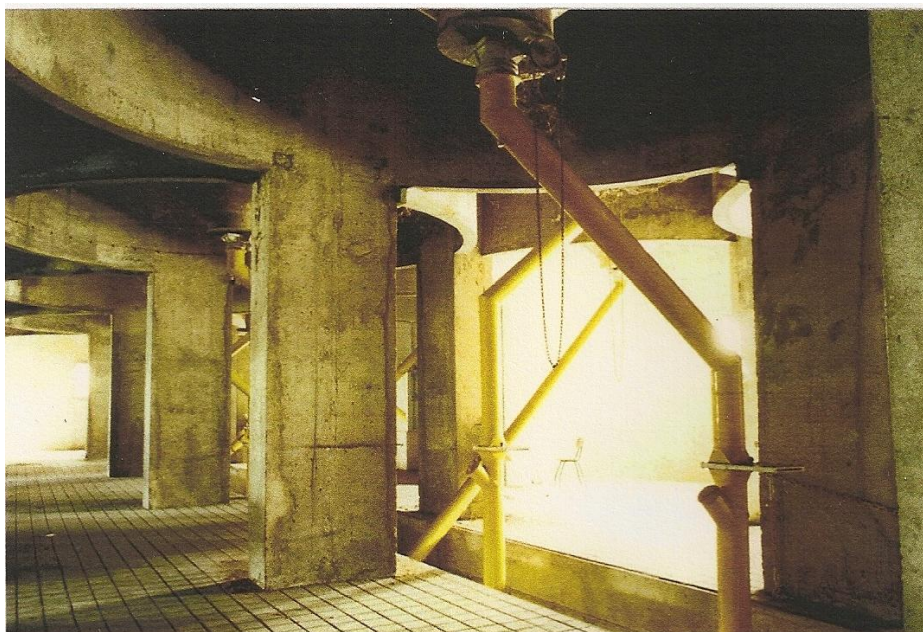


Foto 6 – Silos, vista interior, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 937, negativo nº 12; autor: arq. José Russo)



Foto 7 – Piso 1, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 936, negativo nº 21; autor: arq. José Russo)



Foto 8 – Piso 0, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 936, negativo nº 22; autor: arq. José Russo)



Foto 9 – Piso 3, ala norte, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 935, negativo nº 1; autor: arq. José Russo)



Foto 10 – Piso 3, ala norte, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 935, negativo nº 2; autor: arq. José Russo)

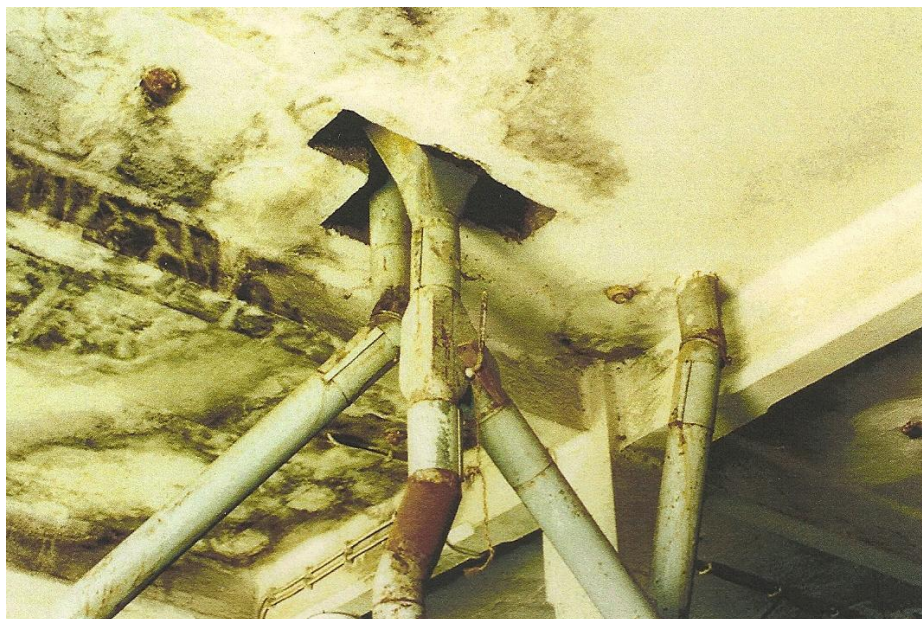


Foto 11 – Piso 3, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 935, negativo nº 35; autor: arq. José Russo)

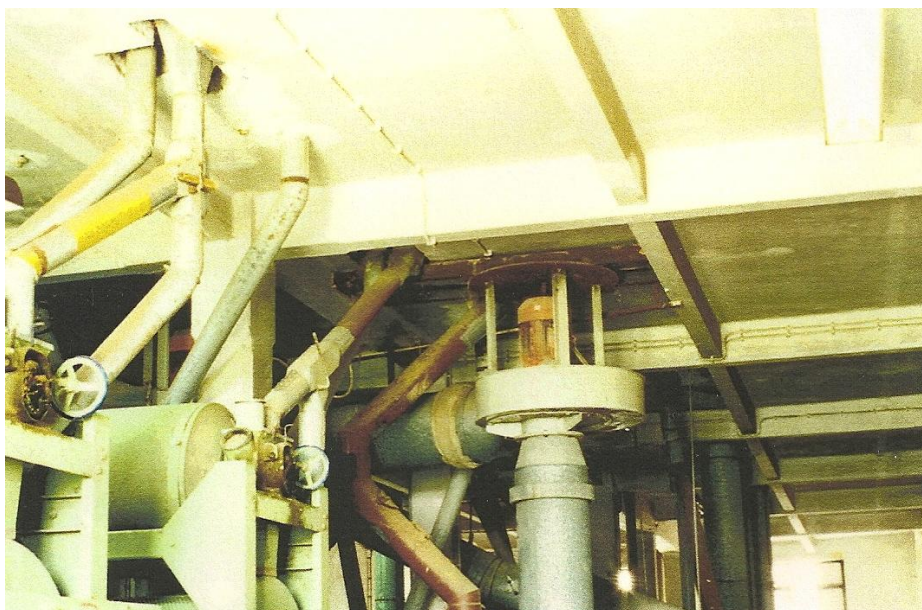


Foto 12 – Piso 3, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto sem número, filme nº 935, negativo nº 36; autor: arq. José Russo)

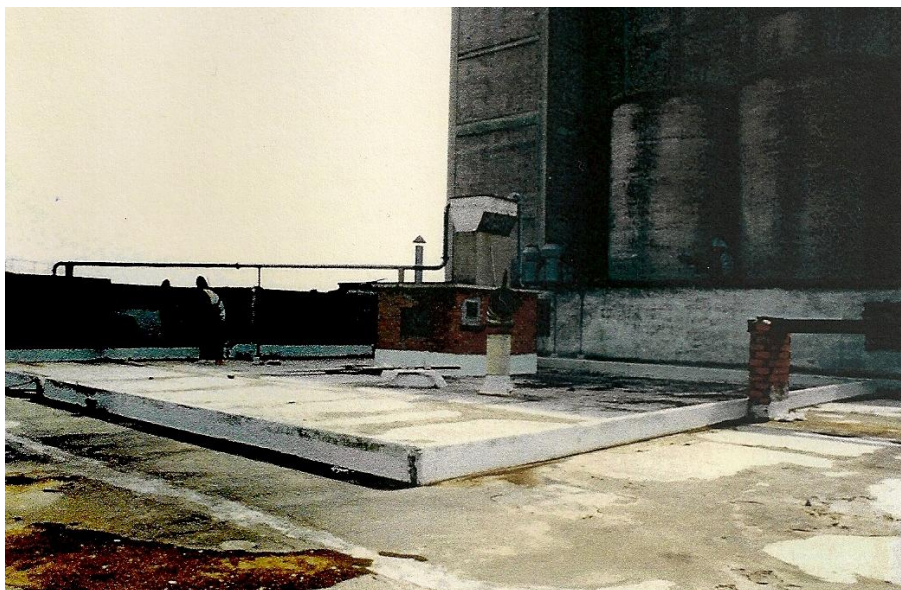


Foto 13 – Piso 6 (terraço), vista oblíqua, tanque de água e silos, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 106, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 14 – Piso 6 (terraço), boca de ventilação com manga móvel e leme direccional, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 108, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 15 – Piso 6 (terraço), vista e bocas de ventilação com manga móvel e leme direccional, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 109, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 16 – Escadas do piso 5 para 6 (terraço), 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 110, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 17 – Piso 5, vista longitudinal da ala sul (sentido este-oeste) e escada em ferro de acesso ao piso 6 (terraço), 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 111, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 18 – Piso 5, vista longitudinal da ala norte (sentido este-oeste), 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 113, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 19 – Piso 5, vista longitudinal ao longo da ala norte (sentido oeste-este), 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 114, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 20 – Piso 5, vista picada sobre recorte na laje (ala norte), 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 116, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 21 – Piso 5, vista picada sobre recorte na laje, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 118, rolo 1; autor: arq. José Russo)

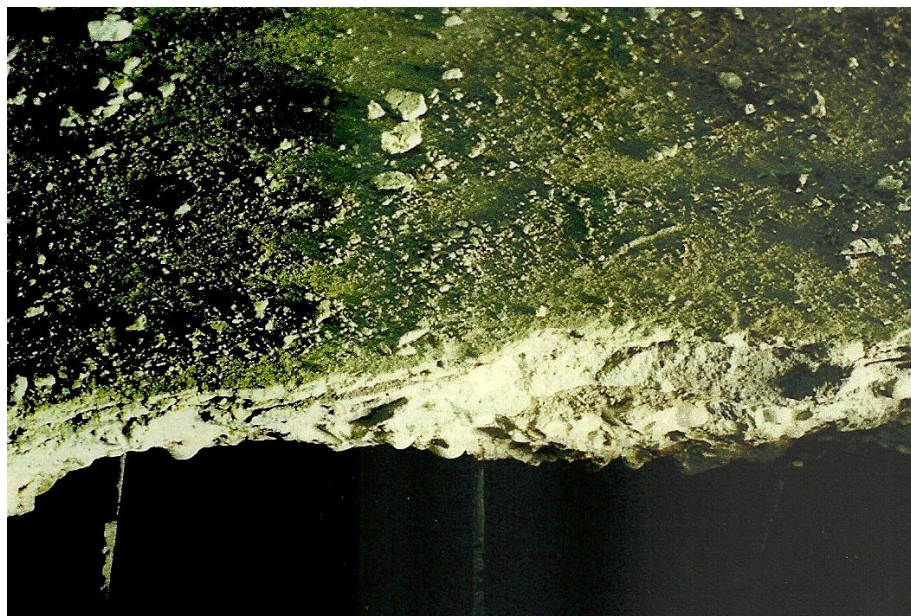


Foto 22 – Piso 5, laje derruída com buraco, mostrando seixos rolados do rio, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 120, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 23 – Piso 4, vista de janela para o exterior (Lisnave), 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 122, rolo 1; autor: arq. José Russo)

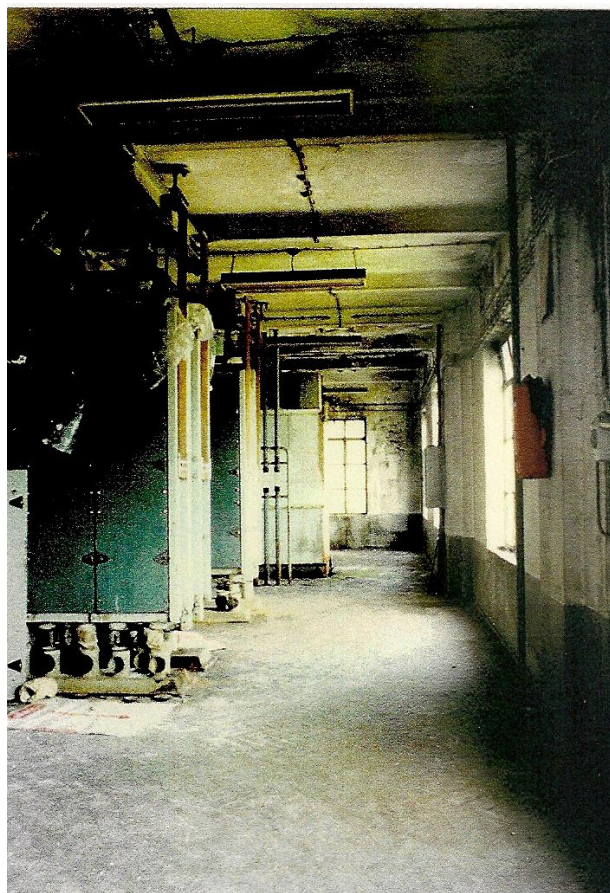


Foto 24 – Piso 4, vista transversal geral da ala norte, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 124, rolo 1; autor: arq. José Russo)

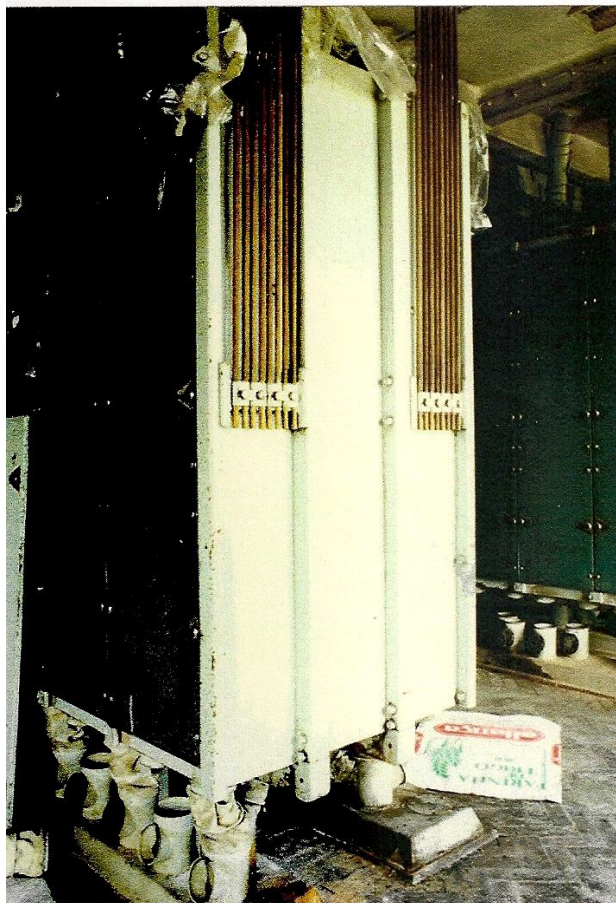


Foto 25 – Piso 4, pormenor de máquina – tirantes de varas de vime, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 125, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 26 – Piso 4, vista longitudinal geral da ala norte, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 126, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 27 – Piso 4, janela na fachada norte, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 127, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 28 – Piso 4, vista transversal do piso com recorte na laje (sentido norte-sul), 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 128, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 29 – Piso 4, ala norte, tecto, cruzamento de pilar e vigas, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 131, rolo 1; autor: arq. José Russo)

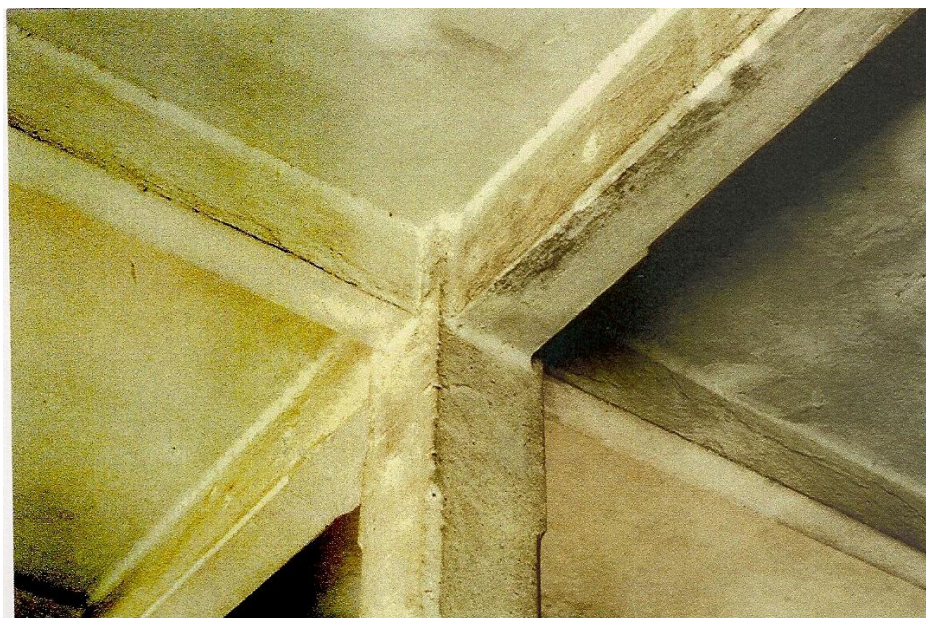


Foto 30 – Piso 4, ala norte, tecto, cruzamento de pilar e vigas, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 132, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 31 – Piso 4, ala norte, tecto, cruzamento de vigas, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 134, rolo 1; autor: arq. José Russo)

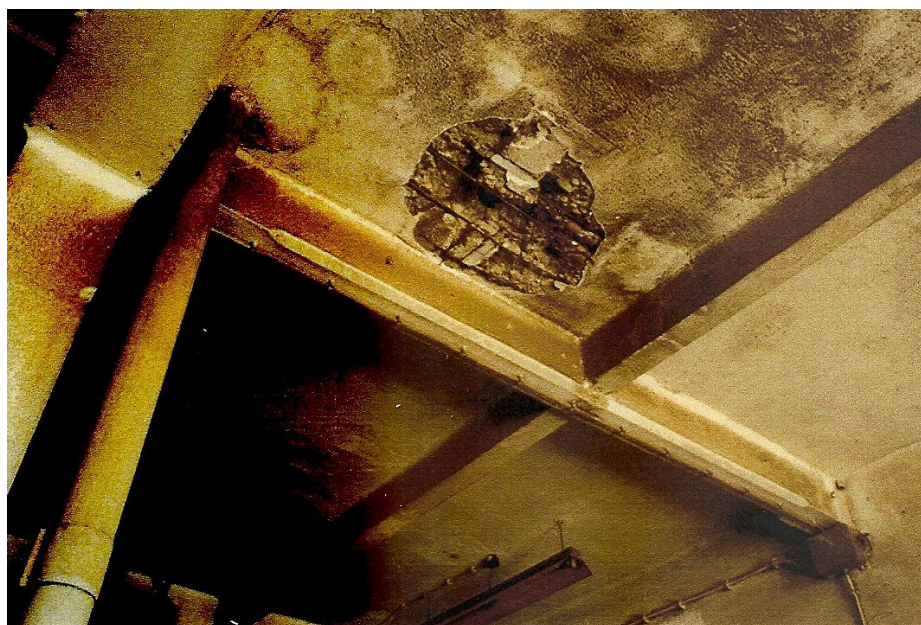


Foto 32 – Piso 3, ala sul, laje derruída, mostrando seixos rolados do rio e ferro, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 203, rolo 2; autor: arq. José Russo)



Foto 33 – Piso 3, ala sul, laje derruída, vista mais aproximada que na foto anterior, mostrando seixos rolados do rio e ferro, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 204, rolo 2; autor: arq. José Russo)

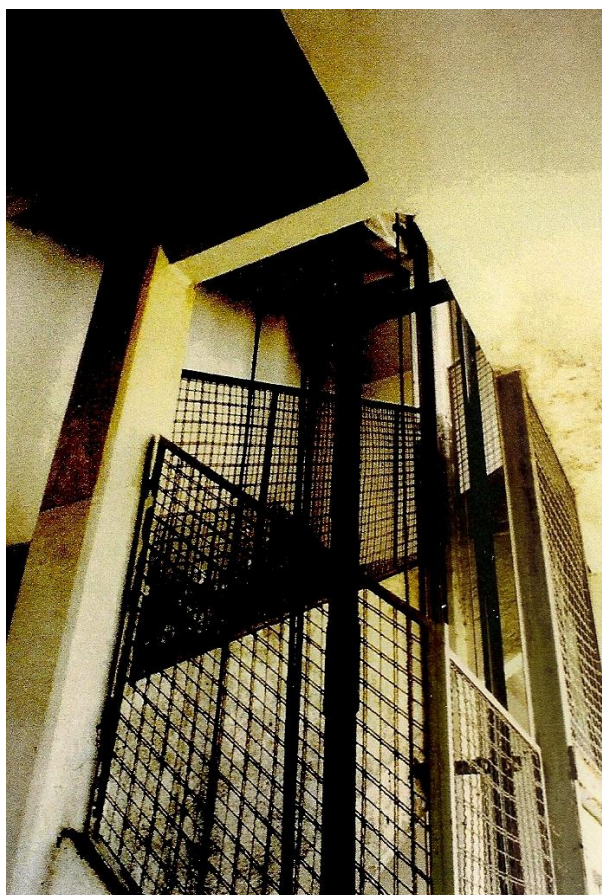


Foto 34 – Piso 3, ala sul, escadas e caixa de elevador, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 205, rolo 2; autor: arq. José Russo)



Foto 35 – Piso 3, vista oblíqua da ala sul (sentido SE-NO), 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 206, rolo 2; autor: arq. José Russo)

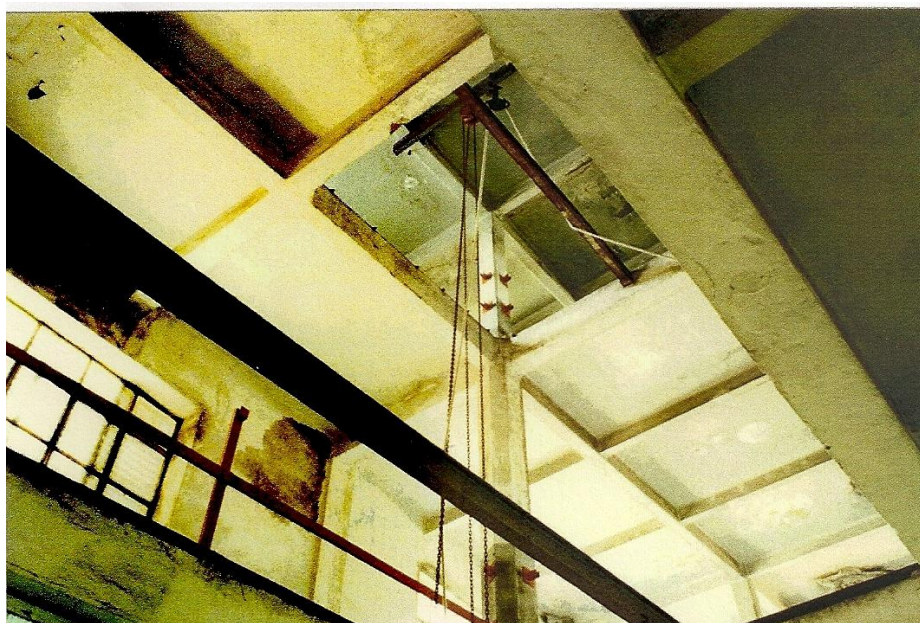


Foto 36 – Piso 3, ala norte, vista contra-picada sob recorte na laje, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 103, rolo 1; autor: arq. José Russo)



Foto 37 – Piso 3, ala norte, vista contra-picada sob recortes na laje, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 210, rolo 2; autor: arq. José Russo)

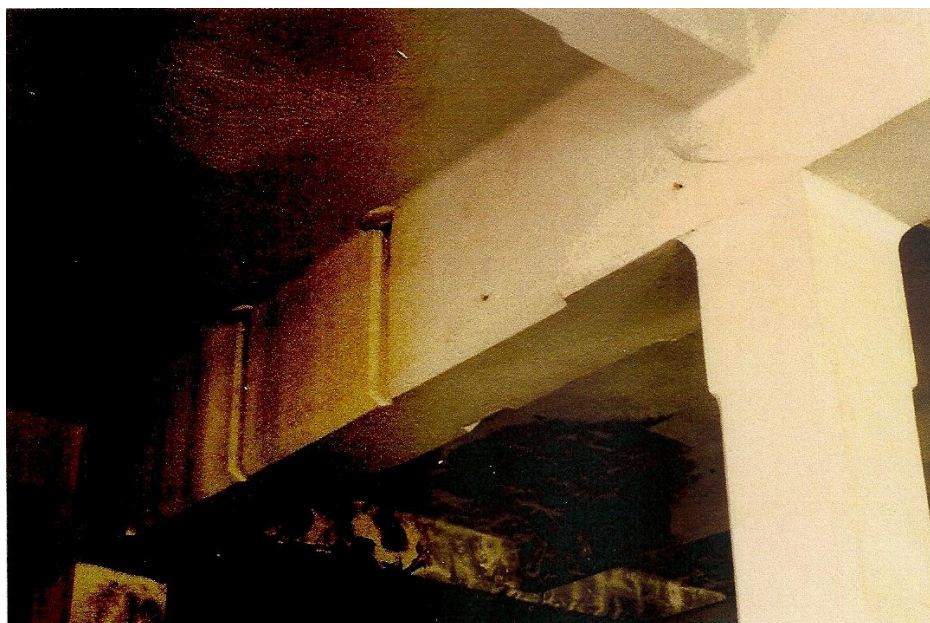


Foto 38 – Piso 3, ala norte, tecto e vigamento com furos, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 214, rolo 2; autor: arq. José Russo)

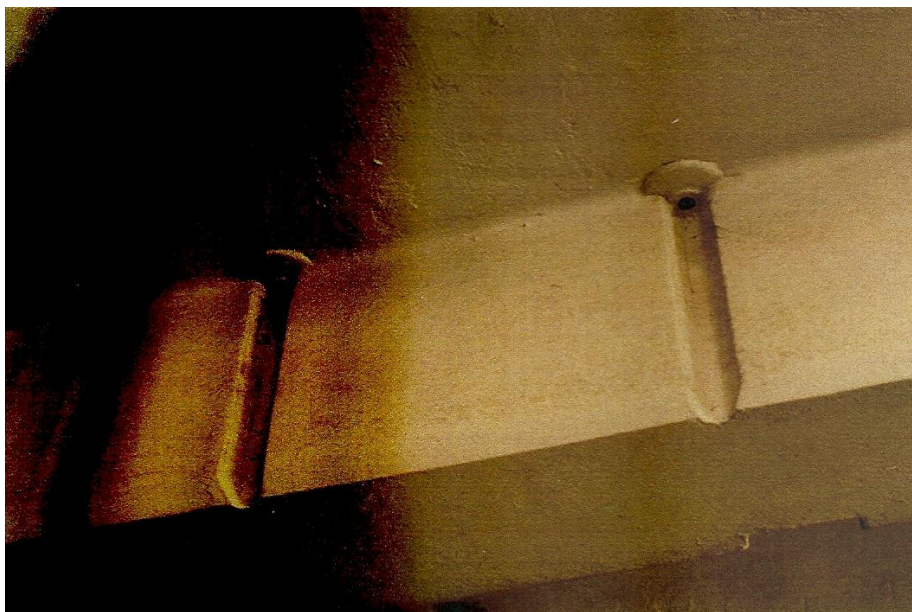


Foto 39 – Piso 3, ala norte, tecto e vigamento com furos, vista mais aproximada que na foto anterior, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 213, rolo 2; autor: arq. José Russo)

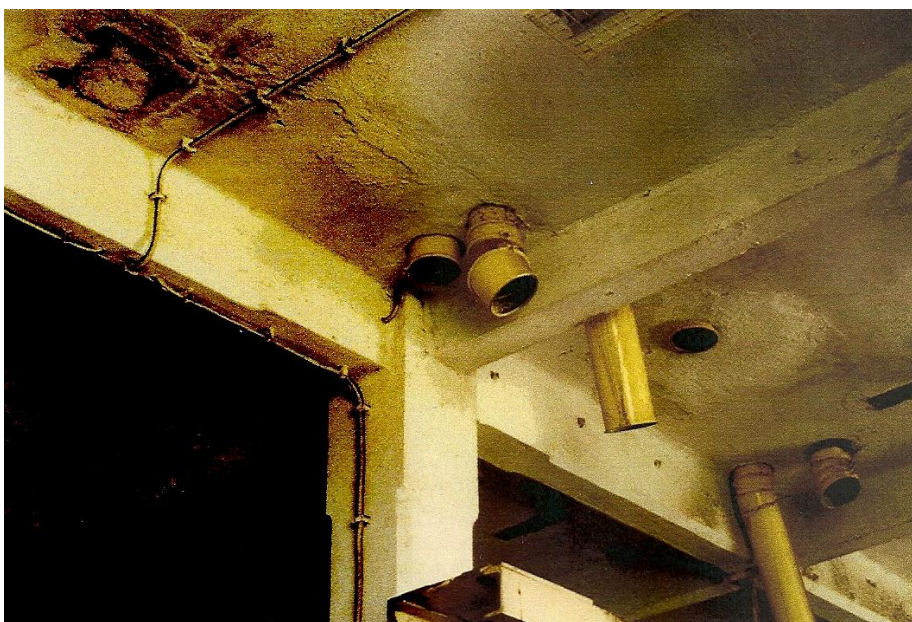


Foto 40 – Piso 2, ala norte, tecto e tubos enfiados na laje, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 216, rolo 2; autor: arq. José Russo)



Foto 41 – Piso 2, ala norte, vista transversal, no sentido sul-norte, passagem para o edifício de armazém, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 218, rolo 2; autor: arq. José Russo)



Foto 42 – Piso 0, ala norte, viga e pilar “capiteto”, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 223, rolo 2; autor: arq. José Russo)



Foto 43 – Piso 0, ala norte, pilar e viga com escora de descarga, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 225, rolo 2; autor: arq. José Russo)



Foto 44 – Piso 0, ala norte²², base de pilar, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 227, rolo 2; autor: arq. José Russo)

²² Na legenda da foto no processo consta ala sul; no índice do elenco de fotos consta ala norte, na sequência de outras fotos anteriores e outras posteriores

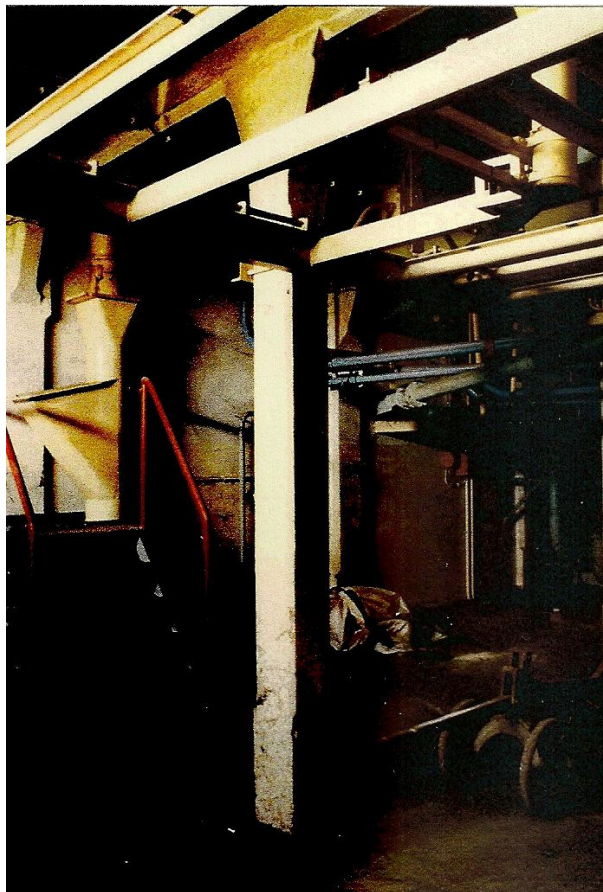


Foto 45 – Piso 0, ala norte, parede e pilar, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 229, rolo 2; autor: arq. José Russo)



Foto 46 – Piso 0, ala sul, tecto, viga e pilares, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 234, rolo 2; autor: arq. José Russo)



Foto 47 – Piso 0, ala sul, pilares, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto n° 302, rolo 3; autor: arq. José Russo)

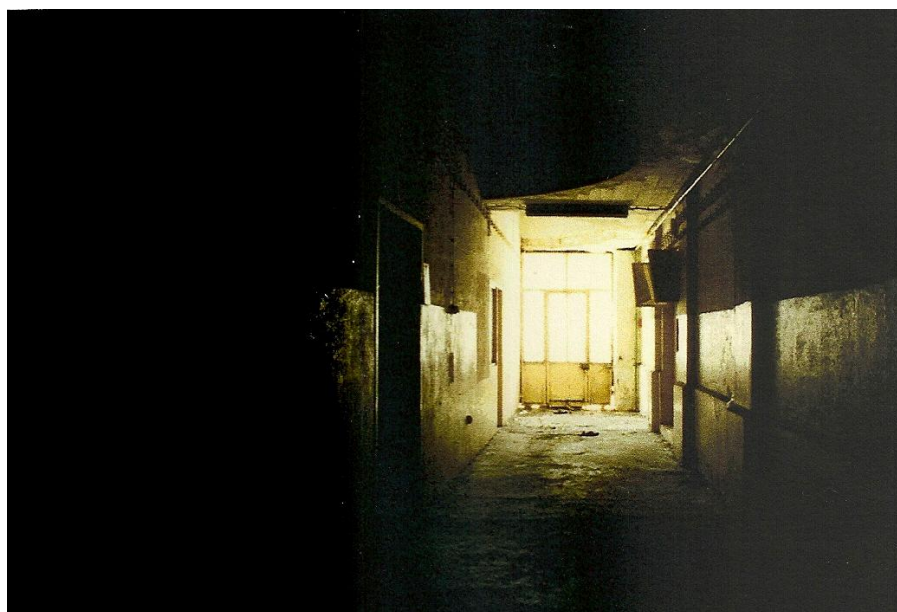


Foto 48 – Corredor que separa a fábrica do silo na ala sul e lhe dá acesso; ao fundo podemos ver a porta de entrada directa do exterior, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto n° 307, rolo 3; autor: arq. José Russo)



Foto 49 – Piso 0, ala sul, posto de alta tensão, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 309, rolo 3; autor: arq. José Russo)

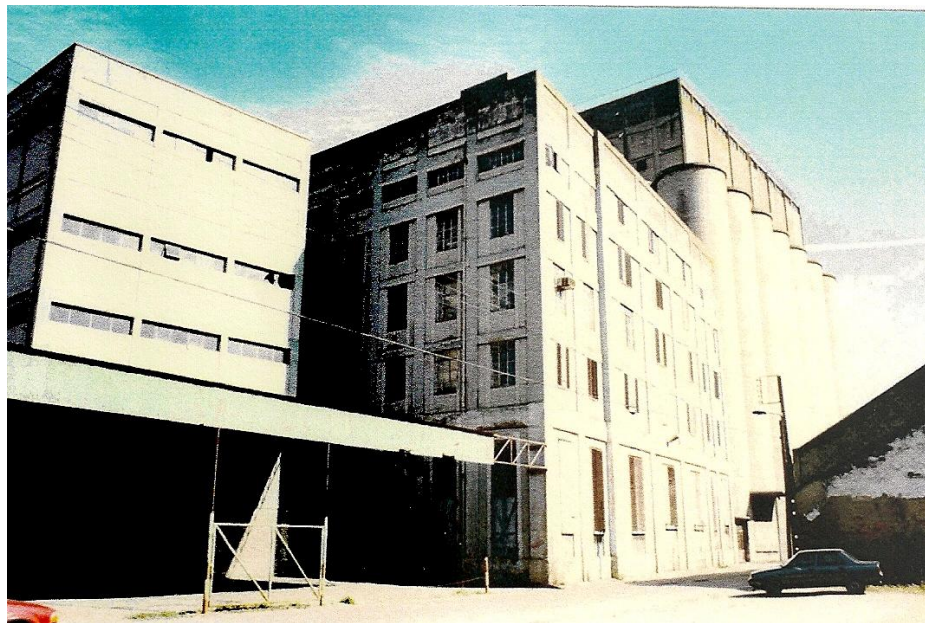


Foto 50 – Fachada norte/oeste, vista da Rua Manuel José Gomes, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 317, rolo 3; autor: arq. José Russo)

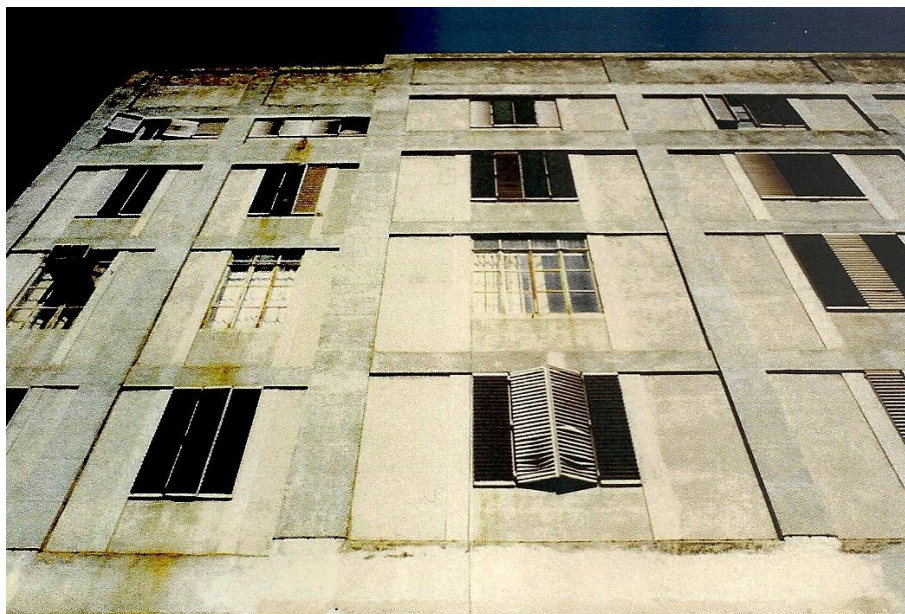


Foto 51 – Fachada oeste, posterior,²³ janelas, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 321, rolo 3; autor: arq. José Russo)



Foto 52 – Fachada oeste, posterior, vão em arco com gelsias, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 325, rolo 3; autor: arq. José Russo)

²³ Embora no índice de fotos do processo da DRCLVT esteja mencionada como fachada principal, esta é a vista da fachada posterior, virada para a Rua Manuel José Gomes; a fachada principal apresenta janelas de configuração diferente e sem gelsias



Foto 53 – Fachada oeste, vista no sentido S-N, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 326, rolo 3; autor: arq. José Russo)



Foto 54 – Fachada sul, vista em pormenor e cunhal, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 327, rolo 3; autor: arq. José Russo)



Foto 55 – Vista da fachada principal, silo e armazéns, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 336, rolo 3; autor: arq. José Russo)

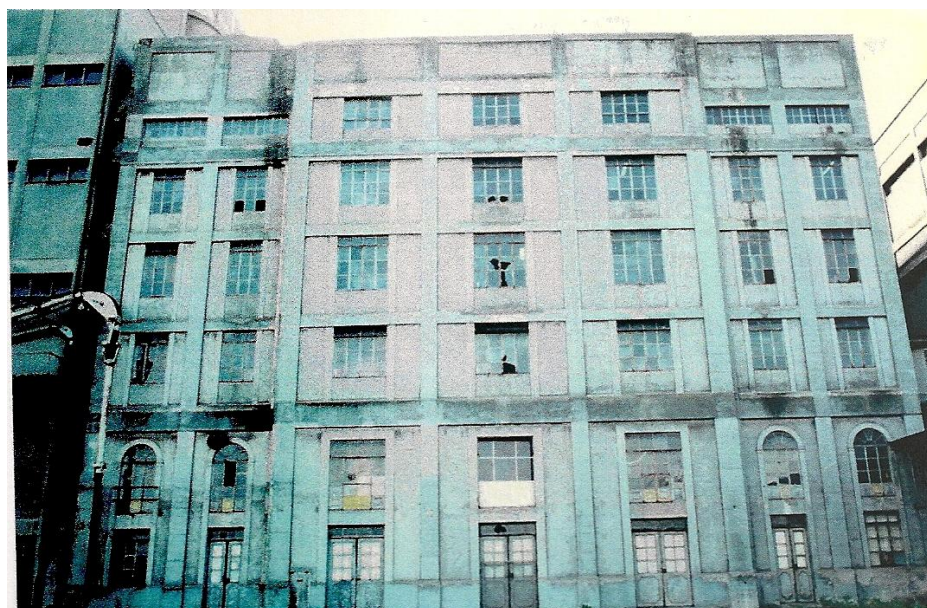


Foto 56 – Fachada este, principal, virada ao cais, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 406, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 57 – Vista superior da fachada este e platibanda do terraço, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 405, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 58 – Vista da fachada este, principal, e lajeado do antigo cais, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 414, rolo 4; autor: arq. José Russo)

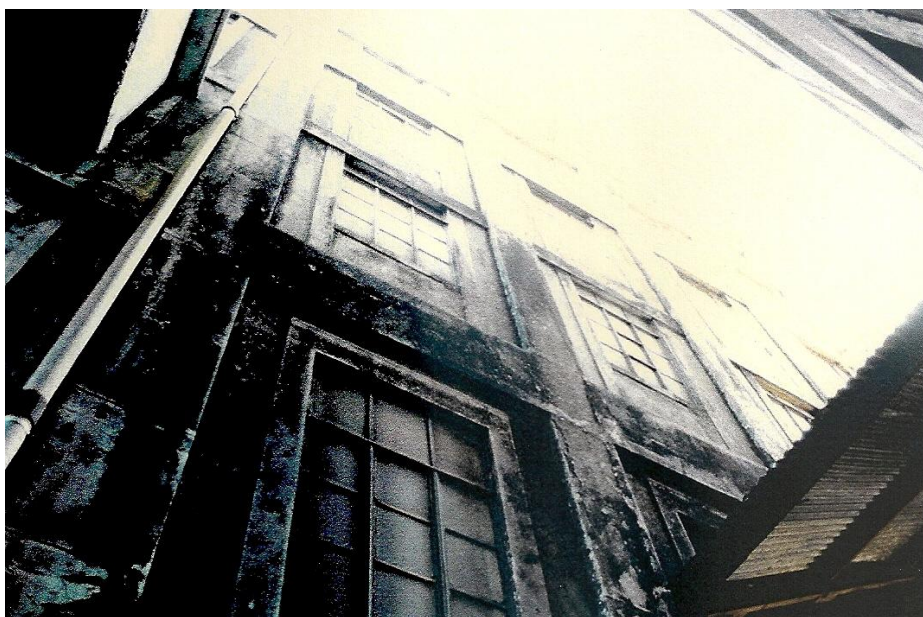


Foto 59 – Fachada norte, vista superior em pormenor e platibanda do terraço, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 417, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 60 – Fachada norte, parte superior, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 421, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 61 – Fachada norte, pormenor de viga mostrando seixos rolados do rio, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 428, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 62 – Envolvente este, vista no sentido norte – Almada, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 409, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 63 – Envolvente este, vista no sentido NE – Lisnave, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 410, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 64 – Envolvente este, vista no sentido SE – Alfeite, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 411, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 65 – Envolvente este, vista no sentido sul, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 412, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 66 – Vista da fábrica e do silo a partir da Rua Tenente Valadim, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 436, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 67 – Edifício na Rua Manuel José Gomes: porta e janela de bandeira imposta, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 432, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 68 – Edifício na Rua Manuel José Gomes: janela de bandeira imposta, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2); foto nº 431, rolo 4; autor: arq. José Russo)



Foto 69 – Panorâmica do estuário do Tejo, a partir de Almada, do edifício da SAP, podendo ver-se a Lisnave, Março 2010 (Autora: Conceição Toscano)

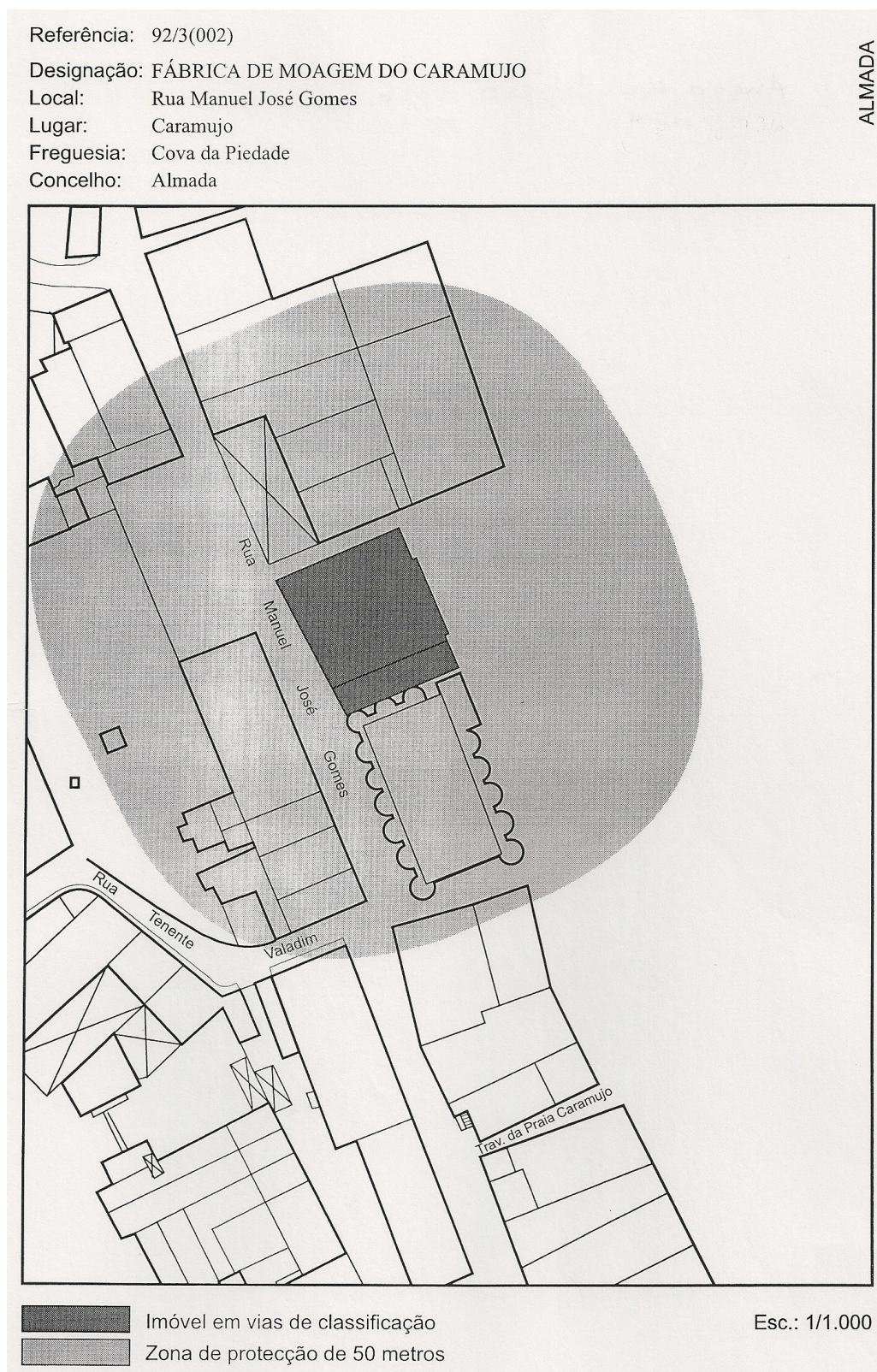


Foto 70 - Panorâmica do estuário do Tejo, diferente ângulo, podendo ver-se a Lisnave, Março 2010 (Autora: Conceição Toscano)

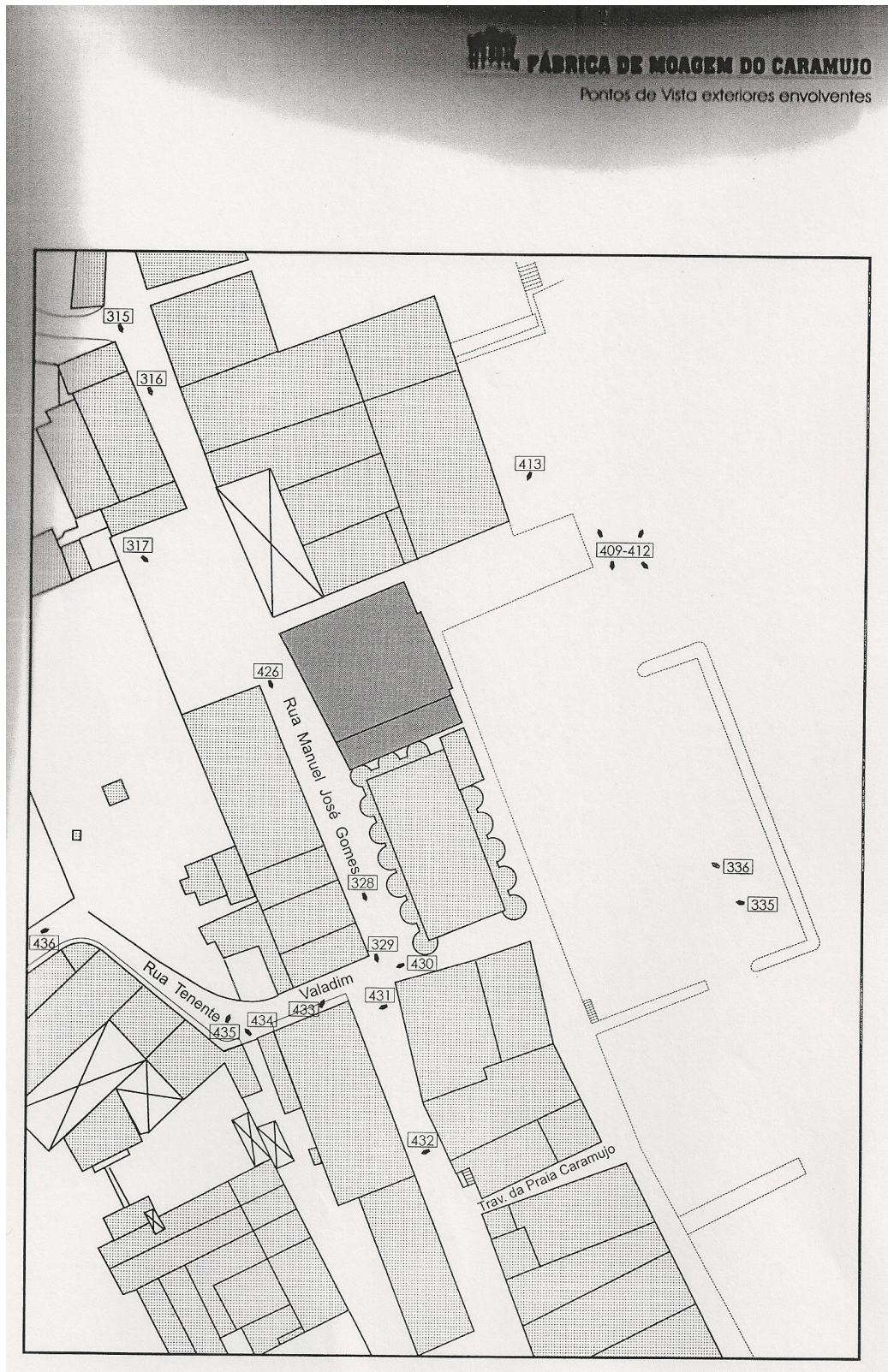


Foto 71 – Ruínas da fábrica de cortiça, no morro de Cacilhas, Margueira, sobranceiro à Lisnave, panorâmica a partir da Escola Secundária Cacilhas-Tejo, Janeiro 2010 (Autora: Conceição Toscano)

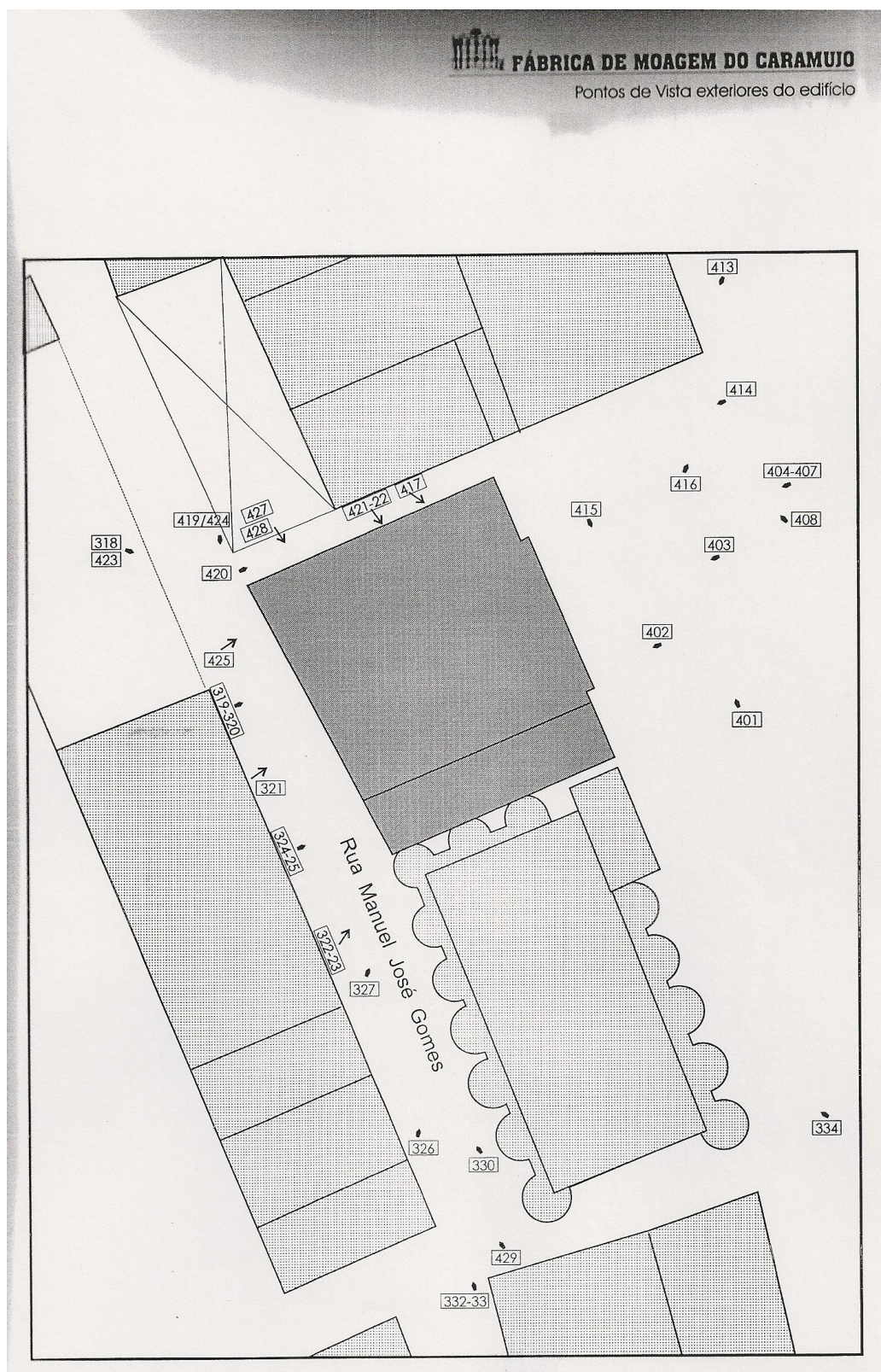
1.4.Plantas



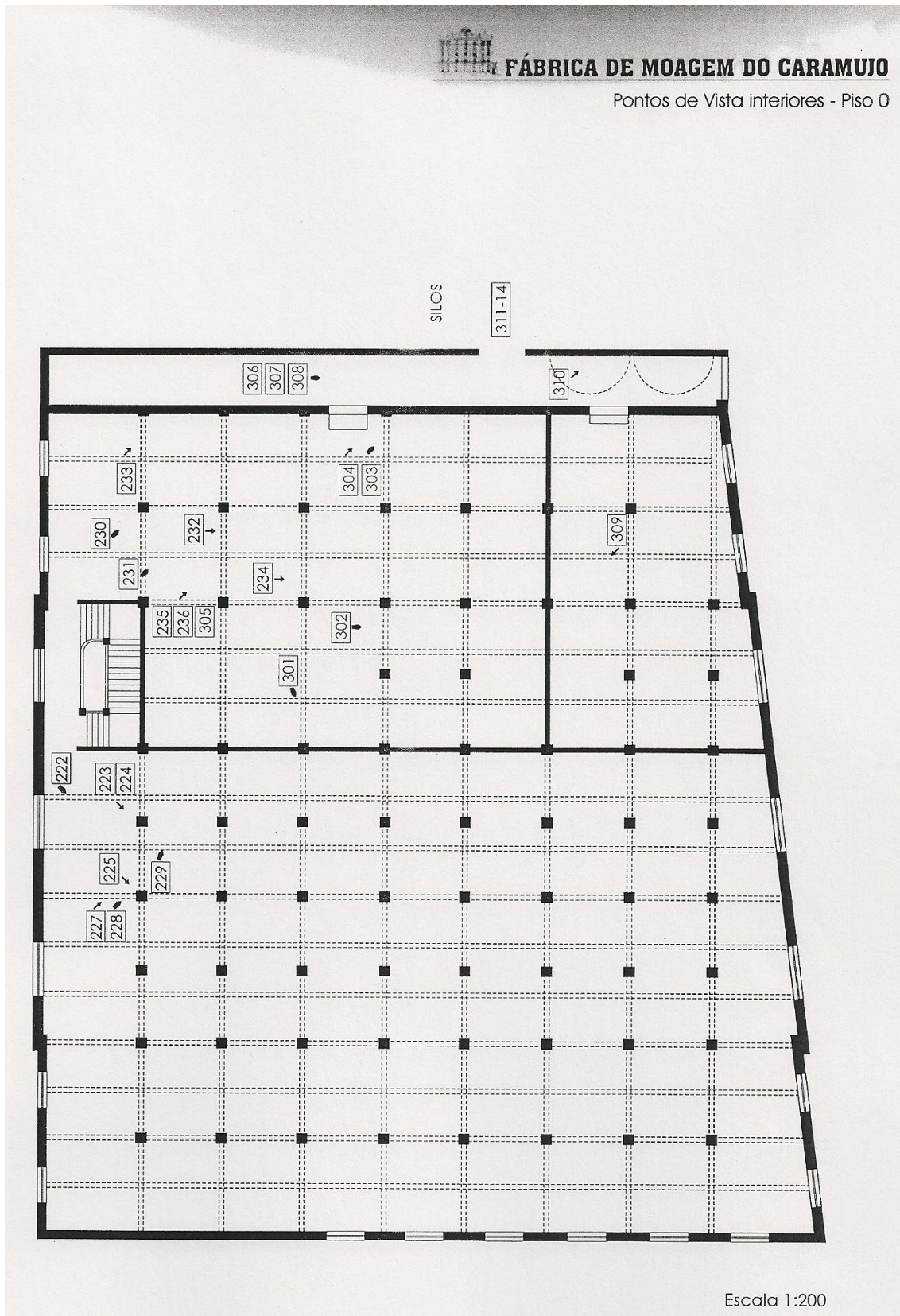
Planta 1 – Planta da localização da fábrica de moagem do Caramujo, envolvente e possível zona de protecção, 1992 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2), anexo ao ofício 1316)



Planta 2 – Planta da localização dos pontos de vista exteriores envolventes da fábrica de moagem do Caramujo, estando indicados os números das fotos do processo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



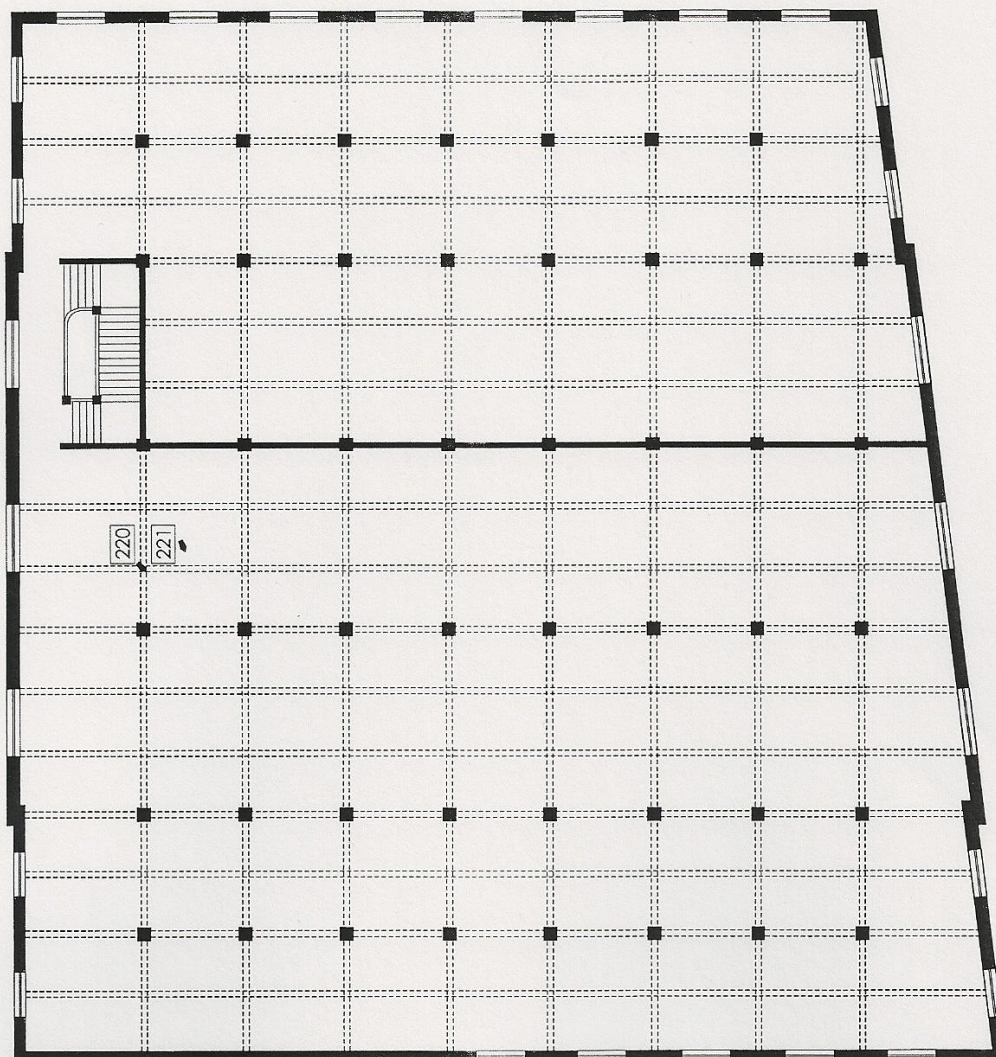
Planta 3 – Planta da localização dos pontos de vista exteriores da fábrica de moagem do Caramujo, estando indicados os números das fotos do processo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



Planta 4 – Planta da localização dos pontos de vista interiores da fábrica de moagem do Caramujo – piso 0, estando indicados os números das fotos do processo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

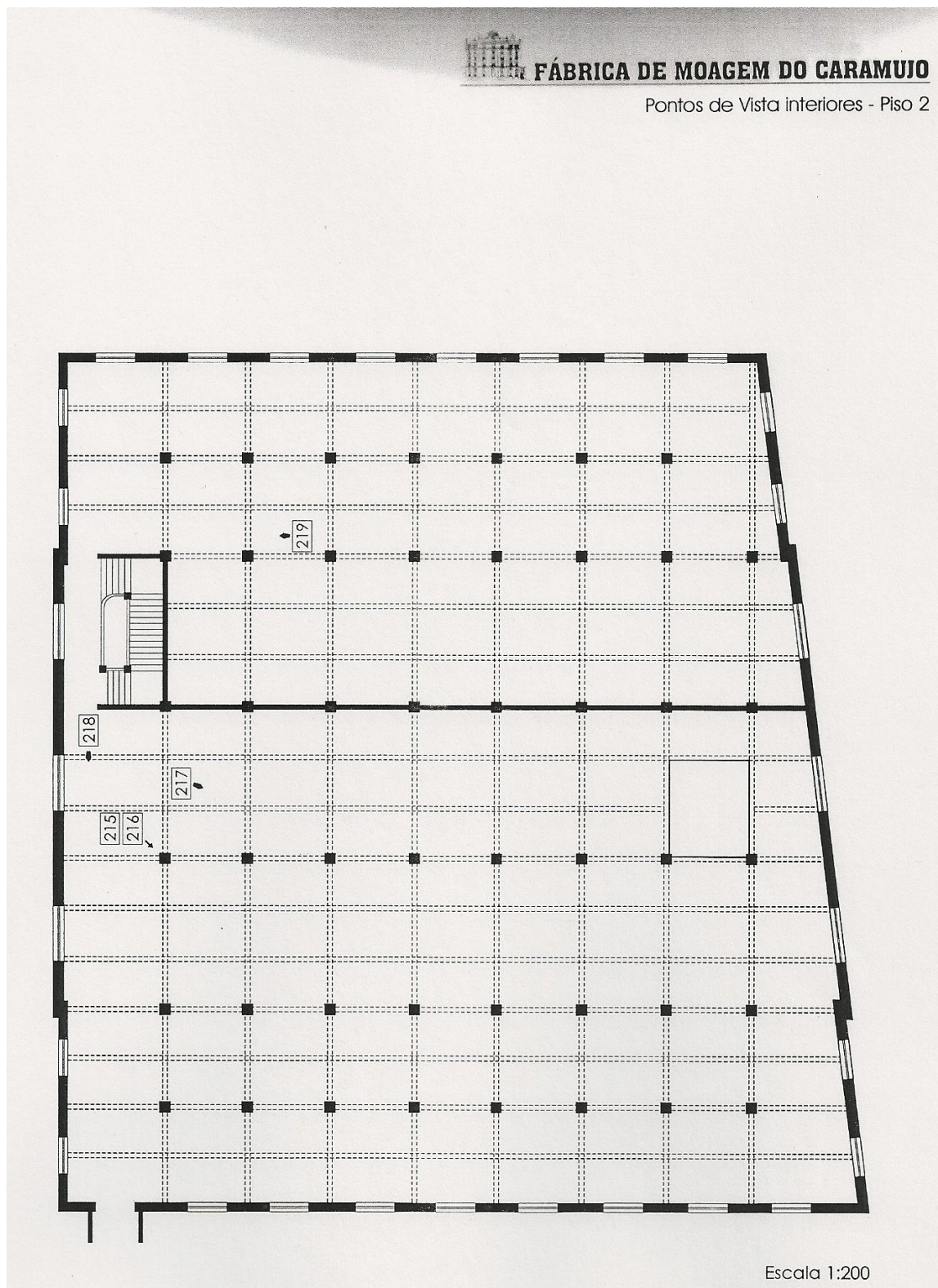
**FÁBRICA DE MOAGEM DO CARAMUJO**

Pontos de Vista interiores - Piso 1



Escala 1:200

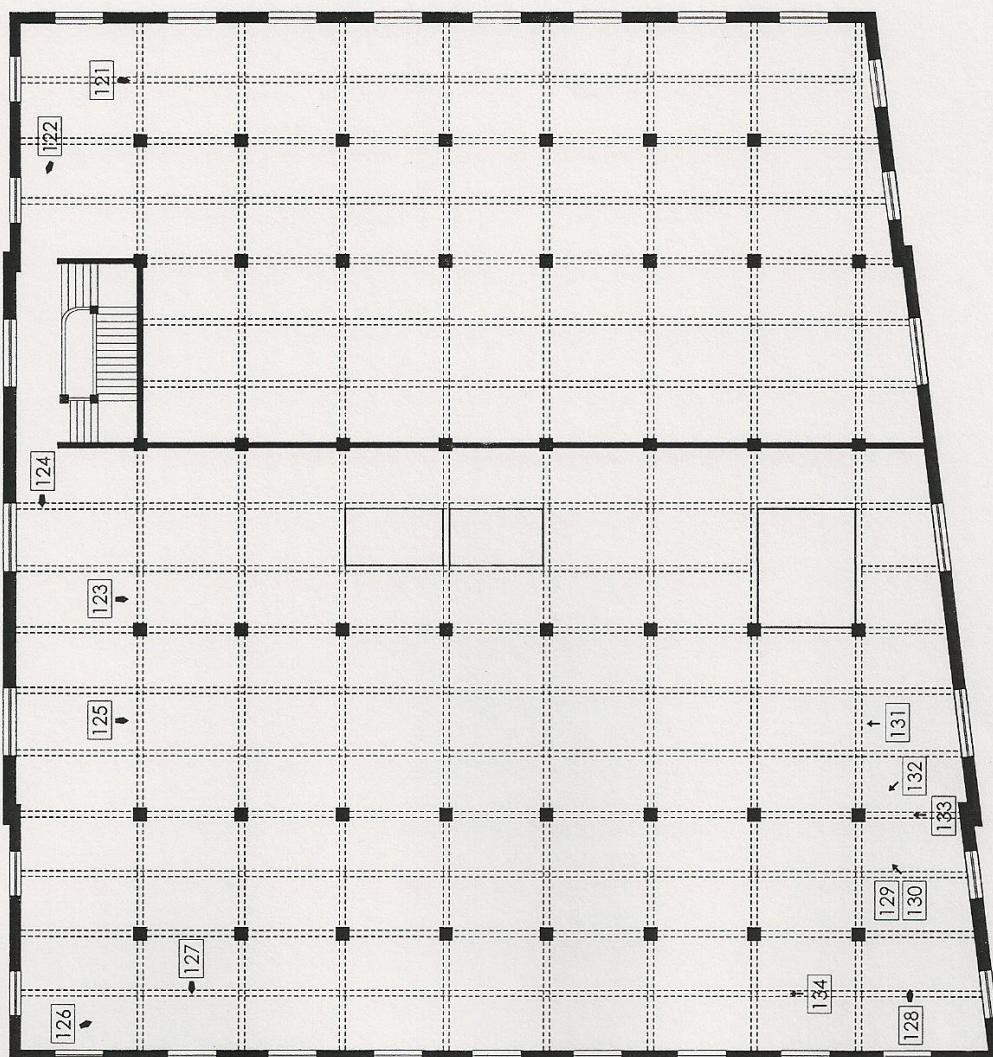
Planta 5 – Planta da localização dos pontos de vista interiores da fábrica de moagem do Caramujo – piso 1, estando indicados os números das fotos do processo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



Planta 6 – Planta da localização dos pontos de vista interiores da fábrica de moagem do Caramujo – piso 2, estando indicados os números das fotos do processo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

**FÁBRICA DE MOAGEM DO CARAMUJO**

Pontos de Vista interiores - Piso 4

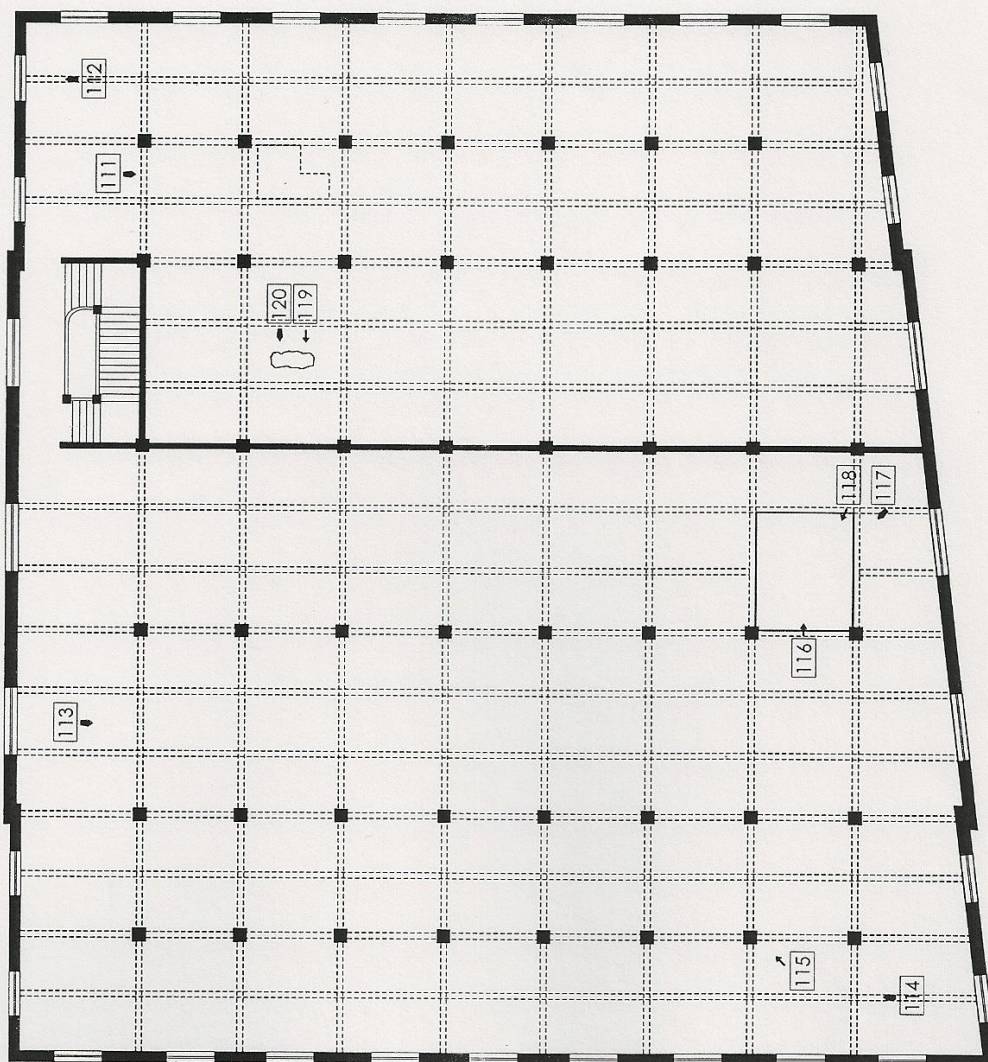


Escala 1:200

Planta 8 – Planta da localização dos pontos de vista interiores da fábrica de moagem do Caramujo – piso 4, estando indicados os números das fotos do processo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

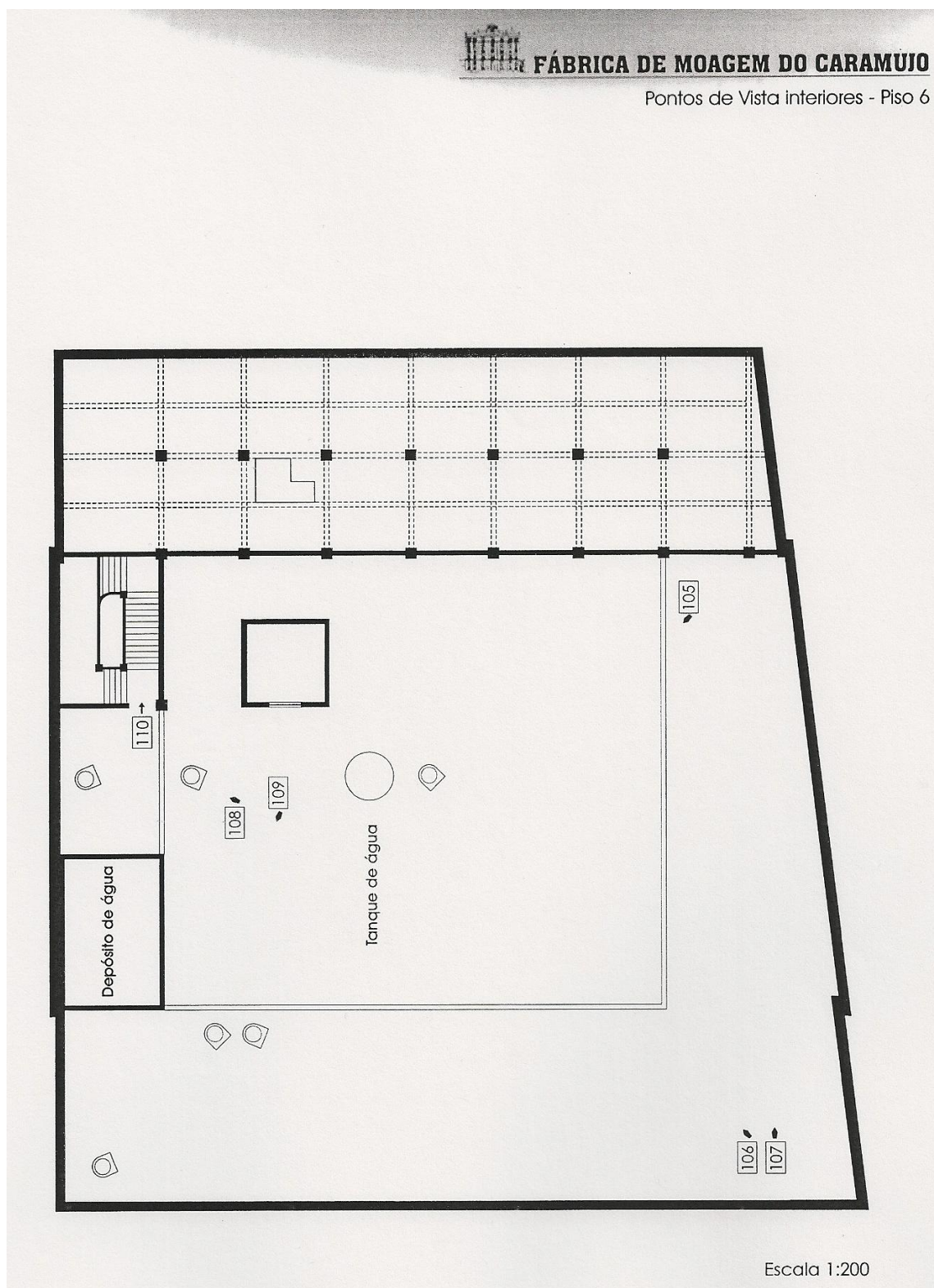
**FÁBRICA DE MOAGEM DO CARAMUJO**

Pontos de Vista interiores - Piso 5

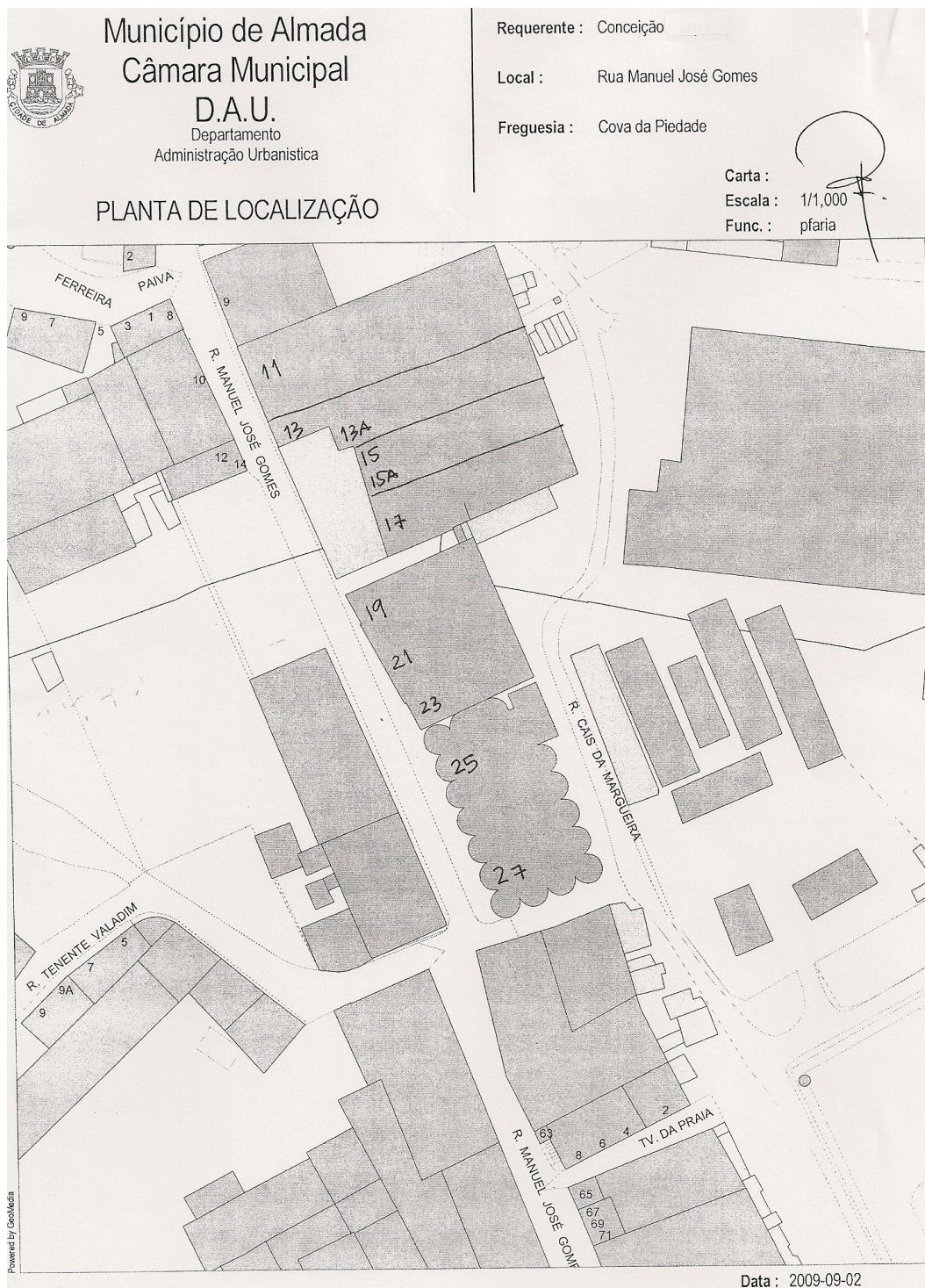


Escala 1:200

Planta 9 – Planta da localização dos pontos de vista interiores da fábrica de moagem do Caramujo – piso 5, estando indicados os números das fotos do processo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



Planta 10 – Planta de localização dos pontos de vista interiores da fábrica de moagem do Caramujo – piso 6 - terraço, estando indicados os números das fotos do processo, 1997 (fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



Planta 11 – Planta da localização da fábrica de moagem do Caramujo e envolvente (indicação dos actuais números de polícia), 2009 (fonte: DAU-Câmara Municipal de Almada)

2.Documentos

2.1.Administrativos e técnicos

Índice

- Documento 1 – Recibo do pedido de registo de patente de F. Hennebique, 30 de Novembro de 1895 **125**
- Documento 2 – Publicação do requerimento de patente, 22 de Janeiro de 1896 **126**
- Documento 3 – Autorização provisória de patente, 17 de Agosto de 1896 **126**
- Documento 4 (página 1) – Informação enviada à Secretaria de Estado da Agricultura, Direcção dos Serviços Agrícolas, pela firma Viúva A. J. Gomes & C^a & Cta., em 25 de Junho de 1918 **127**
- Documento 4 (página 2) – Informação enviada à Secretaria de Estado da Agricultura, Direcção dos Serviços Agrícolas, pela firma Viúva A. J. Gomes & C^a & Cta., em 25 de Junho de 1918 **128**
- Documento 4 (página 3) – Informação enviada à Secretaria de Estado da Agricultura, Direcção dos Serviços Agrícolas, pela firma Viúva A. J. Gomes & C^a & Cta., em 25 de Junho de 1918 **129**
- Documento 5 – Alvará de licenciamento industrial 7-M, da Sociedade Industrial Aliança, 1920? **130**
- Documento 6 – Ofício do Ministério da Agricultura, Direcção Geral do Ensino e Fomento, 2 de Janeiro de 1925, dirigido ao Presidente da Comissão Inspectorá às Fábricas de Moagem **131**
- Documento 7 (página 1) – Diagrama da fábrica de moagem do Caramujo em Janeiro de 1925 **132**
- Documento 7 (página 2) – Diagrama da fábrica de moagem do Caramujo em Janeiro de 1925 **133**
- Documento 7 (página 3) – Diagrama da fábrica de moagem do Caramujo em Janeiro de 1925 **134**
- Documento 7 (página 4) – Diagrama da fábrica de moagem do Caramujo em Janeiro de 1925 **135**
- Documento 8 (página 1) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 22 de Maio de 1925 **136**
- Documento 8 (página 2) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 22 de Maio de 1925 **137**
- Documento 8 (página 3) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 22 de Maio de 1925 **138**
- Documento 8 (página 4) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 22 de Maio de 1925 **139**
- Documento 8 (página 5) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 22 de Maio de 1925 **140**
- Documento 8 (página 6) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 22 de Maio de 1925 **141**
- Documento 8 (página 7) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 22 de Maio de 1925 **142**
- Documento 8 (página 8) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 22 de Maio de 1925 **143**
- Documento 9 – Informação da Repartição dos Serviços das Indústrias e do Comércio Agrícolas, 26 de Maio de 1938, com referência ao cartel Moinhos Reunidos **144**
- Documento 10 – Planta topográfica parcial da fábrica de moagem do Caramujo, 1939? **145**
- Documento 11 – Requerimento da Sociedade Industrial Aliança para alterar a força motriz da sua fábrica de moagem no Caramujo, 6 de Agosto de 1945 **146**
- Documento 12 (página 1) – Auto de vistoria à fábrica de moagem do caramujo, 25 de Julho de 1950 **147**
- Documento 12 (página 2) – Auto de vistoria à fábrica de moagem do caramujo, 25 de Julho de 1950 **148**
- Documento 12 (página 3) – Auto de vistoria à fábrica de moagem do caramujo, 25 de Julho de 1950 **149**

Documento 13 – Requerimento para anexação de novos maquinismos ao alvará 7-M da fábrica de moagem do Caramujo, 12 de Outubro de 1954 **150**

Documento 14 (página 1) – Resposta da Administração do Porto de Lisboa, 7 de Maio de 1960, ao requerimento da Sociedade Industrial Aliança, respeitante à construção dos silos **151**

Documento 14 (página 2) – Resposta da Administração do Porto de Lisboa, 7 de Maio de 1960, ao requerimento da Sociedade Industrial Aliança, respeitante à construção dos silos **152**

Documento 15 – Requerimento da Sociedade Industrial Aliança para instrução do pedido de licenciamento da fábrica de moagem do Caramujo, 3de Fevereiro de 1975 **153**

Documento 16 – Parecer da Câmara Municipal de Almada - Departamento do Equipamento Social e Urbanismo, 18 de Julho de 1978 **154**

Documento 17 – Ofício resposta por parte do Gabinete do Plano Director da Região de Lisboa, 28 de Agosto de 1978, autorizando o pedido da Sociedade Industrial Aliança de 3 de Fevereiro de 1975 **155**

Documento 18 – Planta de localização da fábrica de moagem do Caramujo, 23 de Março de 1979 **156**

Documento 19 (página 1) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **157**

Documento 19 (página 2) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **158**

Documento 19 (página 3) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **159**

Documento 19 (página 4) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **160**

Documento 19 (página 5) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **161**

Documento 19 (página 6) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **162**

Documento 19 (página 7) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **163**

Documento 19 (página 8) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **164**

Documento 19 (página 9) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **165**

Documento 19 (página 10) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **166**

Documento 19 (página 11) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **167**

Documento 19 (página 12) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **168**

Documento 19 (página 13) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **169**

- Documento 19 (página 14) – Fábrica de moagem do Caramujo, memória descritiva, 23 de Março de 1979 **170**
- Documento 20 (página 1) – Informação nº1192/00, 17 de Março de 2000, referente à fiscalização da fábrica de moagem do Caramujo **171**
- Documento 20 (página 2) – Informação nº1192/00, 17 de Março de 2000, referente à fiscalização da fábrica de moagem do Caramujo **172**
- Documento 21 (página 1) – Requerimento, folha de rosto, da Sociedade Industrial Aliança para produção de bolachas, 28 de Março de 1973 **173**
- Documento 21 (página 2) – Requerimento, verso, com despacho **173**
- Documento 22 – Envio interno de documentação (Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo) referente ao pedido da Sociedade Industrial Aliança de 28 de Março de 1973 **174**
- Documento 23 – Licença concedida à Sociedade Industrial Aliança, 11 de Abril de 1973 **175**
- Documento 24 (página 1) – Ficha de estabelecimento industrial, folha de rosto, da fábrica de moagem do Caramujo, 6 de Maio de 1985 **176**
- Documento 24 (página 2) – Ficha de estabelecimento industrial, verso, da fábrica de moagem do Caramujo, 6 de Maio de 1985 **177**
- Documento 25 – Informação acerca da impossibilidade de fiscalização, 30 de Outubro de 1987 **178**
- Documento 26 (página 1) – Edital nº 275/86, de 8 de Setembro de 1986, da CMA **179**
- Documento 26 (página 2) – Edital nº 275/86, de 8 de Setembro de 1986, da CMA **180**
- Documento 27 – Pedido de abertura do processo de classificação da fábrica de moagem do Caramujo, 22 de Janeiro de 1992 **181**
- Documento 28 – Informação com proposta de abertura do processo de classificação, 13 e 15 de Abril de 1992 **182**
- Documento 29 – Ofício do IPPC para a CMA de informação da abertura do processo de classificação, 29 de Maio de 1992 **183**
- Documento 30 – Ofício da DRL para a Sociedade Industrial Aliança, 7 de Junho de 1993 **184**
- Documento 31 – Ofício de resposta da Sociedade Industrial Aliança, 7 de Julho de 1993 **185**
- Documento 32 – Relatório anexo ao documento 31 **186**
- Documento 33 – Proposta de visita da DRL à fábrica, 5 de Agosto de 1996 **187**
- Documento 34 (página 1) – Informação da DRL sobre a fábrica, 15 de Outubro de 1996 **188**
- Documento 34 (página 2) – Informação da DRL sobre a fábrica, 15 de Outubro de 1996 **189**
- Documento 35 – Relatório do IPPAR, 10 de Março de 1997 **190**
- Documento 36 – Parecer do IPPAR, 12 de Fevereiro (?) de 1997, e homologação do Ministro da Cultura, 27 de Março de 1997 **191**
- Documento 37 (página 1) – Ofício da DRL para a CMA, 29 de Abril de 1997 **192**
- Documento 37 (página 2) – Ofício da DRL para a CMA, 29 de Abril de 1997 **193**
- Documento 38 – Ofício da DRL para DGEMN, 29 de Abril de 1997 **194**
- Documento 39 – Edital nº 42, de 16 de Junho de 1997, da CMA **195**
- Documento 40 (página 1364) – Decreto 5/2002, publicação da classificação como IIP, 19 de Fevereiro de 2002 **196**

Documento 40 (página 1370) – Decreto 5/2002, publicação da classificação como IIP, 19 de Fevereiro de 2002 **197**

Documento 40 (página 1395) – Decreto 5/2002, publicação da classificação como IIP, 19 de Fevereiro de 2002 **198**

2.2.Registos prediais

Índice

Documento 41 (página 1) – Registo de transmissões **199**

Documento 42 (página 2) – Registo de transmissões **200**

Documento 43 (página 3) – Registo de transmissões **201**

Documento 44 (página 4) – Registo de transmissões **202**

Documento 45 (página 5) – Registo de transmissões **203**

Documento 46 (página 6) – Registo de transmissões **204**

Documento 47 (página 7) – Registo de transmissões **205**

Documento 48 (página 1) – Escritura de compra da fábrica de moagem do Caramujo, 25 de Setembro de 2000 **206**

Documento 49 (página 2) – Escritura de compra da fábrica de moagem do Caramujo, 25 de Setembro de 2000 **207**

Documento 50 (página 1) – Documento complementar à escritura de compra da fábrica **208**

Documento 50 (página 2) – Documento complementar à escritura de compra da fábrica **209**

Documento 50 (página 3) – Documento complementar à escritura de compra da fábrica **210**

Documento 50 (página 4) – Documento complementar à escritura de compra da fábrica **211**

Documento 51 – Descrição predial do edifício dos silos **212**

Documento 52 – Caderneta predial do edifício dos silos **213**

Documento 53 – Descrição predial do armazém de ensaque **214**

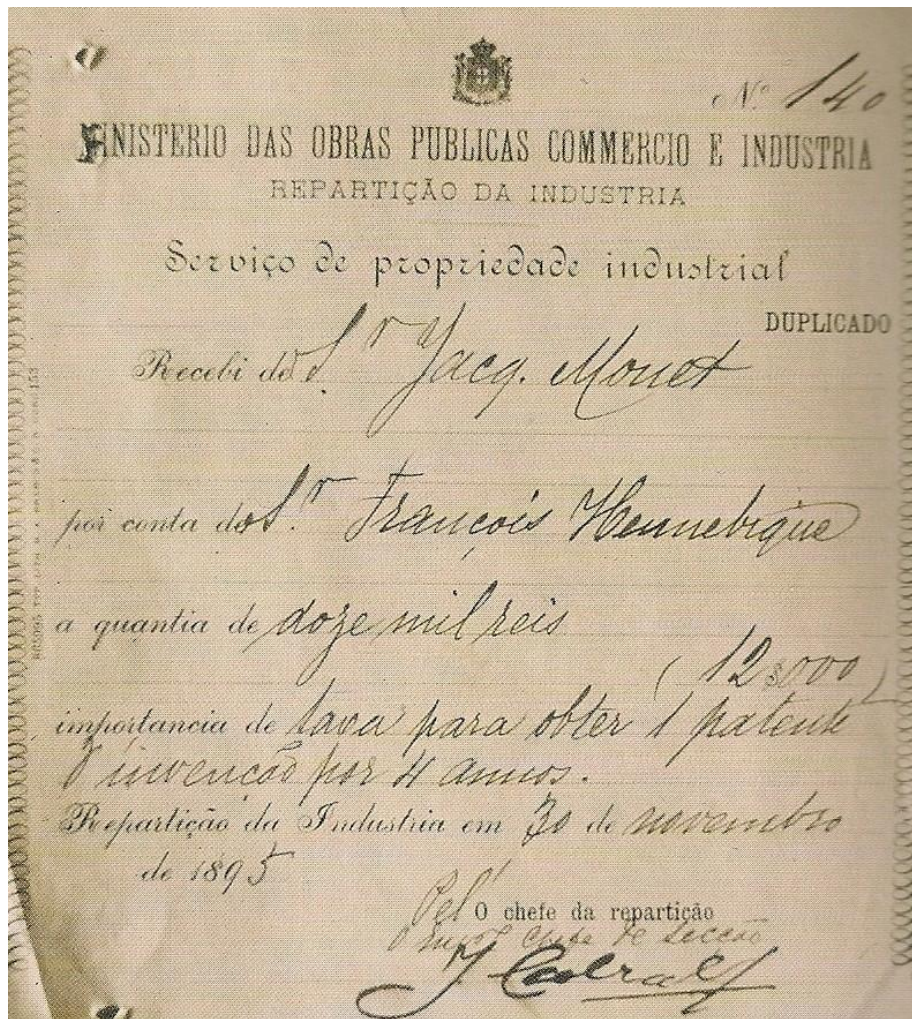
Documento 54 – Descrição predial antiga do armazém de ensaque **215**

Documento 55 – Caderneta predial do armazém de ensaque **216**

Documento 56 – Descrição predial da fábrica **217**

Documento 57 – Descrição predial antiga da fábrica **218**

Documento 58 – Caderneta predial da fábrica **219**



Documento 1 – Recibo da “importância da taxa para obter 1 patente d’invenção por 4 annos”, de 30 de Novembro de 1895, a partir de reprodução de documento original no processo de registo de patente, in FERREIRA, Carlos Antero – *Betão – A idade da descoberta*, Passado Presente, 1989, p.110

N.º 2:108. — Classe XII.
François Hennelique, de Bruxellas, representado por J. N. Monet, morador em Verviers, Belgica, por procuração substabelecida a Jacq Monet, residente em Lisboa, requereu no dia 30 de novembro de 1895, pelas tres horas e meia da tarde, patente de invenção, por quatro annos, para: «*Um vigamento ligeiro e de grande resistencia*».
 Reivindica:
 «Um vigamento ligeiro e de grande resistencia, de formigão (beton) de cimento, com barras de ferro e estribos travessas mettidos na massa.»

Documento 2 – Publicação do requerimento de patente de François Hennebique (e não Hennelique, como mencionado no texto) (Fonte:*Boletim da Propriedade Industrial*, 2ª Série, 12º anno, Nº 10, Lisboa, Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, 22 de Janeiro de 1896, p.158

PATENTES DE INVENÇÃO

Titulos concedidos

Nos termos do artigo 23.º do regulamento para a execução do serviço da propriedade industrial de 21 de março de 1895 e para conhecimento dos interessados, se faz publico que, tendo sido preenchidas as formalidades legais, foram concedidas provisoriamente as seguintes patentes de invenção:

N.º 2:108. — Classe XII.
François Hennelique, de Bruxellas.
Patente de invenção para: «Um vigamento ligeiro e de grande resistencia».
 Por quatro annos.

Documento 3 - Publicação da concessão provisória de patente de invenção a François Hennebique (e não Hennelique, como mencionado no texto) (Fonte:*Boletim da Propriedade Industrial*, 2ª Série, 13º anno, Nº 16, Lisboa, Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, 17 de Agosto de 1896, p.89

1

H. J. Gomes

Lisboa 25 de Junho de 1918

V. A. J. GOMES & C^a & C^{ta}
 FABRICA DE MOAGEM
 no
 CARAMUJO
 Escrip^{to}rio: Largo do Terreiro do Trigo, 16
 LISBOA
 TELEPHONE N.º 195

Comprimento total da linha de trituração 23,50^m

Diametro de todos os cylindros 0,250^m

Especificação:

Comprimento da linha da 1ª trituração	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª
2,50 ^m	3,75 ^m	3,75 ^m	3,75 ^m	3,75 ^m	2,50 ^m	2,50 ^m

T. 22,5 x 0,25
C. 34,3 x 0,25
F. P. B. 22,5 x 8300
8300
67500
1800
186750
300
5602500

Comprimento total da linha de desagregação 9,00^m. Diametro de todos os cylindros 0,250^m

" " " " " compressão 34,00^m. " " " " " 0,250^m

" dos cylindros independentes de trituração 2,50^m. Diametro de todos os cylindros 0,25^m

Superficie total de peneiração com plansichters 312,0^m²

" " " " " peneiros 153,0^m²

" " " " " sassores 13,0^m²

Força motriz do nosso motor em cavalos vapor effectivos ,580

Documento 4 (página 1) – Informação enviada à Secretaria de Estado da Agricultura, Direcção dos Serviços Agrícolas, pela firma Viúva A. J. Gomes & C^a & C^{ta}., em 25 de Junho de 1918 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

MEMORANDUM

V. A. J. GOMES & C.^a & C.^{ta}
FABRICA DE MOAGEM NO CARAMUJO
 Escriptorio — Largo do Terreiro do Trigo, 16, 1.^o
 LISBOA

Lisboa, 25 de Junho de 1918

TELEPHONE 155

24

Tempo em que a nossa fabrica tem estado parada

Anno de	1915	paragem	44 dias	, sem contar os domingos
" "	1916	"	68 "	" " " "
" "	1917	"	163 "	" " " "
" "	1918	até 1 de Junho,	67 dias,	sem contar os domingos

O motivo de todas estas paragens foi a falta absoluta de cereaes.

Documento 4 (página 2) – Informação enviada à Secretaria de Estado da Agricultura, Direcção dos Serviços Agrícolas, pela firma Viúva A. J. Gomes & C^a & C^{ta}., em 25 de Junho de 1918 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

3

M. Viúva

A. J. GOMES & C^a & C^{ta}.

FABRICA DE MOAGEM
NO
CARAMUJO

Escritorio: Largo do Terreiro do Trigo, 16 LISBOA TELEPHONE N.º 195


Lisboa, 25 de Junho de 1918

Nota dos trigos e mais cereas moidos por nós durante os annos de 1915, 1916, 1917, e 1918 até 1 de Junho

1915		
Adquirido por nós		
Trigo nacional.....	4.764.862	
Centeio.....	20.121	
Fornecido pelo Estado		
Trigo exotico.....	10.782.594	
	-----	15.567.377 kilos
1916		
Adquirido por nós		
Trigo nacional.....	10.013.455	
" moido á maquia.....	723.673	
Fornecido pelo Estado		
Trigo exotico.....	9.273.228	
	-----	20.010.356 "
1917		
Adquirido por nós		
Trigo nacional.....	4.294.591	
Milho.....	349.624	
Centeio.....	226.145	
Fava.....	121.030	
Cevada.....	439.556	
Fornecido pelo Estado		
Trigo nacional.....	391.172	
" exotico.....	5.062.310	
Fava.....	9.905	
Cevada.....	33.554	
Centeio.....	17.383	
Milho.....	1.175.800	
	-----	12.121.070 "
1918(até 1 de Junho)		
Adquirido por nós		
Trigo nacional.....	871.660	
Arroz.....	153.910	
Centeio moido á maquia.....	200.720	
Milho " " ".....	594.175	
Fornecido pelo Estado		
Trigo nacional.....	392.818	
" exotico.....	1.140.313	
" nacional.....	40.088	
Soja.....	154.000	
Centeio.....	3.363	
Milho.....	880.355	
	-----	4.430.102: "

		58.128.905

Documento 4 (página 3) – Informação enviada à Secretaria de Estado da Agricultura, Direcção dos Serviços Agrícolas, pela firma Viúva A. J. Gomes & C^a & C^{ta}., em 25 de Junho de 1918 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)


MINISTÉRIO DA ECONOMIA
 DIRECÇÃO GERAL DA INDÚSTRIA

Indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas

Classe _____ Tabela _____

3.ª Circunscrição Industrial

Processo n.º 25781 Requerimento entrado em _____

Indústria	Classe	Grupo
	Especificação	
	<u>Moagem de trigo</u>	
	<u>farinhas peneiradas</u>	

Proprietário Sociedade Industrial Aliança

Sítio Caramujo
 Freguesia Caramujo
 Concelho Almada Distrito Setúbal

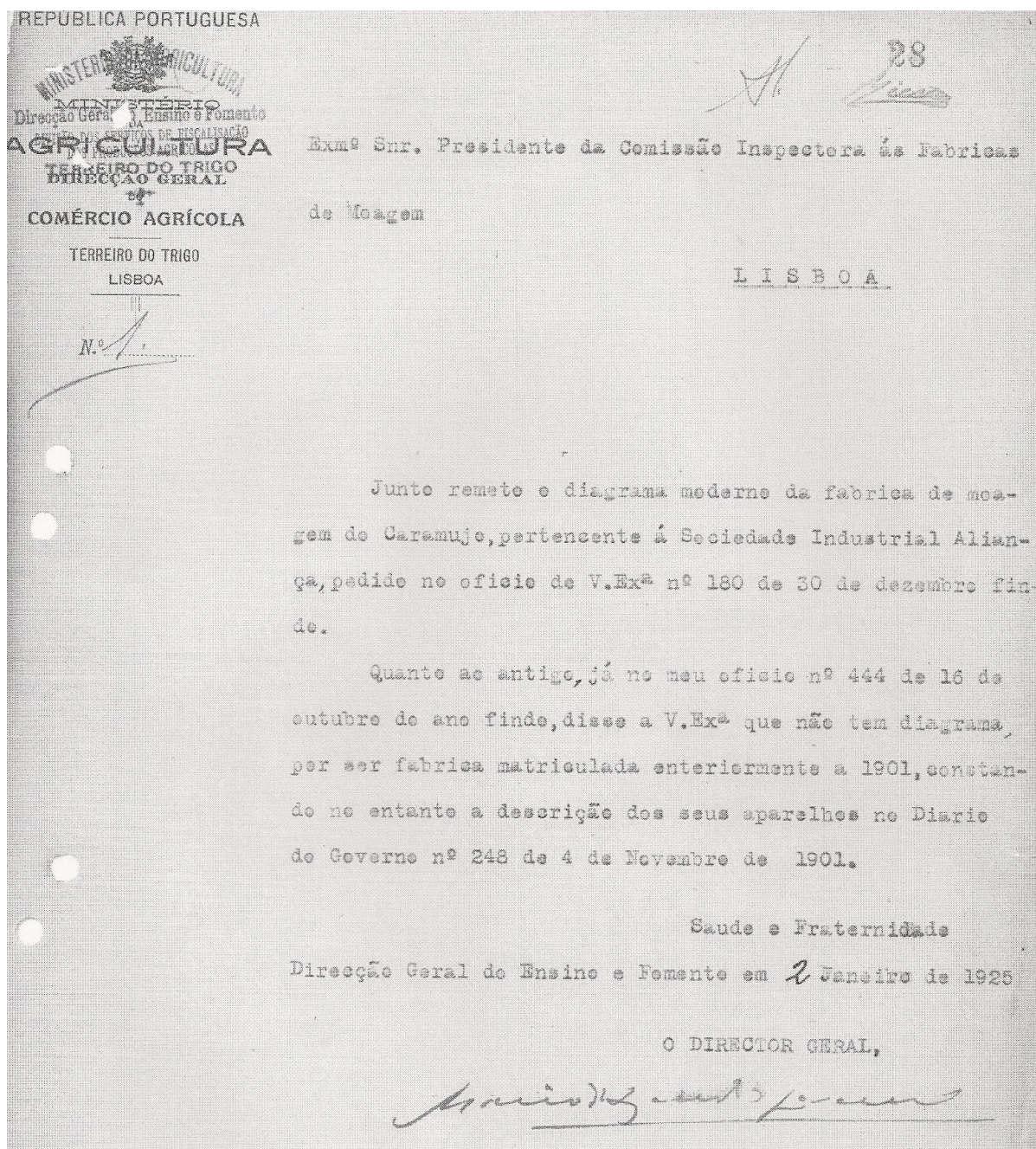
Capacidade de produção diária 500

Peritos da vistoria...
 Vistoria complementar feita por.....

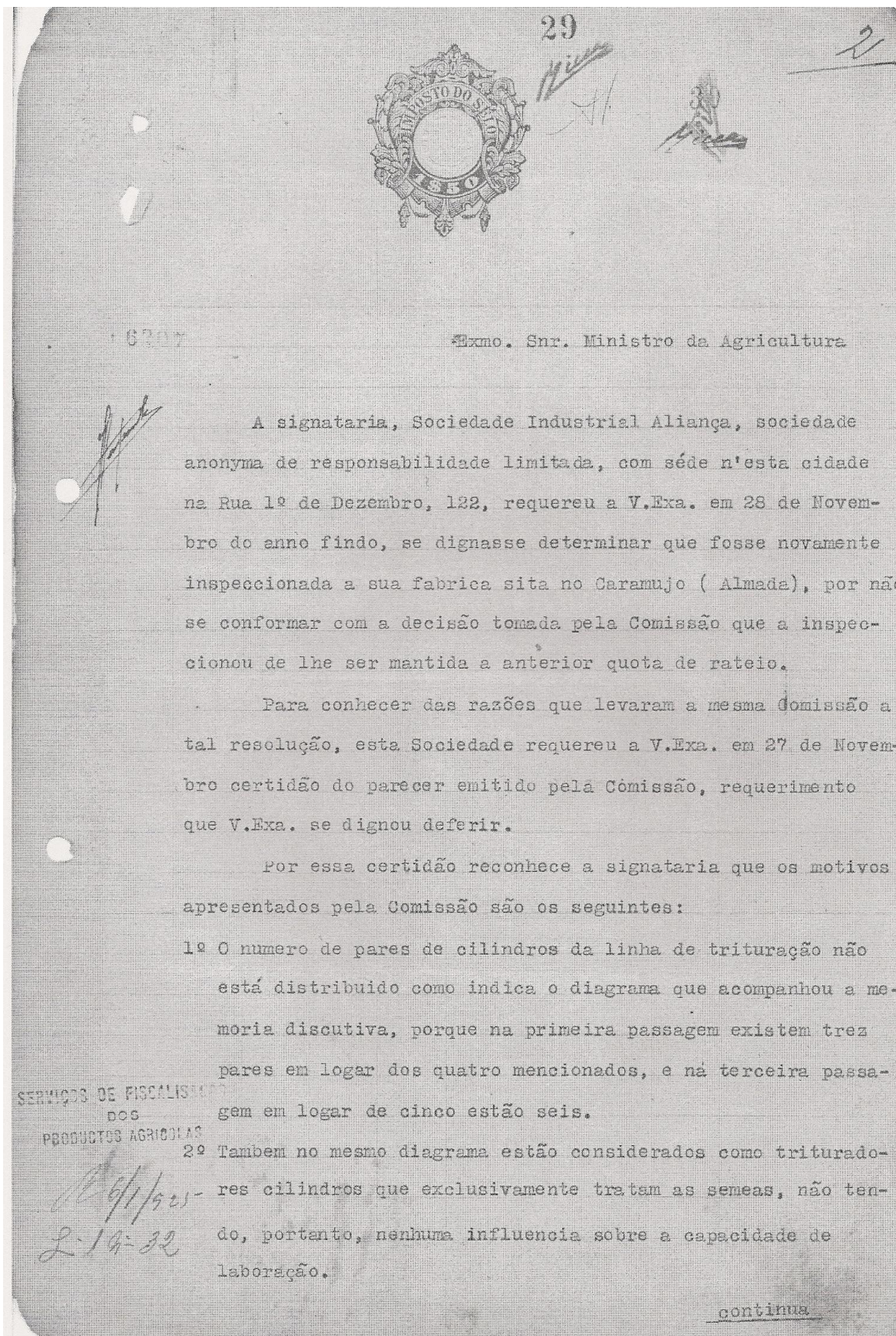
Alvará n.º 7-M Data da concessão _____
 Publicado no Diário do Governo n.º _____, 2.ª série, de _____

OBSERVAÇÕES

Documento 5 – Alvará de licenciamento industrial 7-M, da Sociedade Industrial Aliança, datado provavelmente de 1920 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



Documento 6 – Offício do Ministério da Agricultura, Direcção Geral do Ensino e Fomento, datado de 2 de Janeiro de 1925, dirigido ao Presidente da Comissão Inspectorá às Fábricas de Moagem, respeitante à fábrica de moagem do Caramujo pertencente à Sociedade Industrial Aliança (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



Documento 7 (página 1) – Diagrama da fábrica de moagem do Caramujo em 5 de Janeiro de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

3º Acresce ainda o facto de não estarem harmoniadas as linhas de trabalho das diferentes passagens, porque tendo a de 1ª trituração 3,75 nenhuma razão aceitavel há para a segunda ter 6,75 e a terceira 8 metros.

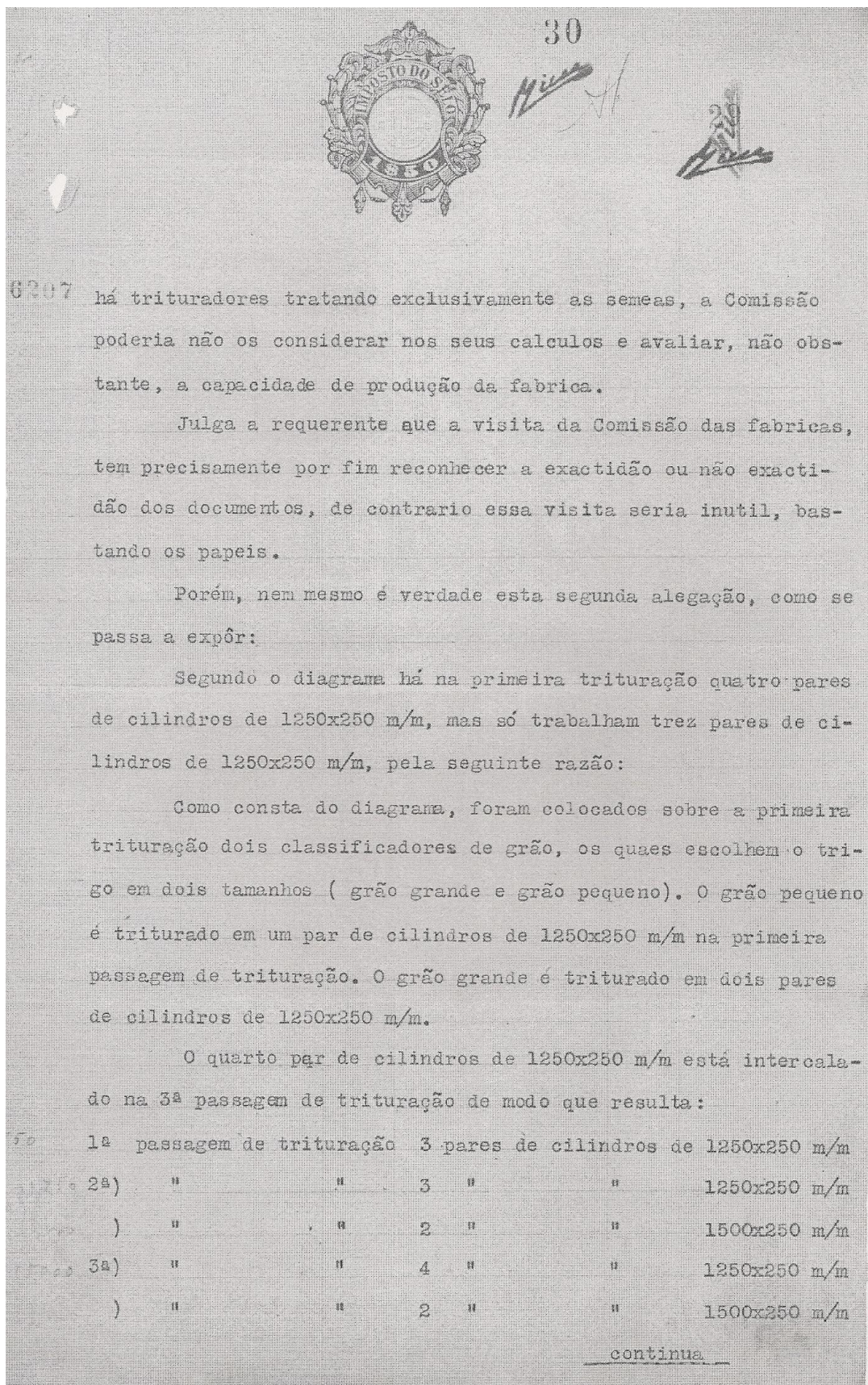
Reforçando o requerimento de 28 de Novembro acima referido, a signataria tem o dever de vir junto de V.Exa. refutar os argumentos aduzidos, por carecerem de fundamento. Assim, quanto ao numero 1º, não vê a requerente que a divergencia entre o marion indicativo do diagrama e a instalação, fosse motivo que impedisse a Comissão de poder determinar, como diz, com segurança, a capacidade de laboração da fabrica.

Como V.Exa. não desconhece, o diagrama é desenhado nos ateliers dos constructores das maquinas e é susceptivel de alterações ao fazer-se a montagem. Por motivos de ordem tecnica que abaixo se explanam, houve exactamente a necessidade de reduzir a primeira passagem de um par de cilindros, que foi aumentado na terceira, e isso, repete, não pode ser motivo que impossibilitasse a Comissão de avaliar a capacidade de laboração da fabrica.

quanto aos 2º e 3º pontos, se realmente, como a Comissão diz,

continua

Documento 7 (página 2) – Diagrama da fábrica de moagem do Caramujo em 5 de Janeiro de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



Documento 7 (página 3) – Diagrama da fábrica de moagem do Caramujo em 5 de Janeiro de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

4a)	passagem de trituração :	1 par de cilindros de 1500x250 m/m	4.50
)	" "	4 pares " 1250x250 m/m	2.00
5a)	" "	3 " " 1500x250 m/m	4.50
)	" "	1 par " 1250x250 m/m	4.00
6a)	" "	3 pares " 1250x250 m/m	7.00
)	" "	2 " " 1000x250 m/m.	2.00

Como o trigo passa pela primeira passagem de trituração em duas escolhas (grande e pequeno grão), pode ser empregado na terceira trituração o par de cilindros da primeira passagem que sobrou.

O ultimo par de cilindros de 1000x250 m/m tem por objectivo principal tratar o farello e está porisso montado no segundo pavimento, não estando porisso montado no pavimento principal dos cilindros. O producto da ultima trituração vae ao plansichter e o farello grosso passa por duas escovadoras conicas de farello, havendo a seguir a ultima passagem pelos cilindros de 1.000x250 m/m montados num aparelho de cilindros, montado, como acima dizemos, no segundo pavimento.

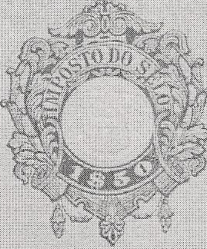
O producto destes cilindros é peneirado em peneiros centrifugos.

Pelo exposto poderá V.Exa. reconhecer que é com razão e justiça que a signataria vem requerer a V.Exa. respeitosamente, se digne despachar, no sentido requerido, o seu requerimento de 28 de Novembro a que alude no começo d'esta exposição.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1925

Societade de Induſtria de Alentejo
 E. de Almeida
 pelo Conselho de Administração

Documento 7 (página 4) – Diagrama da fábrica de moagem do Caramujo em 5 de Janeiro de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



DESCRIÇÃO DA FABRICA DE MOAGEM DE TRIGO DA
SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA, SITA NO LOGAR DO CA-
RAMUJO, CONCELHO DE ALMADA .

22/5/1925

A fabrica é composta pelos aparelhos abaixo designados, distribuidos pelas seguintes secções:

- I- Força motriz
- II- Limpeza do trigo
- III- Moagem do trigo
- IV- Peneiração
- V- Acessorios

I- FORÇA MOTRIZ

A energia é fornecida por uma maquina a vapor, marca Sulzer, de 630 HP indicados e 530 efectivos, e 1 motor Benz de 50/60 HP a oleos pesados.

O vapor para a maquina é produzido em 3 caldeiras Sulzer, de 90 m2 cada uma, da pressão de 12 Kgs. por cm2 cada uma. As caldeiras possuem purificadores de agua.

II- LIMPEZA DO TRIGO

A limpeza tem um rendimento de 300.000 Kgs. de trigo em 24 horas e compreende as seguintes aparelhos:

- II.. Secção-
- 2 tararas Zig-Zag duplas

Documento 8 (página 1) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 22 de Maio de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

4 aparelhos magneticos tendo cada um a largura de 600 m/m

4 bandejas duplas

2 secções de separadores com as competentes repassagens, compostas de:

- 3 separadores de 700 x 2.750 mm para aveia
- 3 separadores de 700 x 2.750 mm para lavica e outras sementes redondas
- 4 separadores de 700 x 2.750 para repassagem
- 5 separadores de 600 x 2.500 para repassagem
- 1 separador de 450 x 2.300 para repassagem
- 1 separador de 650 x 2.750 (vertical)
- 2 aparelhos divisores) para sementes e trigo
- 1 peneiro divisor .)

4 despontadoras descascadoras de 800 x 1.000 mm.

1 despontadora descascadora de 800 x 1.200 mm.

3 aparelhos com roscas para lavar o trigo


4 colunas secadoras centrifugas de 900 x 3.000 mm.

12 depositos de trigo lavado e molhado com capacidade para 370.000 Kgs. de trigo.

2a. secção-

- 4 maquinas despontadoras de 800 x 1.000 mm.
- 9 maquinas despontadoras de 800 x 1.200 mm.
- 3 escovadoras de 1.000 x 1.200 mm.

Documento 8 (página 2) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 22 de Maio de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



I balança automatica para peizadas de 75 kgs.

.III - MOAGEM DO TRIGO

a) - Trituração -

1a. 4 pares de cilindros estriados de	$0,25^m \times 1,25^m$	$5,00^m$
2a. 2 pares de cilindros estriados de:	$0,25^m \times 1,50^m =$		$3,00^m$
2 pares de cilindros estriados	de $0,25^m \times 1,25^m =$	$2,50^m$ $5,50^m$
3a. 2 pares de cilindros estriados de:	$0,25^m \times 1,50^m =$		$3,00^m$
2 pares de cilindros estriados de	$0,25^m \times 1,25^m =$	$2,50^m$ $5,50^m$
4a. 2 pares de cilindros estriados de:	$0,25^m \times 1,50^m =$		$3,00^m$
2 pares de cilindros estriados de	$0,25^m \times 1,25^m =$	$2,50^m$ $5,50^m$
5a. 2 pares de cilindros estriados de:	$0,25^m \times 1,50^m =$		$3,00^m$
2 pares de cilindros estriados de	$0,25^m \times 1,25^m =$	$2,50^m$ $5,50^m$
6a. 4 pares de cilindros estriados	de $0,25^m \times 1,25^m =$	 $5,00^m$
Total da linha de trituração.....			$32,00$

Documento 8 (página 3) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 22 de Maio de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



representada por:

3 cilindros duplos estriados de 250 x 1,25

4 cilindros duplos estriados de 250 x 1,50

24 pares de cilindros estriados.

B) - Desagregação -

1ª. 2 pares de cilindros estriados de 250 x 1,250 mm.

2ª. 2 pares de cilindros estriados de 250 x 1,250 mm.

3ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,000 mm.

representadas por:

2 cilindros duplos de 250 x 1,250 mm.

1 cilindro duplo de 250 x 1,000 mm.

C) - Compressão -

1ª. 3 pares de cilindros lisos de 250 x 1,250 mm.

2ª. 4 pares de cilindros lisos de 250 x 1,250 mm.

3ª. 3 pares de cilindros lisos de 250 x 1,250 mm.

4ª. 3 pares de cilindros lisos de 250 x 1,250 mm.

5ª. 3 pares de cilindros lisos de 250 x 1,250 mm.

6ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,250 mm.

7ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,000 mm.

8ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,000 mm.

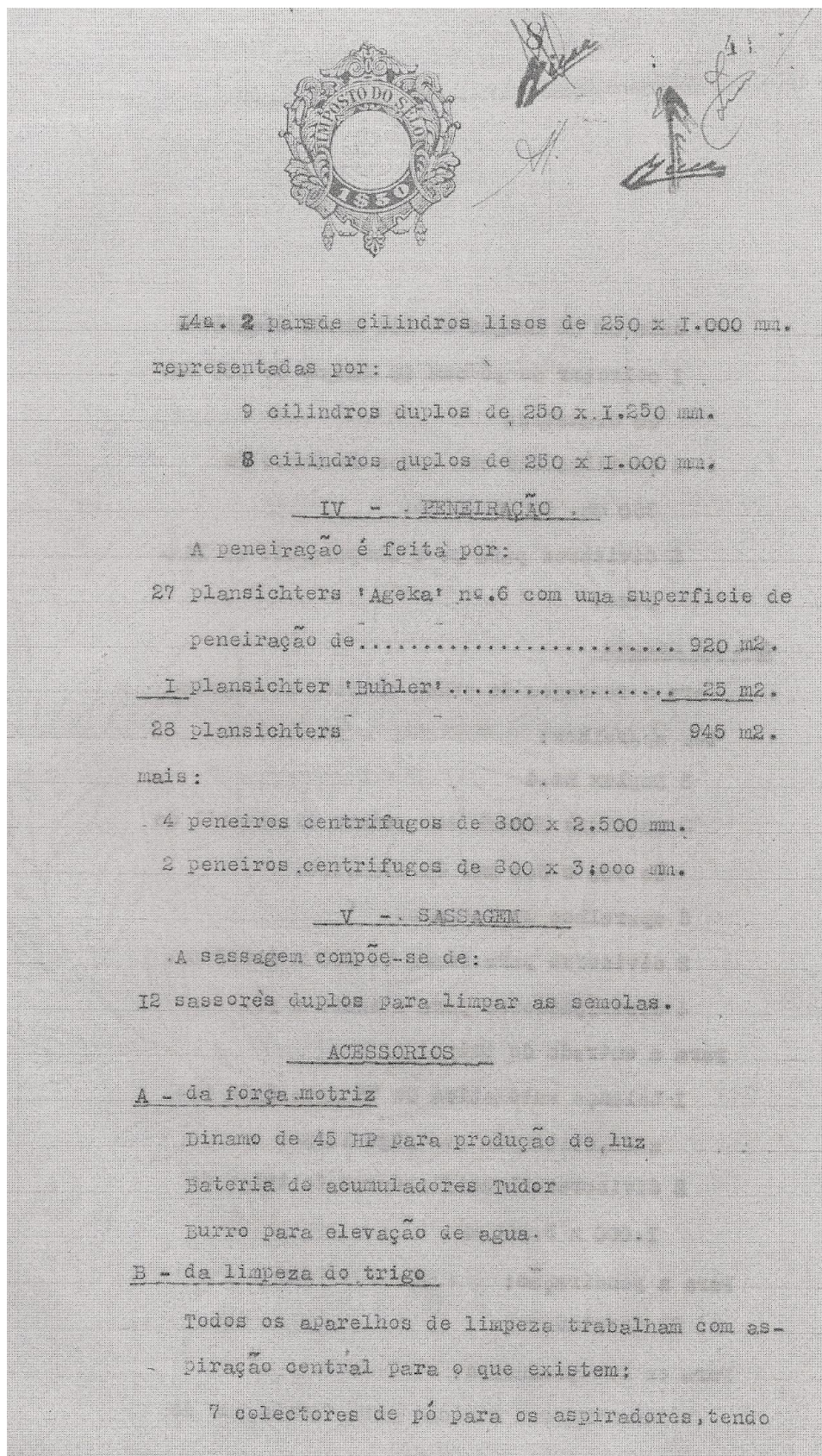
9ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,000 mm.

10ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,000 mm.

11ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,000 mm.

12ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,000 mm.

13ª. 2 pares de cilindros lisos de 250 x 1,000 mm.



Documento 8 (página 5) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 22 de Maio de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

- cada um 32 mangas de 200 mm. de diametro.
- 1 colector de pó com 40 mangas de 200 mm. de diametro.
- 3 ventiladores com tubos de ferro de 350 mm. de diametro.
- 2 divisores para pó e desperdicio da limpeza.

G - da moagem

Para a remoagem de semente existem os seguintes aparelhos:

- 3 Suplex nr.4
- 2 maquinas Monark com pedras de esmeril de 300 e 500 mm. de diametro.
- 6 aparelhos magneticos.
- 2 divisores para semente de 900 x 4.000 mm.
- 4 distribuidores para a semente e pó.

Para a entrada do trigo:

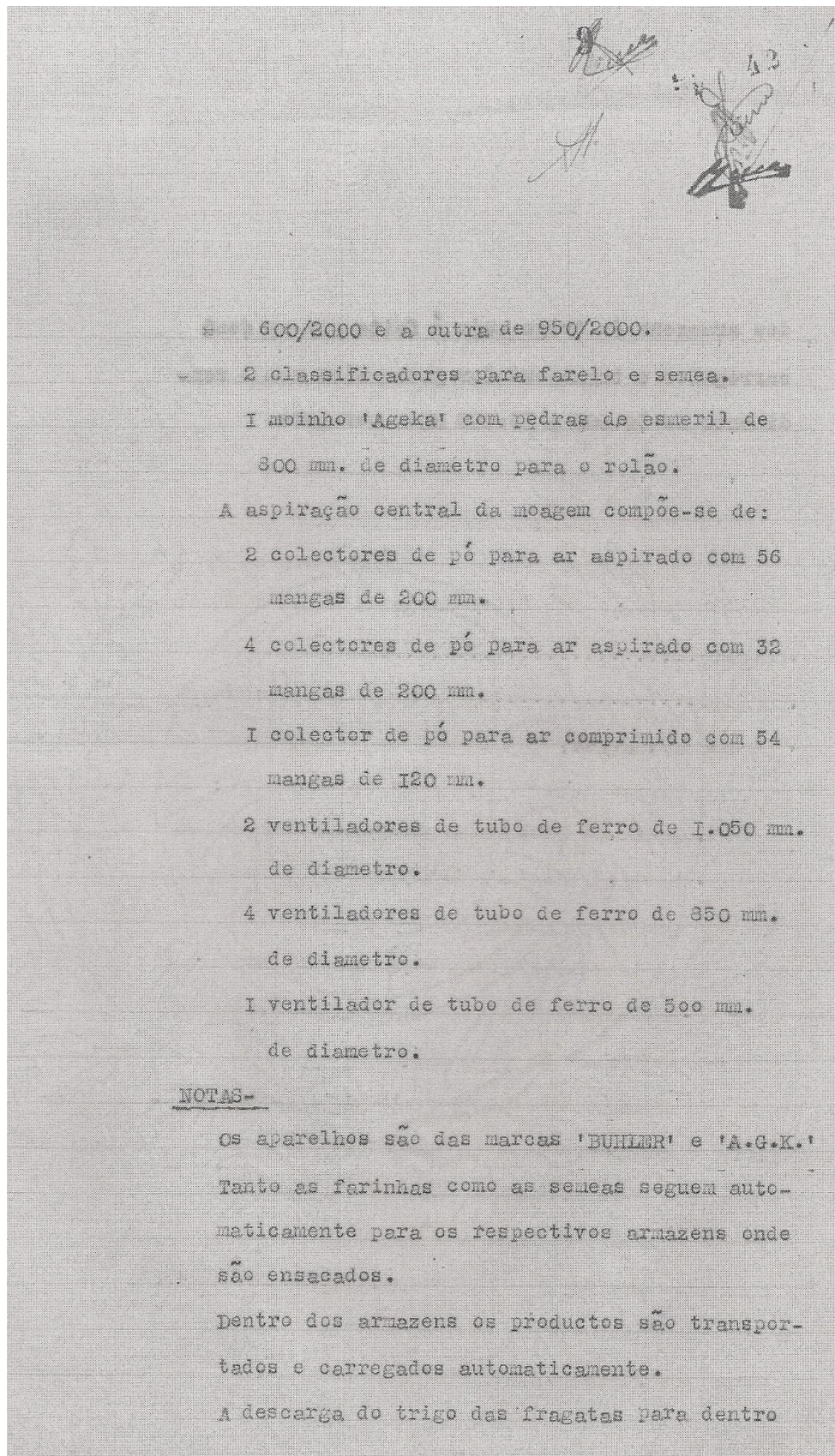
- 1 balança automatica de 75 Kgs. dada pesada, destinada ao trigo limpo.
- 2 divisores-classificadores do trigo de 1.000 x 3.000 mm.

Para a peneiração:

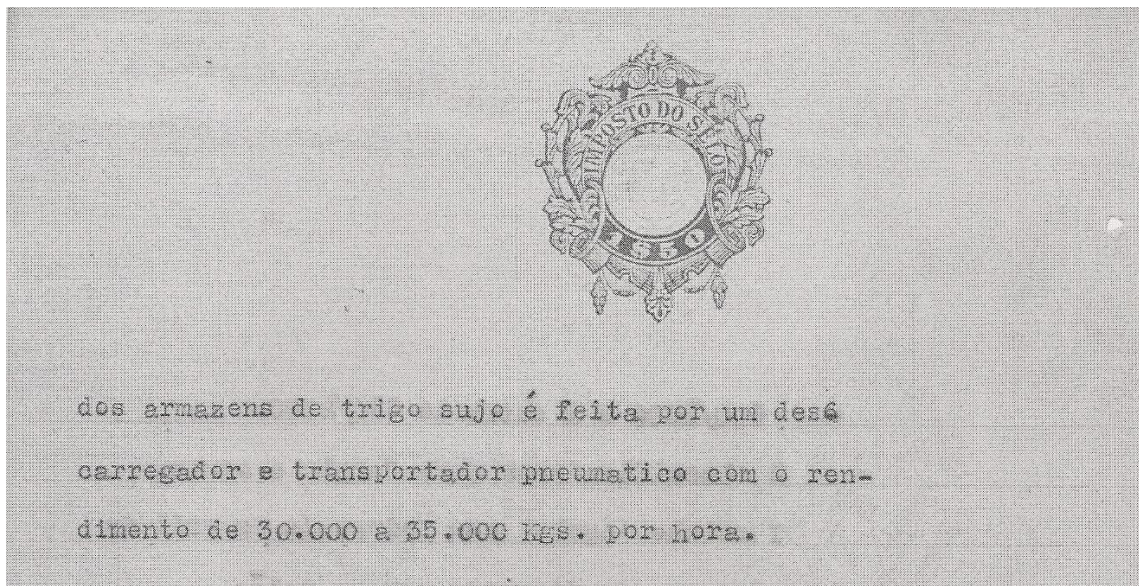
- 25 desatadores.

Para os sub-productos:

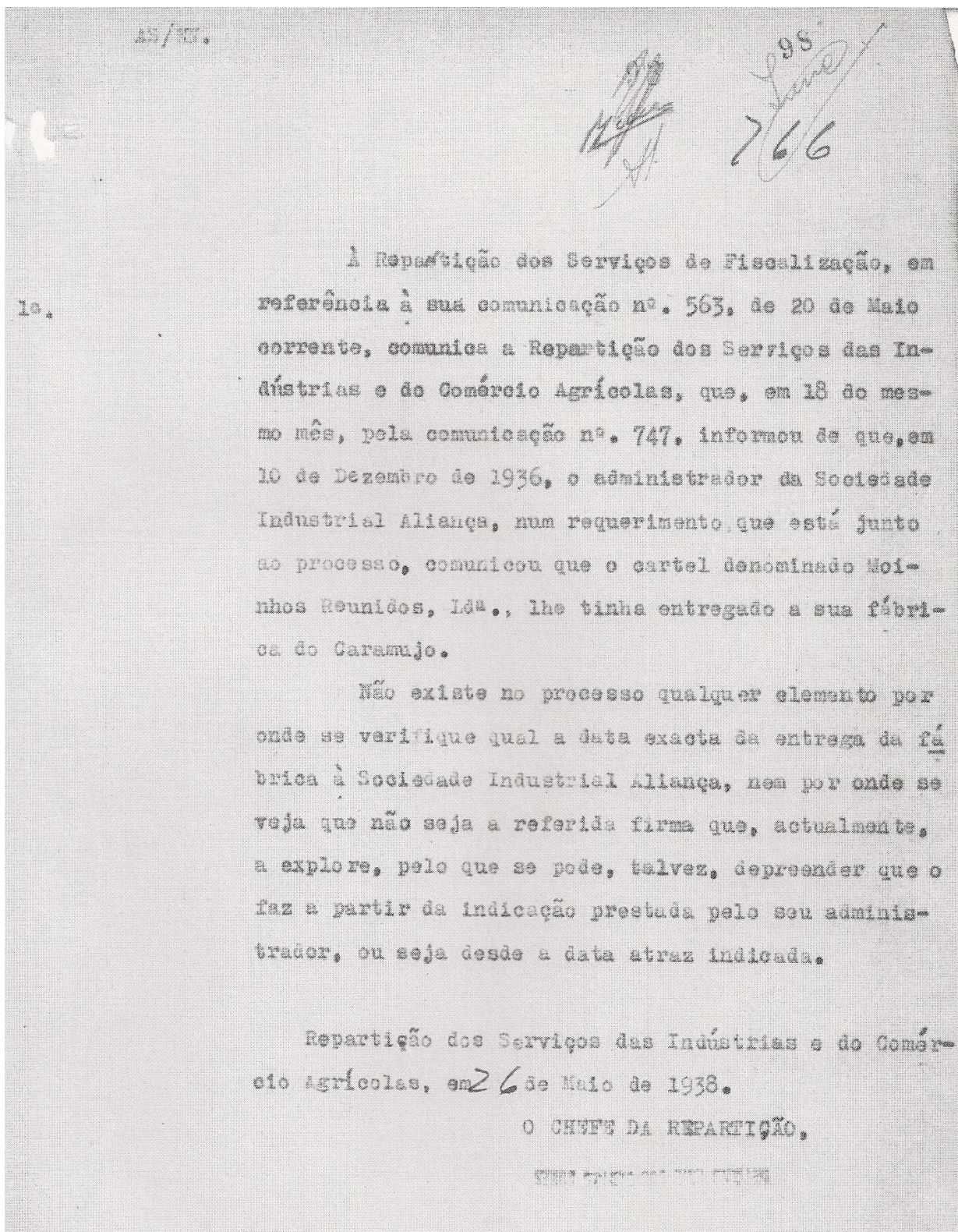
- 2 escavadoras conicas para farelo, uma de





Documento 8 (página 7) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 22 de Maio de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



Documento 8 (página 8) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 22 de Maio de 1925 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



Documento 9 – Informação da Repartição dos Serviços das Indústrias e do Comércio Agrícolas, com data de 26 de Maio de 1938, com referência ao cartel Moinhos Reunidos (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

H. Luna
 140

Exm^o. Snr. Director Geral das Industrias

A Sociedade Industrial Aliança, sociedade anónima de responsabilidade limitada, com séde em Lisboa, na Rua 1^a. de Dezembro N^o. 122, vem declarar e depois requerer, p seguinte:

Em 7 de Maio dêste ano, requereu a V. Ex^a. a necessária licença para modificar a fôrça motriz da sua Fábrica de Moagem situada no Caramujo, Concelho de Almada, Distrito de Setubal, substituindo o motor a vapor, pela energia electrica.

Para não deixar perder o ensejo de comprar o material electrico de que precisava para a primeira fase da electrificação da sua Fábrica acima indicada, adquiriu o referido material e deu início à respectiva instalação.

Como o requerimento de 7 de Maio próximo passado, não foi ainda deferido, e como se torna indispensável experimentar os motores instalados para verificação dos calculos feitos, vem esta Sociedade, junto de V. Ex^a.

Requerer a autorização para, a titulo provisório, poder ligar a corrente electrica a-fim-de experimentar o rendimento dos motores electricos já instalados.

Lisboa, 6 de Agosto de 1945


Sociedade Industrial Aliança
H. Luna

Espera Deferimento
 LITROS 68
 18947
 19. 8. 45

RECEBIMOS
 83
 399/37
 9. 8. 45

MINISTERIO DA ECONOMIA
 SECRETARIA GERAL DA
 INDUSTRIA E COMERCIO
 DEPARTAMENTO DE LICENCIAMENTO DAS INDUSTRIAS
 E DO COMERCIO AGRICOLA
 ENTRADA 68
 18947
 19. 8. 45

Documento 11 – Requerimento da Sociedade Industrial Aliança para alterar a força motriz da sua fábrica de moagem no Caramujo, datado de 6 de Agosto de 1945 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)


 MINISTÉRIO DA ECONOMIA
 DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS INDUSTRIAIS
 3.ª Circunscrição Industrial
 INDÚSTRIAS INSALUBRES, INCÓMODAS, PERIGOSAS OU TÓXICAS

PROCESSO N.º 25781

AUTO DE VISTORIA

Aos vinte e cinco de Julho de mil novecentos e cinquenta
 estando presente o perito:
 Delegado do Engenheiro Chefe

foi vistoriado, de harmonia com o disposto no artigo do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 3:564 de 25 de Agosto de 1922, ou portaria n.º 3:657, de 6 de Julho de 1923, o estabelecimento de 3ª classe das tabelas, sito em Caramujo freguesia de Almada concelho de Almada distrito de Setúbal destinado a moagem de cereais (farinhas esoadas) classificado com os inconvenientes de barulho e perigo de incendio e cuja licença foi requerida por Sociedade Industrial Aliança Anexação--- Despacho de 27 de Outubro de 1949)

O estabelecimento empregará operários do sexo masculino do sexo feminino e utilizará a força motriz total de 633,5 CV. A construção em que se encontra o estabelecimento (1) destina-se exclusivamente à indústria

O estabelecimento confina directamente por (2) ao norte com idem (2) ao sul com idem (2) idem (2)

Documento 12 (página 1) – Auto de vistoria à fábrica de moagem do Caramujo, datado de 25 de Julho de 1950 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

Do processo (3) reclamações que foram julga-
das (4) porque

Os tetos do estabelecimento, do ponto de vista da protecção contra
incêndio, (5) as necessárias condições de segurança,
porque

(6)
A instalação comporta depósitos (7)

O estabelecimento (8) tem /de/água julgada potável,
em abundância para o pessoal empregado; São (9) boas as condições de
iluminação dos lugares de trabalho (6) não necessitando de obras

São (9) boas as condições de ventilação dos lugares de traba
(6) não necessitando de obras; O esgoto do estabelecimento é feito
para e (5)
as necessárias condições (6) não necessitando de obras; O esta-
belecimento deverá possuir retretes; urinóis; posto para pri-
meiros socorros; vestiário; refeitório; sala de repouso; cantina; cre-
che; nas condições do presente auto.

Os peritos são de parecer (10) que a licença deve
ser (11) concedida respeitando-se na instalação e na exploração
do estabelecimento as condições seguintes:

(12) 1ª--Existirem em todos os pavimentos extintores de incêndio de
capacidade não inferior a 8/10 litros;
2ª--Existirem em todos os patamares baldes com areia e bacias de

Documento 12 (página 2) – Auto de vistoria à fábrica de moagem do Caramujo, datado de 25 de Julho de 1950 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

3º--manter o maior asseio em todas as dependências da fábrica;

4º--manter o mais rigoroso asseio no refeitório do pessoal;

5º--As retrates e urinóis serem providos de água corrente; e separadas por sexos;

6º--O pessoal não sofrer de doenças contagiosas ;

7º--Submeter o pessoal a exames periodicos;

8º--O pessoal usar fatos limpos de trabalho;

9º--Transmissões perigosas estarem sempre eficazmente resguardadas;

10º--Haver chuveiros de ralo inclinado;e lavatorios providos de água corrente;

11º--Anexo aos chuveiros haver vestiario com armarios individuais bem ventilados;

12º--Haver em todos os pavimentos e secções caixas de pensos e primeiros socorros.

Actuais linhas de moinhas:

Trituração.....6 passagens---34781 mm X 250 mm

Desagregação----.3 passagens--- 8056 mm X 250 mm

Compressão.....18 passagens---50562 mm X 250 mm

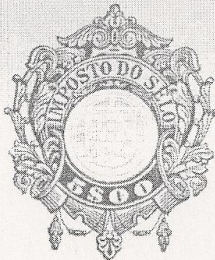
Capacidade de laboração maquina.....81040 quilogramas (Shoras).

Honorarios-----40\$00

Luiz Paulo de Souza

Documento 12 (página 3) – Auto de vistoria à fábrica de moagem do Caramujo, datado de 25 de Julho de 1950 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

4334
5190



9.2541
Processo n.º 9197
3-2-1954
218

Exm^o. Snr.

Engenheiro Chefe da 3^a. Circunscricção Industrial de
L I S B O A

A Sociedade Industrial Aliança, sociedade anónima de responsabilidade limitada, com séde em Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º. 12 rez do chão Esquerdo, proprietária da Fábrica de Moagem sita no Caramujo, concelho de Almada, distrito de SetuBal, vem requerer a V. Ex^a. se digne mandar anexar aos maquinismos constantes do respectivo alvará N.º. 7 M. duas balanças novas da marca Chronos, de 50 quilos cada, em substituição de 2 balanças da mesma marca, uma de 75 quilos e outra de 20 quilos.

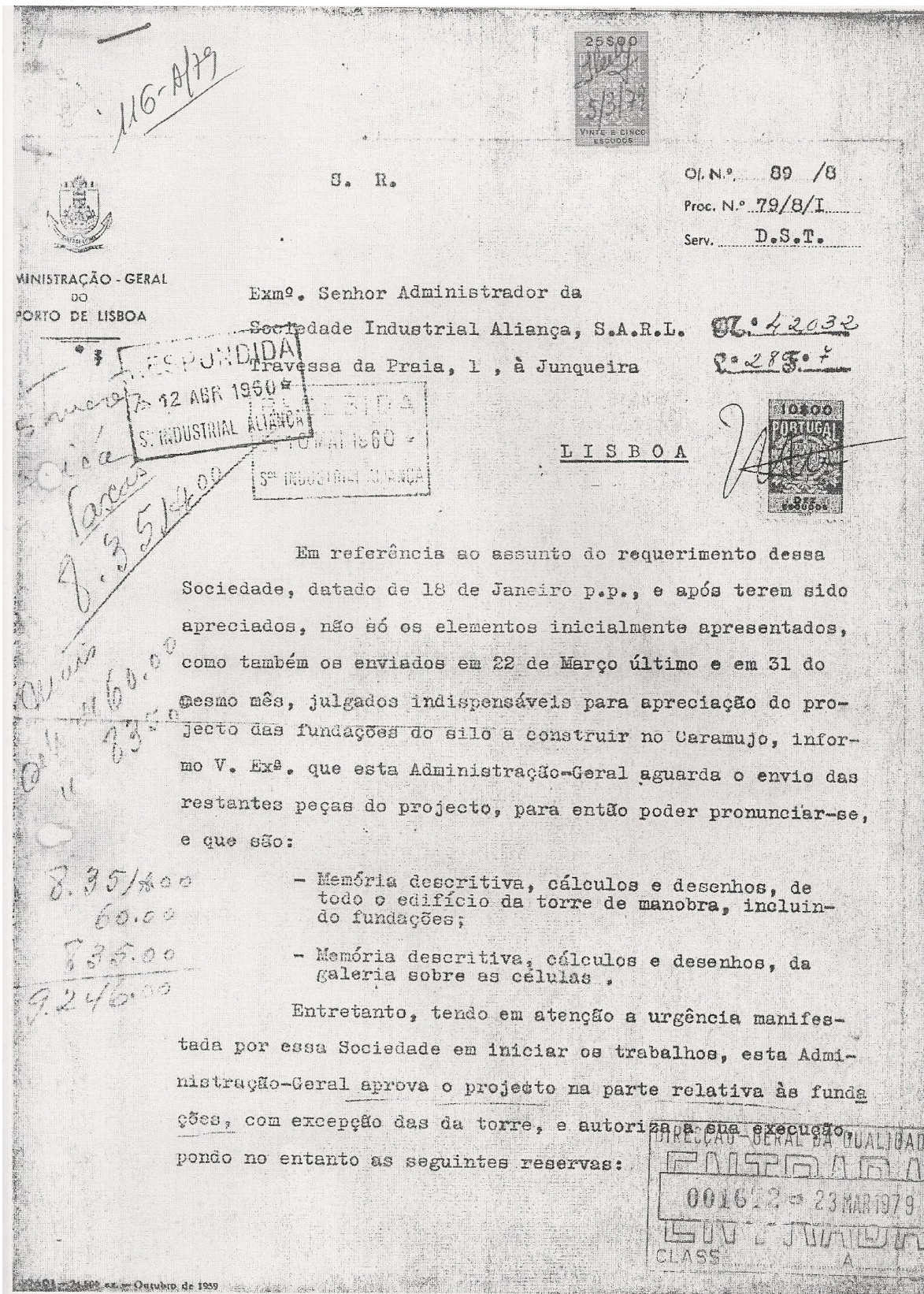
Pede Deferimento

Lisboa, 12 de Outubro de 1954

Sociedade Industrial Aliança
M. Eduardo Gomes Lourenço

3.ª Circunscricção Industrial
13 OUT 1954
69 4342/180

Documento 13 – Requerimento para anexação de novos maquinismos ao alvará 7-M da fábrica de moagem do Caramujo (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



Documento 14 (página 1) – Resposta da Administração do Porto de Lisboa, datada de 7 de Maio de 1960, ao requerimento da Sociedade Industrial Aliança, respeitante à construção dos silos (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

25500
VINTE E CINCO ESCUDOS

Of. N.º - 2 -
Proc. N.º
Serv.

**ADMINISTRAÇÃO - GERAL
DO
PORTO DE LISBOA**

?

1

- A localização do silo deve respeitar a largura de cais que constitue serventia pública, edificando-se portanto a cerca de 4,40 m. da aresta da muralha;
- As estacas devem descer até às formações terciárias, que no relatório sobre a geologia local se identificam como sendo argilo-arenosas muito compactas de idade miocénica (tortonianas), devendo nelas penetrar o necessário para que a capacidade de carga seja, pelo menos, 1,5 vezes o valor da solicitação transmitida pela superestrutura;
- Recomenda-se que sejam efectuados os ensaios de carga que forem julgados necessários para o conhecimento da situação em que ficarão as fundações do silo;
- Esta licença é concedida sem prejuizo de qualquer alteração eventualmente resultante da apreciação dos projectos dos restantes elementos da obra, quer se trate de euperestruturas, quer de equipamento;
- Esta licença é concedida sem prejuizo dos direitos que porventura o Estado tenha sobre os terrenos abrangidos ou afectados pelas obras, em relação aos quais futuramente se elaborará o expediente de regularização legal da sua ocupação, se para tal houver lugar.

Mais informo de que deverá V. Ex.^a mandar satisfazer, na Secção de Expediente da 6.^a Repartição, no Cais do Sodré, ao pagamento da importância referente à taxa de licenciamento das obras, válida por 500 dias.

A BEM DA NAÇÃO

Lisboa, 7 de Maio de 1960

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL

Pedro M. B. Arsénio Nunes

(Pedro M. B. Arsénio Nunes)

DIRECÇÃO-GERAL DA QUALIDADE
PÚBLICA
001672 = 23 MAR 1979
CLASS A

Mod. 0601 - 74.500 ex. - Outubro de 1959

Documento 14 (página 2) – Resposta da Administração do Porto de Lisboa, datada de 7 de Maio de 1960, ao requerimento da Sociedade Industrial Aliança, respeitante à construção dos silos (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
 Direcção-Geral do Planeamento Urbano
 Direcção-Regional do Planeamento Urbano
 do RIBATEJO E OESTE
Barral

25\$00
 PORTUGAL
Luz
 1975

Exmo. Senhor. Director do Gabinete do Plano Director da
 Região de Lisboa

Sociedade Industrial Aliança, S.A.R.L. com Sêde
 na Travessa da Praia nº. 1 em Lisboa, vem junto de V. Ex^{ta}. pedir
 e requerer autorização ao abrigo do nº. 3 da Base V da Lei Nº.
 2099, de 14 de Agosto de 1959, a legalização da sua Fábrica desti-
 nada à indústria de Moagem, Semolaria e oficinas próprias de Serra-
 lharía, Carpintaria, sita na Rua Manuel José Gomes, em Caramujo,
 freguesia de Cova da Piedade, Concelho de Almada, Distrito de Setú-
 bal, estabelecimento que não produz gases que poluam a atmosfera,
 nem águas residuais que possam poluir o sólo ou ou linha de água
 vizinha, a fim de ser entregue com urgência na 3^a. Circunscrição
 Industrial para efeito de instruir o respectivo pedido de licencia-
 mento em curso na referida Circunscrição, pelo que, respeitosamente

Pede deferimento

Lisboa, 3 de Fevereiro de 1975

Soc. Industrial Aliança S.A.R.L.
[Signature]

MIT

Associação Industrial de Lisboa

E 3A

9-18-79

L.º 5 2394/16

REGISTRO DA QUALIDADE

ENTRADA

001672 - 23 MAR 1979

ENTRADA

CLASS A

Documento 15 – Requerimento da Sociedade Industrial Aliança para instrução do pedido de licenciamento da fábrica de moagem do Caramujo, com data de 3 de Fevereiro de 1975 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

DEPARTAMENTO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E URBANISMO
SECRETARIA

Ex.º Sr.
Sociedade Industrial
Rua da Junqueira

18 JUL 1978



L I S B O A

Sua referência

Sua comunicação de
2 / 6 / 78

Nossa referência

Of.º 3303
Proc. Ct.º 1868/75

DATA

17.º 1978

ASSUNTO: Legalização da fábrica da Sociedade Industrial Aliança.

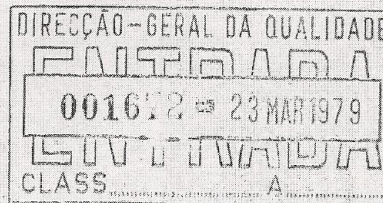
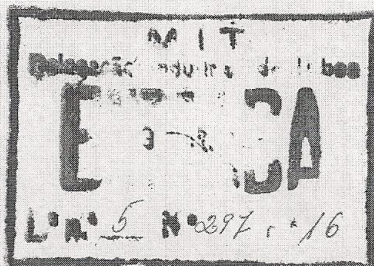
Ass:

Relativamente ao assunto acima mencionado informamos que foi já enviado o nosso parecer ao Gabinete do Plano Regional de Lisboa, através do officio nº.3287 datado de 10 do corrente.

Com os melhores cumprimentos,

O Presidente,

José Pacheco de Sousa





Min. _____
Dect. M.H.
Conf. _____

Documento 16 – Parecer da Câmara Municipal de Almada - Departamento do Equipamento Social e Urbanismo, datado de 18 de Julho de 1978 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

ALIANÇA, S.A.R.L.
 Recebida em 30.08.1978
 ADMINISTRAÇÃO

Handwritten notes:
 SP A. Guimarães
 4.9.78


 S.R.
 MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO, URBANISMO E CONSTRUÇÃO
 DIRECÇÃO-GERAL DO PLANEAMENTO URBANÍSTICO
 GABINETE DO PLANO DIRECTOR DA REGIÃO DE LISBOA



L I S B O A

Sua referência

Sua comunicação

Nossa referência
2912

Rua Conde Redondo, 8
Lisboa - 1

ASSUNTO **SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA, S.A.R.L.** 28 AGO 1978

Legalização da sua fábrica destinada à indústria de moagem semolaria e oficinas de serralharia - Caramujo - Almada

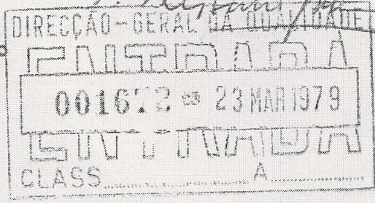
Em referência ao requerimento datado de 3-2-75, comunico a V. Exa. que estes Serviços autorizam a pretensão em causa, a título precário, que deverá ficar condicionada à execução de trabalhos que venham a ser determinados após a conclusão dos estudos de remodelação da zona, em elaboração no Gabinete de Planeamento Camarário.

A fim de ser presente na 3ª Circunscrição Industrial, junto se devolve cópia do requerimento e planta de localização respectiva, devidamente autenticadas com o selo em branco deste Gabinete.

Com os melhores cumprimentos
 DIRECTOR DO GABINETE

Acácio de B. Durão

EXCO: Cópia do requerimento e planta de localização



DGSU Mod. 355

Documento 17 – Ofício resposta por parte do Gabinete do Plano Director da Região de Lisboa, datado de 28 de Agosto de 1978, autorizando o pedido da Sociedade Industrial Aliança de 3 de Fevereiro de 1975 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



Documento 18 – Planta de localização da fábrica de moagem do Caramujo, com data de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

916-179

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

DIRECÇÃO-GERAL DA QUALIDADE INDUSTRIAL

001672 - 23 MAR 1979

CLASS. 233 A9

IMPRESSO DO SELO 19800

10\$00 PORTUGAL

MEMÓRIA DESCRITIVA

Sociedade Industrial Aliança, S.A.R.L., com séde em Lisboa, na Travessa da Praia, nº 1, à Junqueira, vêm apresentar a Memória Descritiva, para esclarecer o seu pedido desta data para legalização das alterações da sua Fábrica de Moagem e Semolaria, situada na Rua Manuel José Gomes, sem número polícia, em Caramujo, freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada, distrito de Setúbal.

1 - Processo e diagramas de fabrico

Os processos e diagramas de fabrico são os que constam no respectivo processo de licenciamento, precedendo a necessária autorização e aprovação por despacho de Sua Exa. o Secretário de Estado da Industria de 8 de Julho de 1963 (ofício nº. C.I. 133A/48-6/8/4 4ª secção da 3ª repartição da D.G.S.I.) que permitiu a remodelação fabril tal como se apresenta actualmente realizada, sucintamente, como simples indicação resume-se:

- a) - Os trigos são recebidos, pesados, limpos e armazenados, nos Silos
- b) - São novamente limpos, desempedrados, libertos de sementes, lavados e condicionados na 1ª limpeza
- c) - São despontados e aspirados na 2ª limpeza
- d) - São moídos e transformados em farinhas, Sémolas e semeas, na Moagem
- e) - As farinhas, sémolas e semeas são ensacados nos Ensaques.
- f) - Finalmente estes produtos acabados, são armazenados nos Armazéns donde são expedidos para os clientes.

Documento 19 (página 1) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

2 - Matérias primas a utilizar, sua qualidade e quantidade

A matéria prima utilizada é o trigo das qualidades Rijo e Mole e a quantidade anual consumida é de 48.000 Ton.

3 - Capacidade de produção e conformidade dos produtos com as normas ou características legalmente estabelecidas.

a) - A capacidade média de fabrico é indicada em relação às quantidades médias de farinhas e sêmolas produzidas nas 24 horas ou seja:

187 Ton./24 horas de farinhas espoadas

30 Ton./24 horas de sêmolas

b) - Todos os produtos resultantes da laboração desta unidade não se citam por motivos óbvios. De resto, toda a tecnologia de fabrico aponta para a sua estricta observancia de modo a garantir aos produtos finais a melhor qualidade e a conformidade imposta com as normas legais respectivas.

4 - Aparelhos, Máquinas e demais equipamento previsto na alínea b), com a respectiva especificação

1 - Máquina de Estriar cilindros MIAG

1 - Esclusa MIAG tamanho nº 1

3 - Lavadoras de trigo MOALI LICENÇASOCAM

1 - Esclusa MIAG tamanho nº 2




3 - Separadores gravímetros MIAG tipo ZS 56/40 completos c/ventilador sobreposto EA 16300.

3 - Bombas compressores tipo GM 13.7

1 - Esclusa de alimentação MIAG nº. 3

Documento 19 (página 2) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

1 - Ventilador BUHLER HTM - 12.16

1 - Transportador de rosca Sem-fim em aço inox.

1 - Transportador de rosca Sem-fim de 220 ϕ e 6 metros comprido

1 - Balança automática CHRONOS p^a trigo de 100 Kgs

1 - Balança automática CHRONOS p^a trigo de 50 Kgs

1 - Transportador de rosca Sem-Fim de 300 ϕ e 6 mts comprimento.

1 - Transportador de rosca Sem-Fim de 220 ϕ e 6 mts comprimento.

3 - Transportadores Sem-Fim c/10 mts cada 220 ϕ

1 - Transportador Sem-Fim 220 ϕ c/9 mts comprimento

1 - Elevador de alcatruzes p^a trigo de 15 T/h, 15 mts comprimento

1 - Ciclone BUHLER tipo MGXP - 40/93

1 - Ciclone BUHLER tipo MGXP - 40/130

1 - Esclusa BUHLER MPSF 22/22 C

1 - Esclusa BUHLER MPS 22/13

1 - Ventilador BUHLER tipo HTM - 9.13

2 - Ventiladores MGJ BUHLER (equivalentes)

1 - Esclusa SIMON (equivalente BUHLER 22/13)

1 - Desempedrador KIPP-KELLY 60-60

1 - Esclusa SIMON (equivalente SIMON 22/13)

1 - Esclusa SIMON (equivalente BUHLER 22/13)

2 - Elevadores de alcatruzes p^a trigo 5 T/h 30 mts comprido

2 - Elevadores de alcatruzes p^a trigo 16 T/h c/30 mts comprido

4 - Transportadores Sem-Fim ϕ 350

1 - Ciclone BUHLER MGX 80

1 - Ciclone BUHLER MGX 80

Documento 19 (página 3) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

- 2 - Transportadores de correntes BUHLER BTK7 102 N° T1 c/33,41 metros, cada um de comprimento
- 1 - Transportador de correntes BUHLER BTK7 102 N° T1 c/21,91 metros de comprimento.
- 1 - Moto-reductor SEW de 4 CV 140 rpm
- 1 - Transportador de corrente BUHLER BTK5 102 n° T1 c/26,91 metros de comprimento.
- 1 - Ventilador BUHLER HT-12
- 5 - Ensacadores manuais de sacos de pó
- 12 - Doseadores duplos de trigo BUHLER tipo MZAD
- 1 - Grua de descarga Pneumática BUHLER PNTZ incluindo:
 - 1 - Compressor GM-15.11
 - 1 Separador MTT - 5 BUHLER
- 1 - Balança automática p^a trigo CHRONOS tipo GW 8b p^a 400 Kgs.
- 1 - Elevador de trigo BUHLER tipo 710/260 de 50 T/h c/25,68 metros de comprimento.
- 2 - Ciclones BUHLER MGX 100
- 2 Esclusas BUHLER MP5 - 22/13
- 1 - Ventilador BUHLER MSJ - 6
- 2 - Comandos de distribuidores de revólver marca SCHINDLER com 400 metros de tubo de ferro 200 m/m ϕ 2 mm espessura.
- 2 - Distribuidores de revólver BUHLER de 21 saída cada
- 1 - Transportador de correntes BUHLER BTK 7 102 n° T1 c/11,61 metros de comprimento.
- 1 - Transportador de correntes BUHLER BTK 7 102 n° T1 c/28,01

Documento 19 (página 4) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



- 3 - Vibro alimentadores BUHLER DMVS - 33
- 3 - Compressores MGG - 11,2 BUHLER
- 3 - Esclusas MPSE 18/15 BUHLER
- 3 - Compressores MGG - 13,6 BUHLER
- 3 - Esclusas MPSE 28/30 C BUHLER
- 2 - Esclusas MPSE 28/30 BUHLER
- 24 - Moinhos de cilindros BUHLER MDDB - 1000/250
- 9 - Moinhos de cilindros BUHLER MDDB - 600/250
- 2 - Balanças libra WERK M3 (forn. BUHLER)
- 1 - Balança libra WERK M1 (forn. BUHLER)
- 33 - Rolos de cilindros de reserva BUHLER 1000/250
- 17 - Rolos de cilindros de reserva BUHLER 600/250
- 2 - Tubos vidro-transportadores BUHLER c/18 mts cada
- 3 - Tubos vidro-transportadores BUHLER c/ 6 mts cada
- 13 - Transportadores de Sem-fim de 200 ϕ c/o total de 185 mts
- 13 - Moto-redutores SEW - R73 D33 1,5 CV 100 rpm
- 1 - Esclusa BUHLER MPS - 22/13
- 1 - Esclusa BUHLER MPS - 22/19
- 2 - Magnetos separadores de impurezas metálicas
- 6 - Sassoires BUHLER MQRC - 5
- 6 - Sassoires BUHLER MQRC - 4
- 8 - Escavadoras de farelo BUHLER MKL
- 4 - Vibro-transportadores BUHLER c/15 mts cada
- 7 - Transportadores Sem-fim de 200 ϕ c/o total de 112 mts
- 2 - Bâsculas automáticas p^a trigo, de 50 Kgs marca CHRONOS

Documento 19 (página 5) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

- 1 - Aparelho de control de rendimento MLU - 108 - BUHLER
- 1 - Peneiro Tubo-centrífugo BUHLER - MKZ
- 2 - Plansifters MPAD - 814 BUHLER
- 7 - Plansifters MPAD - 622 BUHLER
- 9 - Motores OERLINKON 3 cv 930 rpm
- 4 - Ciclones MGXU - 120 BUHLER
- 4 - Esclusas MPS - 22/19 BUHLER
- 1 - Filtro MURB - 5/24 BUHLER
- 2 - Filtros MURB - 8/24 BUHLER
- 2 - Ventiladores MGJ - 5 BUHLER
- 2 - Ventiladores de alta pressão BUHLER HTM - 30.17
- 2 - Ventiladores BUHLER MGJ - 6
- 1 - Ventilador BUHLER MGJ - 7
- 1 - Ventilador BUHLER MGJ - 5
- 1 - Ventilador BUHLER HDM - 18.15
- 6 - Ciclones MGXP 14 BUHLER
- 4 - Ciclones MGXP 16 BUHLER
- 9 - Ciclones MGXP 20 BUHLER
- 11 - Ciclones MGXP 24 BUHLER
- 7 - Ciclones MGXP 28 BUHLER
- 7 - Ciclones MGXP 32 BUHLER
- 4 - Ciclones MGXP 36 BUHLER
- 10 - Ciclones MGXP 40 BUHLER
- 35 - Esclusas MPS - 22/13 BUHLER
- 16 - Esclusas MPS - 22/19 BUHLER

Documento 19 (página 6) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



- 1 - Trior Ultra tipo V/3
- 2 - Separadores de sementes TOBOGAM MIAG
- 3 - Triores Ultra tipo V/5
- 1 - Separador Densímetro FORNSBERG tipo 6M MIAG
- 2 - Centrífugas de impacto MIAG tipo 8580
- 1 - Centrífuga de impacto MIAG tipo 6380
- 3 - Crivos vibradores MIAG tipo M1010 II
- 1 - Filtro AGK p^a 100 m³ de ar/minuto
- 1 - Filtro AGK p^a 100 m³ de ar/minuto
- 2 - Esclusas MIAG para pó
- 1 - Crivo vibrador MIAG 1010 S II
- 1 - Esclusa MIAG
- 2 - Esclusas MAIAG
- 2 - Esclusas MIAG
- 1 - Ventilador MIAG tipo E 31160
- 1 - Separador MIAG SZ 90/60
- 1 - Ciclone MIAG n^o 80
- 1 - Ventilador sobreposto MIAG EA 25300
- 1 - Ventilador MIAG E 35160
- 1 - Ciclone MIAG n^o 110
- 1 - Ventilador MIAG EA 40160
- 1 - Motor PILLER 7,5 CV 1430 rpm MIAG
- 1 - Ciclone MIAG EA 35200
- 1 - Ventilador MIAG E 31160
- 1 - Separador MIAG tipo R 90/40

Documento 19 (página 7) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

- 1 - Ciclone MIAG n°. 40
- 2 - Esclusas MIAG
- 1 - Separador MIAG ZS 56/40
- 1 - Separador MIAG SZ 90/60
- 1 - Ventilador MIAG EA 25.300
- 1 - Motor PILLER 7,5 CV 2900 rpm MIAG
- 1 - Ciclone MIAG n° 80
- 1 - Motor EFECEC 3 CV 1430 rpm
- 1 - Ventilador EFACEC 20m/3 minuto 150 mm WS
- 1 - Ventilador EFACEC 35m/3 minuto 150 mm WS
- 1 - Ventoinha de FORJA " MICAX"
- 2 - Ventiladores SIMON c/motor tipo H10
- 1 - Separador de discos SIMON 3T 12A
- 12 - Doseadores duplos de trigo SIMON
- 1 - Separador de discos SIMON tipo 17A 15T
- 1 - Separador de discos SIMON tipo 12A 3T
- 2 - Moinhos SIMON (BARRON IMPACT GRINDER n° 3)
- 1 Despontadora SIMON de esmeril tamanho n° 44
- 2 - Ciclones SIMON BARRON
- 2 - Esclusas SIMON BARRON
- 1 - Moto-redutor NORMAND electrical 0,75 CV 100 rpm
- 1 - Ventilador de alta pressão SIMON BARRON
- 3 - Destacadores BUHLER MJX-2
- 10 - Destacadores BUHLER MDL - 300 ø
- 1 - Esclusa MPS - 22/13 BUHLER

Documento 19 (página 8) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

Nos termos da lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



metros de comprimento.

- 1 - Ciclone BUHLER MGX - 70
- 1 - Ventilador BUHLER MGJ - 4
- 2 - Elevadores BUHLER tipo 710/260 50 T/h c/48,3 metros de comprimento.
- 1 - Esclusa MPSE - 18/15 BUHLER
- 2 - Esclusas MPSE 28/30 BUHLER
- 3 - Vibro-alimentadores BUHLER DMUS - 33
- 2 - Transportadores Sem-Fim 350 ϕ 8,5 metros de comprimento.
- 4 - Aparelhos extractores MFX - 140 BUHLER
- 1 - Transportador Sem-Fim 200 ϕ c/3 mts de comprimento.
- 1 - Tobogam para sacos
- 2 - Transportadores Sem-Fim 350 ϕ c/3 mts
- 2 - Extractores BUHLER tipo DMBG
- 1 - B scula ensacadora Libra tipo 0-1065-G
- 2 - Plansifters BUHLER MPAR - 8
- 2 - Transportadores Sem-fim de 350 ϕ c/5 mts cada de comprimento.
- 2 - Transportadores Sem-Fim de 350 ϕ c/8 mts cada de comprimento.
- 1 - Transportador Sem-Fim de 180 ϕ c/8,5 mts de comprimento.
- 2 - Elevadores de Alcatruzes tamanho 500/260 c/21,5 mts de comprimento cada.
- 1 - Elevador de alcatruzes tamanho 360/140
- 4 - Filtros c/4 mangas cada.
- 1 - Filtro c/2 mangas
- 1 - Filtro c/1 manga

Documento 19 (página 9) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

- 5 - Válvulas distribuidoras BUHLER MAYE
- 1 - Balança ensacadora Libra tipo 0-1065-G
- 1 - Extractor de semente modelo MFX - 140 BUHLER
- 1 - Balança ensacadora Libra tipo 0-1065-G (Reserva)
- 1 - Balança centesimal de control AVERY p^a 1.000 Kgs.
- 2 - Básculas de farinha (ensacadoras) AVERY tipo 4306
- 1 - Balança de control AVERY modelo 3901 (centesimal) 250 Kgs.
- 1 - Vibrador BOSCH
- 4 - Máquinas de costura SINGER
- 1 - Empilhador YALE modelo K BEAT 30-83
- 1 - Empilhador YALE modelo VE - 3024
- 2 - Aparelhos de carregamento de baterias.
- 2 - Estações de costura de sacos UNION-SPECIAL composta de:
 - 2 - Colunas c/passadeiras, classe 91,800 T.
 - 2 - Cabeças de costura de sacos, classe 80,600 R
- 1 - Estação de costura de sacos executada nas oficinas do Caramujo, mas equivalente a 1 estação UNION-SPECIAL composta de:
 - 1 - Coluna c/passadeira, classe 91,800 T
 - 1 - Cabeça de costura classe 80,600 R
- 2 - Fitas transportadoras de sacos fixas c/6 mts de comprimento ca da uma.
- 3 - Fitas transportadoras de sacos móveis BOYER
- 1 - Berbequim SUPER STAR modelo 8 GM
- 1 - Berbequim SUPER STAR modelo 10 GM 2 V
- 1 - Aparelho DEMAG p^a elevar sacaria das embarcações (125 Kgs)

Documento 19 (página 10) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



n.º. 1491922

- 1 - Torno mecanico CARDIFF ref. 133456/1329 c/1,5 mts entre pontos.
- 1 - Esmeriladora RABOR tipo K2 1,5 CV 1465 rpm
- 1 - Máquina de trabalhar madeira UNIVERSAL marca MIDA série 1430
- 1 - Lixador PORTER-CABLE
- 1 - Lixador ROCKWELL mod. 337 V tipo 1
- 1 - Torno para madeira c/1 mt entre pontas } Recuperado sucada }
- 1 - Engenho de furar BÚFALO série 51
- 1 - Rectificadora METABO tipo 706 0,5 CV 2.880 rpm.
- 1 - Engenho de furar 30 mm de capacidade
- 1 - Serrote mecanico OSIS alternativo n.º. 25234
- 1 - Quinadeira e calandra p.º 1 mt.
- 1 - Calandra 2 mts
- 1 - Limador 250 mm de curso
- 1 - Fieira de tamanho n.º 5
- 1 - Rebarbador METABO
- 1 - Rebarbadora FEIN
- 1 - Berbequim VADOR super 16 mm de capacidade
- 1 - Berbequim BOSCH 12 mm de capacidade
- 1 - Berbequim BOSCH tipo T 1113 HD/2 V 10 mm
- 1 - Moinho de ensaio tipo FC
- 4 - Muflas HERADEUS tipo MR 170
- 2 - Estufas HERADEUS tipo RT 360
- 1 - Distribuidor de água 5 lts de capacidade.

Documento 19 (página 11) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

- 1 - Deseador de humidade DUPLEX Sist. Gronet.
- 1 - Farinógrafo BRABENDER
- 1 - Extensógrafo BRABENDER
- 1 - Balança para Farinógrafo
- 1 - Moinho de ensaio/quadrumat Mod. QU-J BRABENDER
- 1 - Alveógrafo CHOPIN
- 5 - Número aproximado e sexo dos operários empregados
- a) - 95 Operários do sexo masculino.
- b) - 19 Operárias do sexo feminino.
- 6 - Número aproximado e habilitações dos técnicos e operários especializados
- a) - 2 Técnicos de Moagem
- b) - 19 Operários especializados.
- 7 - Total da potência instalada
- O total da potência instalada é de 1.322,5 CV
- 8 - Dispositivos e meios previstos, para suprimir ou atenuar os inconvenientes próprios da laboração
- O equipamento existente, susceptível de ocasionar vibrações, poeiras, etc. está devidamente instalado, de modo a eliminar tais inconvenientes ou pelo menos atenuá-los apreciavelmente.
- 9 - Instalações de segurança, de primeiros socorros e de carácter social
- Estão instalados em locais indicados por peritos, as seguintes bocas de incêndio e extintores.

Documento 19 (página 12) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.



- a) - 7 Bocas de incêndio.
- b) - 2 Extintores de 2,5 Kgs. de pó químico
 - 6 Extintores de 6 Kgs. de pó químico seco tipo ABC
 - 58 Extintores de 12 Kgs. de pó químico seco tipo ABC
 - 15 Extintores de 2 Kgs. de CO2
 - 3 Extintores de 3,5 Kgs. de CO2
 - 1 Extintor de 50 lts de LIGHT WATER, móvel, c/mangueira e pistola dispersora
- c) - Existe posto médico com assistência bissemanal e várias caixas de primeiros socorros em vários locais do Estabelecimento Industrial.
- d) - Existe Refeitório, Sala de Convívio e Salão de Festas.
- 10 - Sistema de abastecimento de água, quer potável quer para usos Industriais

O abastecimento de água potável é feito pela rede Camarária.

A água para usos Industriais é fornecida por um furo Hertziano.

- 11 - Número de lavabos, balneários e instalações sanitárias

As instalações sanitárias vão devidamente discriminadas nas peças de projecto que se juntam.

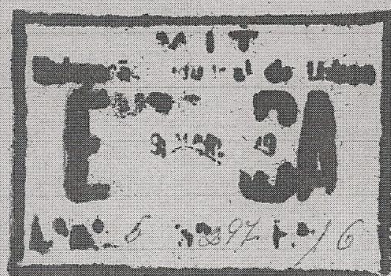
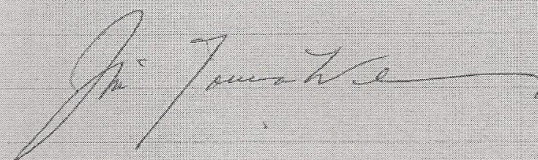
- 12 - Rêde de Esgotos

A rêde de esgotos é Camarária.

13 - Instalações para tratamento de efluentes, quando necessário

No caso presente não serão necessárias visto não haver efluentes poluentes.

Sociedade Industrial Aliança, S.A.S.
ADMINISTRAÇÃO



Documento 19 (página 14) – Memória descritiva da fábrica de moagem do Caramujo, datada de 23 de Março de 1979 (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

INFORMAÇÃO N.º: 1192/00

DATA: 00-03-17

DE: Serviço de Indústria - C

ASSUNTO: FISCALIZAÇÃO
Moagem de trigo com peneiração
SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA, SARL
Rua Manuel José Gomes - Caramujo - Cova da Piedade - ALMADA
Proc.º N.º.: 3/09197

PARECERES:

De acordo com a caducidade do processo
A consideração superior
2000.03.17
[Handwritten Signature]

UNIDADE DE
CHEFE DE DIVISÃO

DESPACHO:

[Handwritten Signature]
[Handwritten Signature]
A. SIMÕES DE SOUSA
DIRECTOR DE SERVIÇOS

Documento 20 (página 1) – Informação nº1192/00, datada de 17 de Março de 2000, referente à fiscalização da fábrica de moagem do Caramujo (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)



Direcção Regional
de
Lisboa e Vale do Tejo

INFORMAÇÃO N.º: 1192/00

PÁG.: 2

SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA, SARL

Na sequência de determinação do Sr. Chefe de Divisão, e para os devidos efeitos compareci, no dia 17 de Março do corrente ano, no estabelecimento de moagem de trigo com peneiração, pertencente à firma **SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA, SARL**, sito em Rua Manuel José Gomes - Caramujo - Cova da Piedade, tendo verificado que o mesmo se encontrava encerrado e com vestígios de abandono.

Segundo informações colhidas no restaurante **CARAMUJO**, vizinho do estabelecimento em referência, a actividade foi suspensa há mais ou menos seis anos.

Em face do averiguado e exposto sou de propor, salvo melhor opinião, a caducidade do presente processo.

À consideração superior.

O TÉCNICO PROFISSIONAL

(José Rosa)

Documento 20 (página 2) – Informação nº1192/00, datada de 17 de Março de 2000, referente à fiscalização da fábrica de moagem do Caramujo (Fonte: Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, Secretaria-Geral, processo de licenciamento industrial 9197)

Sem prejuizo da Base V do ...
n.º 2099 de 14 de Agosto de 1973

Concordo: Deffiro.
41 4173
Director - Geral.
J. Camp.

030487 10 DEZ. 73
REPARTIÇÃO SECÇÃO
ENT. 12/12/73

Exmo. Senhor.
Director Geral dos Serviços Industriais

Sociedade Industrial Aliança, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, firma de nacionalidade portuguesa, com sede na Travessa da Praia n.º.1, em Lisboa, pretende instalar em edificio próprio uma unidade fabril destinada ao fabrico de bolachas Waffer's e Sandwich, nos termos do boletim junto. As bolachas para a formação da Sandwich são fornecidas pela Fábrica da própria Empresa, situada na Rua da Junqueira n.º9 a 11 em Lisboa.

O equipamento a instalar será constituído por:

1 forno; 1 misturador; um batedor de creme; 2 embarradoras; 1 túnel condicionador; 1 cortador de bolacha e 1 empacotadeira.

A força motriz prevista será de cerca de 14 c.v, e o pessoal a empregar de cerca de um operário (encarregado) e 10 a 20 operários; divididos por classes. Esta unidade será montada no Concelho de Almada, distrito de Setúbal, pelo que requiere a V. Ex.ª. se digne conceder-lhe a necessária autorização, nos termos do artigo 30.º do Decreto Lei n.º. 46.666 de 24/11/965.

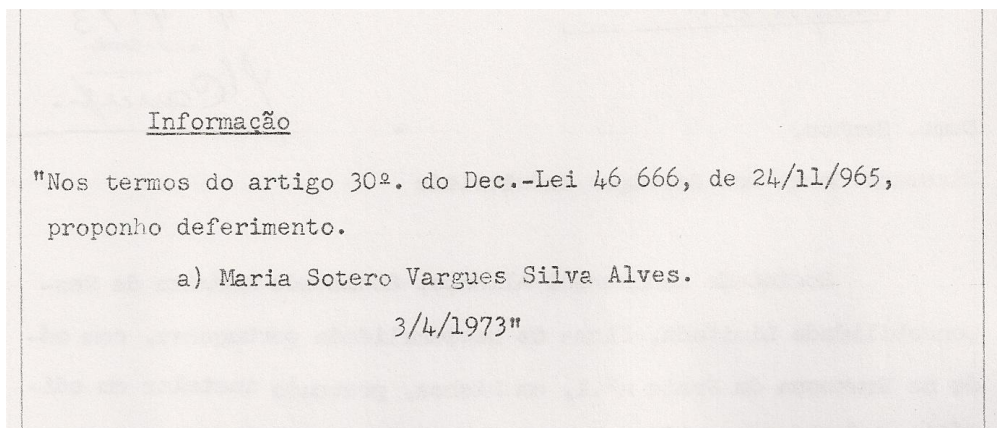
Lisboa, 28 de Março de 1973

12 ABR 1973
L.º 103 1460 143

008144 29.MAR. 73
REPARTIÇÃO SECÇÃO
ENT. 30 MAR 1973

Pede deferimento
Sociedade Industrial Aliança
O ADMINISTRADOR
J. Sousa


Documento 21 (página 1) – Requerimento, folha de rosto, da Sociedade Industrial Aliança com o fim da instalação de uma unidade produtora de bolachas no seu complexo industrial do Caramujo, datado de 28 de Março de 1973 (Fonte: Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo, processo de licenciamento 3/9796)



Documento 21 (página 2) – Requerimento, verso, da Sociedade Industrial Aliança com o fim da instalação de uma unidade produtora de bolachas no seu complexo industrial do Caramujo; despacho de proposta de deferimento de 3 de Abril de 1973 (Fonte: Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo, processo de licenciamento 3/9796)

13/73

3/9796

S.  R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS INDUSTRIAIS
3.^a Repartição — Condicionamento Industrial — 1.^a Secção
Telefone 53 98 91

Exmo. Senhor
Engenheiro-Chefe da 3.^a Circunsc
crição Industrial

L I S B O A
2173
Nossa referência

11. ABR. 1973
Rua José Estêvão, 83-A — Lisboa-I

- 3:1; Proc.^o. 206.2.3, n.^o. 4/1 -

REQUERENTE: Sociedade Industrial Aliança, S.A.R.L.

Remeto a V. Exa., para os fins convenientes, cópia do ofício n.^o 2172, de 11. ABR. 1973, em que se lhe comunica o despacho de 4./4./19.73, exarado sobre o pedido acima referenciado.

A bem da Nação
PEL O ENGENHEIRO CHEFE DA REPARTIÇÃO,

Anexo:
- Cópia do reqt.^o.

jd
Mod. 3.05-A — Artex 1213 - Papel MA 63 g - 5000 ex. - 1972
Formato A5

Documento 22 – Envio interno de documentação referente ao pedido da Sociedade Industrial Aliança de 28 de Março de 1973 (Fonte: Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo, processo de licenciamento 3/9796)

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS INDUSTRIAIS
3.ª Repartição — Condicionamento Industrial — 1.ª Secção

Rua José Estevão, 83 A — Lisboa 1 — Telefone 53 98 91

Exm.º Sr. Administrador da firma
Sociedade Industrial Aliança, S.A.R.L.
Travessa da Praia, n.º 1
L I S B O A

Data de entrada: 29.3.1973		REFERENCIAS			
Data do despacho: 4.4.1973		Serviço	C. A. E.	Número	Localização
Of. n.º 2172 de	11. ABR 1973	3:1	; proc. 206.2.3	, n.º 4 / 1	(1503)

AUTORIZAÇÃO

CONCEDIDA NOS TERMOS DO ARTIGO 30.º DO DECRETO-LEI N.º 46 666, DE 24 DE NOVEMBRO DE 1965

Titular da licença: Sociedade Industrial Aliança, S.A.R.L.

Sede ou domicílio: Travessa da Praia, n.º 1, Lisboa

Localização do estabelecimento industrial no concelho de Almada
distrito de Setúbal área da 3.ª Circunscricção Industrial

Âmbito da autorização (As restantes condições constam do verso desta licença):

- Fabrico de produtos "Waffer's" e "Sandwich". -.-.-.-.-

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS INDUSTRIAIS

030487 13 DEZ. 73

REPARTIÇÃO SECÇÃO

ENT. 13/12/73 EN. 13/12/73

C O P I A


103 1460 143

Esta autorização não confere direitos ao exercício de actividades sujeitas ao regime do condicionamento industrial sendo concedida sem prejuízo da Base V da Lei n.º 2099 de 14/8/959.

A bem da Nação
O ENGENHEIRO CHEFE DA REPARTIÇÃO

O DE APROXIMAMENTO DE ORIGEM PORTUGUESA FAVORECE O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA NACIONAL.

Documento 23 – Documento (licença), 11 de Abril de 1973, enviado à Sociedade Industrial Aliança, comunicando a autorização do pedido para instalação no Caramujo de uma unidade de produção de bolachas (Fonte: Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo, processo de licenciamento 3/9796)

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
 Direcção-Geral da Indústria
 Delegação Regional de LISBOA

FICHA DE ESTABELECIMENTO INDUSTRIAL

01 - Serviço 02 - Número de entrada 3101870 03 - Natureza do preenchimento A

04 - Data 1985/05/06

1000 — IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA TITULAR DO ESTABELECIMENTO

1001 - Firma ou den. social SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA SA

1002 - Número de identificação de pessoa colectiva 500540268

1003 - Actividade económica principal MOAGEM DE FARINHAS ESPOADAS CAE 311620

1004 - Endereço da sede TRAVESSA DA PRAIA NI A JUNQUEIRA

Código postal 1301 LISBOA-CODEX

Distrito LISBOA Concelho LISBOA 1005 1106

1006 - Número de telefone 630164 1007 - Número de telex 13700 ALIANCP

1008 - Número de estabelecimentos com actividade industrial 03

2000 — ELEMENTOS RELATIVOS AO ESTABELECIMENTO

2100 — IDENTIFICAÇÃO DO ESTABELECIMENTO

2101 - Código R 19796

2102 - Actividade principal MOAGEM DE FARINHAS ESPOADAS CAE 311620

2103 - Denominação (só no caso de o estabelecimento ter denominação própria)

2104 - Endereço RUA MANUEL JOSE GOMES-CARAMUJO

Código postal 2800 ALMADA

Distrito SETUBAL Concelho ALMADA Freguesia C. DA PIEDADE 2105 150304

2106 - Número de telefone 2952803 2107 - Número de telex 1984 1985 1986

2108 - Número total de trabalhadores 96 85 91

MOD. 106-DGI
 Modelo n.º 387 (Exclusivo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, E. P.)

Documento 24 (página 1) – Ficha de estabelecimento industrial da firma Sociedade Industrial Aliança, referente à sua fábrica de moagem situada no Caramujo; folha de rosto da ficha; data de 6 de Maio de 1985 (Fonte: Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo, processo de licenciamento 3/9796)

2200 — ELEMENTOS RELATIVOS ÀS ACTIVIDADES INDUSTRIAIS

2210 — ACTIVIDADE INDUSTRIAL PRINCIPAL

2211 — Actividade industrial	MOAGEM DE FARINHAS ESPOADAS	CAE	3	1	1	6	2	0
2212 — Início de actividade (ano)	1984	1985	1986					
2213 — Valor de produção (contos)	1951000	2248000	2068000					
2214 — Pessoal operário	86	76	77					

2220 — ACTIVIDADE INDUSTRIAL SECUNDÁRIA

2221 — Actividade industrial		CAE						
2222 — Início de actividade (ano)								
2223 — Valor de produção (contos)								
2224 — Pessoal operário								

3000 — RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO

O Declarante,
Sociedade Industrial Aliança, SA
Adjuvo do Conselho de Administração

[Handwritten Signature]

N.º BI 520472 Data 06/05/85 Arquivo *Lisboa*

4000 — RECEPÇÃO PELOS SERVIÇOS

MIC
1987 JUN. 22
DELEGAÇÃO REGIONAL DE LISBOA

1870

N.º Proc. R. I. L. E. I. 319796

ATENÇÃO: OS CAMPOS EM SOMBREADO SÃO DE PREENCHIMENTO RESERVADO AOS SERVIÇOS.

Documento 24 (página 2) – Ficha de estabelecimento industrial da firma Sociedade Industrial Aliança, referente à sua fábrica de moagem situada no Caramujo; folha de verso da ficha; data de 6 de Maio de 1985 (Fonte: Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo, processo de licenciamento 3/9796)

S. R.
 MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
 DELEGACÃO REGIONAL DE LISBOA
 Serviços Periféricos de Santarém

INFORMAÇÃO N.º

P.º "/9796

Assunto: *Fiscalização Art.º 15.º*

Referência: Indústria: *Fábrica de bolachas Waffer's e sandwiches*
 Firma: *Sociedade Industrial Aliança, Sarl*
 Local: *Rua Manuel José Gomes - Cova da Piedade*
 Freguesia: *Cova da Piedade*
 Concelho: *Almada*

*O correio de Lisboa
 de 11/11/87*

*Ofício de Lisboa não poder
 reunir e laborar
 sem previamente requere
 visto desta Direcção
 8.7.12.87*

Exmo. Senhor Director da Delegação Regional de Lisboa do M. I. C.

Para os devidos efeitos e em cumprimento do que me vem determinado, tenho a honra de informar V. Exa. que tendo comparecido no estabelecimento acima referido e procedido às necessárias diligências para esclarecimentos da matéria em averiguação, constatei o seguinte:

Este estabelecimento industrial deixou de laborar, há alguns anos, neste local.

Alguns equipamentos foi transferido para a fábrica em laboração na Trav. da Galé, 24, na Junqueira - Lisboa, e outro ainda se encontra aqui instalado, desactivado, e já em degradação.

Este estabelecimento industrial não deve voltar a laborar mais mas contudo ainda existe algum equipamento instalado, pelo que se deve parecer que este processo deve continuar na posição de arquivo. À consideração superior.

Santarém, 30-10-1987

O técnico principal

Salvador Ribeiro

Documento 25 – Informação da Delegação Regional de Lisboa do Ministério da Indústria e Comércio; impossibilidade de fiscalização; data: 30 de Outubro de 1987 (Fonte: Direcção Regional de Economia de Lisboa e Vale do Tejo, processo de licenciamento 3/9796)



MUNICÍPIO DE ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL

EDITAL Nº. 275/86

Maria de Fátima Alegria Antunes Valença Mourinho, Presidente Substituto da Câmara Municipal de Almada:

Faz Público que, em reunião ordinária que se realizou no dia 11 de Julho, a Câmara Municipal de Almada deliberou o seguinte :

Considerando seu dever defender e valorizar o património cultural do Concelho, encontra-se empenhada numa estratégia que visa o levantamento, estudo, protecção, valorização e divulgação do património cultural e promover a sensibilização e participação dos cidadãos na sua defesa e fruição.

Assim, deverão ser desenvolvidos esforços no sentido de elaborar um plano de salvaguarda que terá como objectivo imediato sustentar a destruição e proteger áreas de interesse histórico e cultural e desenvolver-se-à numa perspectiva da sua classificação, regulamentação de protecção, recuperação e uso.

Nesse sentido, e tendo por base o parecer da Comissão Municipal do Património esta Câmara Municipal aprovou :

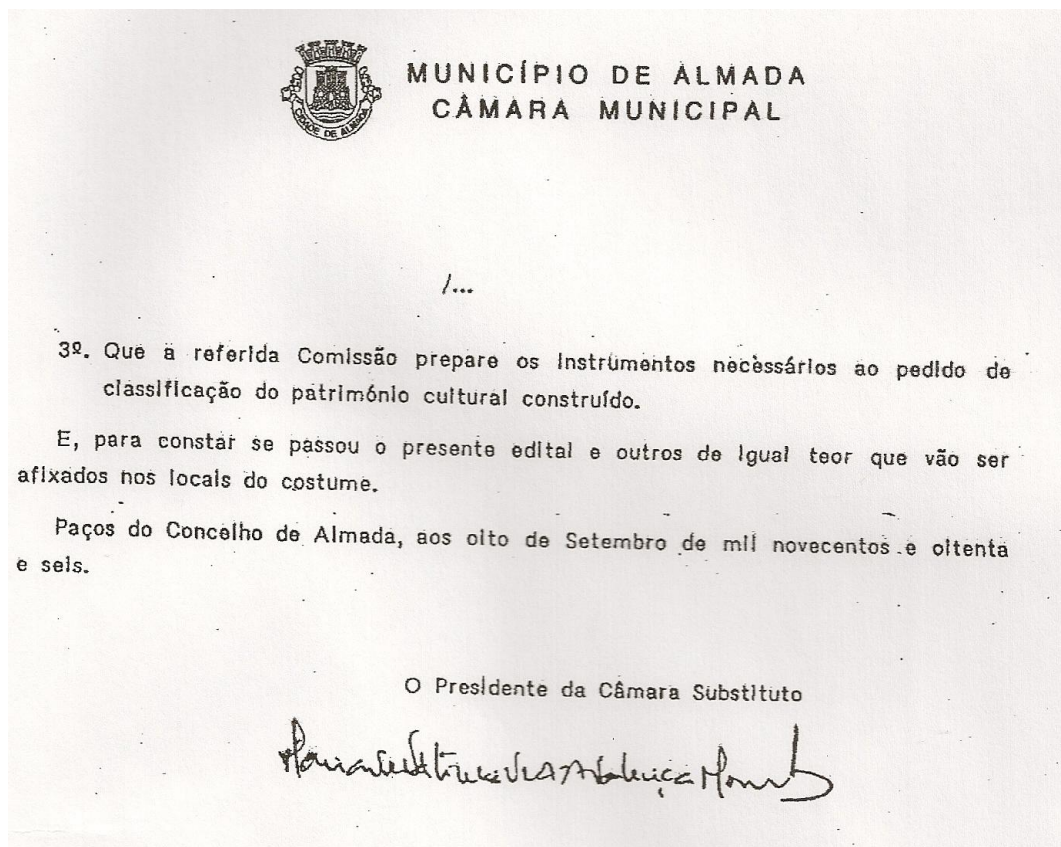
1º. Considerar áreas em estudo para fins de classificação as que constam nos mapas à escala de 1/2000 e na memória descritiva e justificativa em anexo:

- área histórica de Almada
- área histórica de Cacilhas
- área histórica do Pragal
- área histórica da Cova da Piedade
- área histórica da Sobreira
- área histórica do Monte de Caparica
- área histórica de Murfacém
- área histórica da Trafaria

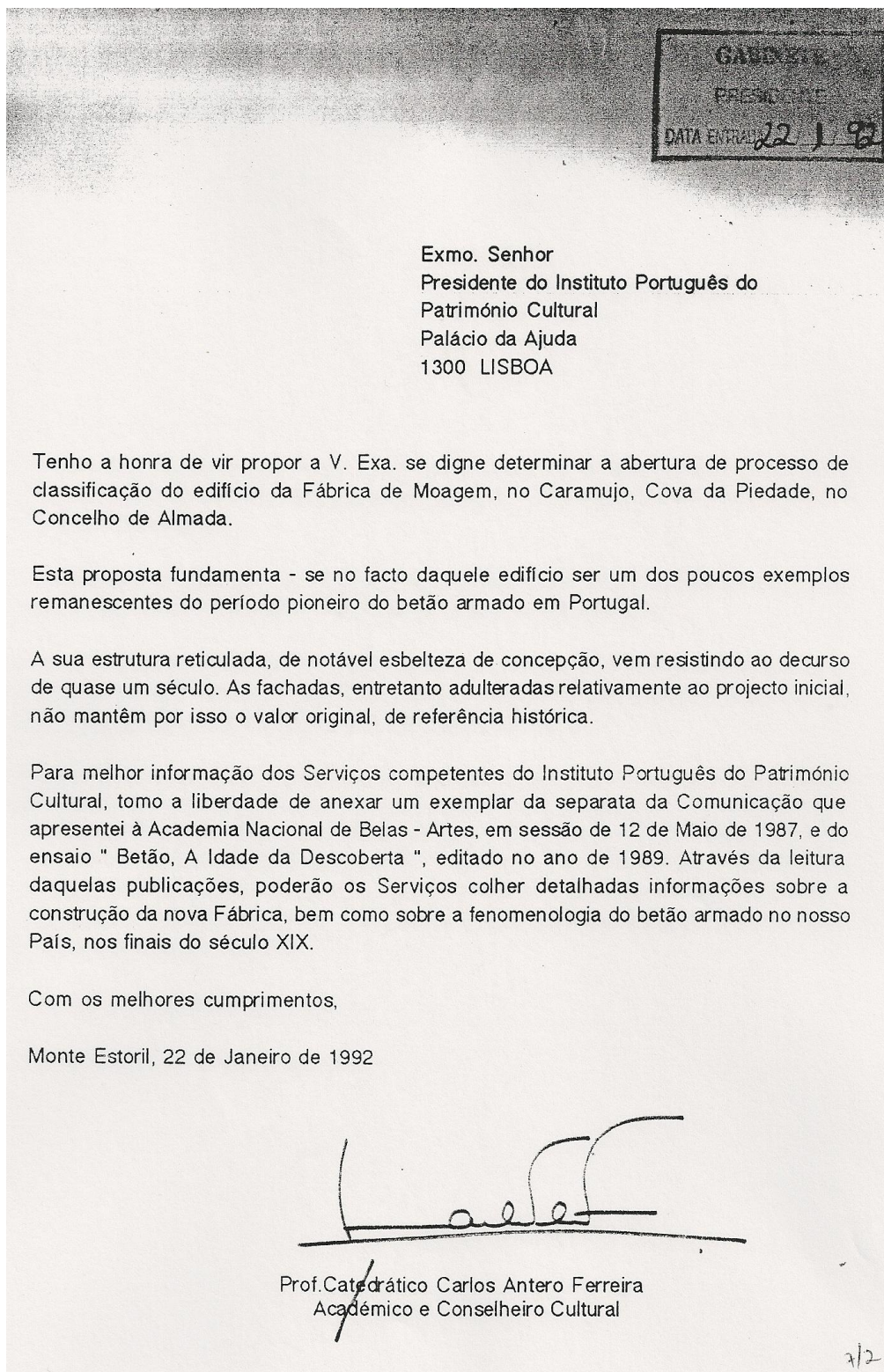
e os três troços da zona ribeirinha compreendidos entre Pontal de Cacilhas-Fonte da Pipa, Arealva-Arrábida e Porto Brandão - Portinho da Costa.

2º. Que, nas áreas definidas do ponto 1, todos os pedidos de viabilização de construção, demolição ou outras alterações do património cultural construído, sejam submetidos ao parecer da Comissão Municipal do Património Cultural.

.../



Documento 26 (Página 2) - Edital nº 275/86 da Câmara Municipal de Almada (fonte: Arquivo Histórico de Almada)



Documento 27 – Ofício de pedido de abertura do processo de classificação da fábrica de moagem do Caramujo, 22 de Janeiro de 1992 (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2)) (Chamamos a atenção para a referência a “nova fábrica”, no quarto parágrafo do texto)



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Assunto *Fábrica de moagem no Caramujo, Leiria da Piedade, Alentejo*

Requerente *Prof. Catedrático Carlos António Ferreira*

Nº Procº *92/3(2)* - Data *13/4/92* Parecer/Informação nº *838*

Zona de Protecção

PRESIDENTE

- Por delegação:

*Concurso - Aberto processo de classificação
1992.04.15*


VICE-PRESIDENTE

DEPARTAMENTO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO


*À consideração superior.
Propouho que seja considerado aberto
o presente processo de classificação,
1992.04.15*

Documento 28 – Parecer/Informação do IPPC, 13 e 15 de Abril de 1992, com proposta de abertura do processo de classificação da fábrica de moagem do Caramujo (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

29-05-92 0007113



Instituto Português
do Património Cultural



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Exm^o Senhor
Presidente da Câmara Municipal
de Almada
2800 Almada

Sua referência

Sua comunicação

Nossa referência

Palácio Nacional da Ajuda
1300 LISBOA

DPA- 92/3(2)

ASSUNTO: *Classificação da fábrica de Moagem no Caramujo,
Cova da Piedade*


Por despacho do Exm^o Senhor Presidente deste Instituto, foi determinada a abertura do processo de instrução relativo à eventual classificação do imóvel referido em epígrafe.

Assim, e para efeitos do disposto no art^o 11^o da Lei n^o 13/85, de 6 de Julho, solicito a V. Ex^o se digne informar do que houver por conveniente sobre o assunto.

Mais informo V.Ex^o de que este Instituto irá proceder à notificação e audiência do proprietário, para o que aguarda a informação solicitada à Direcção-Geral do Património do Estado.

Com os melhores cumprimentos.

O Director do Departamento do
Património Arquitectónico,



(Alberto Flávio Lopes)

N^o de pessoa colectiva - 501 492 275
☎ 363 16 77 / 364 69 26 / 364 70 74 Telefax: 363 70 47
Mod. I.P.P.C. 1

Documento 29 – Ofício do IPPC, 29 de Maio de 1992, remetido à Câmara Municipal de Almada, com informação acerca da abertura do processo de classificação da fábrica de moagem do Caramujo (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



Presidência do Conselho de Ministros
Secretaria de Estado da Cultura

INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

DIRECÇÃO REGIONAL DE LISBOA

Registado c/aviso recepção

Exmo Senhor
Presidente do Conselho de Administra-
ção da Sociedade Industrial Aliança, SA
Travessa da Praia, 1
1300 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

DRL-92/3(2)

-7 JUN 1993

1672

ASSUNTO: Eventual classificação do edifício da Fábrica de Moagem, no Caramujo, Cova da Piedade, concelho de Almada.

Por despacho da Presidência deste Instituto, foi determinada a abertura do processo de instrução relativo à eventual classificação do imóvel referido em epígrafe.

Nos termos do disposto no artº 11º da Lei nº 13/85, de 6 de Julho, as classificações são precedidas de notificação e audiência prévia do proprietário, pelo que solicito a V. Exª se digne informar do que houver por conveniente sobre o assunto, dentro do prazo de 30 dias, após o que se entenderá que não quer deduzir qualquer oposição.

Mais informo que o imóvel fica abrangido pelo disposto no nº 2 do artº 18º da Lei nº 13/85, de 6 de Julho, pelo que não poderá ser demolido, alienado, expropriado, restaurado ou transformado sem autorização expressa deste Instituto.

Com os melhores cumprimentos.

O Director Regional de Lisboa

(Alberto Flávio Lopes)

FM/FM

Documento 30 – O primeiro ofício enviado pelo IPPAR-DRL à firma proprietária da fábrica, 7 de Junho de 1993, com informação acerca da abertura do processo de classificação (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

1 + 3 4 - 0 7 - 6

aliança

-7 JUL 1993

SOCIIDADE INDUSTRIAL ALIANÇA, S. A.

Trav. da Praia, 1 1301 LISBOA CODEX Telef. 363 01 64/8
Telex: 13700 ALIANC P Telefax: 64 87 08

Secção Administração

N/Ref.º 10/93

V/Ref.º DRL-92/3(2)

Data 1993/Julho/07.

Instituto Português do Património
Arquitectónico e Arqueológico
Direcção Regional de Lisboa
Av. de Berna, nº. 13 - 4º. Dtº.

1000 LISBOA
Att.Exmº. Senhor Arqº. Alberto Flávio Lopes

Exmºs. Senhores,

Assunto : Edifício da Fábrica de Moagem, no Caramujo,
Cova da Piedade, Concelho de Almada.

Os nossos melhores cumprimentos.

Acusamos a recepção do Ofício de V.Exs., acima referenciado, que mereceu a nossa melhor atenção e ao qual passamos a responder.

Face ao Parecer junto, que solicitámos ao Prof. Engº.Costa Lobo, fica claro que a classificação do imóvel é, pelo menos, discutível, equivalendo a um ónus sobre a propriedade que, neste caso, não se justifica suficientemente, sendo certo que esta Fábrica se encontra em laboração e, mesmo em eventual reconversão, não deixaria esta Empresa de ter em mente o interesse de conservar o edifício em causa. Assim, opomo-nos decididamente à classificação da proposta.

Sem mais, reiteramos os nossos melhores cumprimentos e subscrevemo-nos com consideração.

Anexo

o mencionado. 93.07.30

PRAZO DE RESOLUÇÃO 30 DIAS
(até 93/08/06)

Sociedade Industrial Aliança, SA
Um Administrador



À
Sr. Dr. Maria Augusta
para análise e informação
TR 93.07.16

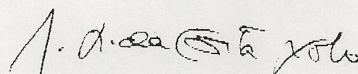
Documento 31 – Resposta da Sociedade Industrial Aliança, através de ofício datado de 7 de Julho de 1993, revelando oposição à possível classificação do edifício, afirmando que a referida unidade industrial se encontrava em laboração e em eventual reconversão (?) (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

of. Eng. M. L. DA COSTA LOBO

AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 83
TEL. 56 17 35 - 4 05 08
1000 LISBOA

RELATÓRIO SOBRE INSTALAÇÕES DA FÁBRICA DE MOAGENS

- 1 - Na sequência da vossa solicitação, visitei as vossas instalações no Caramujo (Almada).
- 2 - As referidas instalações são de factura corrente, não justificando uma classificação geral como imóvel de interesse público, com a excepção da moagem reconstruída em 1896.
- 3 - Quanto à dita antiga moagem, reconstruída em betão armado em 1896, depois do incêndio, sofreu diversas modificações durante as décadas que se seguiram. Embora não tenha um traçado francamente notável em si pode, no entanto, revestir-se de interesse pelo facto de ter sido um dos primeiros edifícios em betão armado construídos em Portugal.
- 4 - O livro do Prof. Arq. Antero Ferreira sobre "Betão - a Idade da descoberta", refere pormenorizadamente o dito edifício e a patente de invenção de François Hennebique, registada em 1894, para a construção em Betão Armado. É aqui, no domínio histórico, que pode residir, essencialmente o interesse de conservação da estrutura do edifício e, consequentemente da sua eventual classificação.
- 5 - De resto, em futura reconversão, é bom que fique dito que o edifício não é intocável mas apenas que num eventual re-arranjo futuro a sua estrutura deveria, de algum modo, integrar-se na nova solução de conjunto e manter a sua função como testemunho histórico da técnica do Betão Armado.
- 6 - Os restantes edifícios e armazéns não são susceptíveis de ser classificados nem sequer isso terá estado na mente de quem tomou a iniciativa de classificação, a qual, no fundo, corresponde sempre a um desvio de competências e que, portanto, deve ser considerado um acto excepcional.



Prof. Eng. Manuel da Costa-Lobo

Lisboa, 6 de Julho de 1993

MINISTÉRIO DA CULTURA



INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

DIRECÇÃO REGIONAL DE LISBOA

INFORMAÇÃO D.R.L. Nº 1140/ 96

Nº PROCº - 92/3 (2)

DATA : 1996/08/5

Fl. 2

ASSUNTO : Fábrica de Moagem, no Caramujo, Cova da Piedade, Almada .

INFORMAÇÃO E PROPOSTA

Conforme solicitação Superior, informa-se e propõe-se :


1. Por despacho Superior de 1992-04-15, foi aberto processo de instrução relativo à eventual classificação da Fábrica de Moagem supra mencionada.
2. Em consequência, foram contactadas as Entidades devidas por Lei.
3. Da Autarquia não houve resposta e a Sociedade Industrial Aliança, proprietária do imóvel respondeu, por seu turno, no sentido de a classificação ser, e citamos, "pelo menos discutível".
Juntou para o efeito, um Relatório do Prof. Engenheiro Manuel da Costa Lobo, que se pensa ser inconclusivo.

PROPOSTA

Assim, propõe-se:

1. Uma visita à Fábrica de Moagem do Caramujo devidamente acompanhada por um técnico em fotografia;
2. Que se contacte a Câmara Municipal de Almada, para a obtenção dos elementos necessários à prossecução do processo .

À Consideração de V. Excelência,


Maria Augusta Maia

D.R.L. 5 de Agosto de 1996

AVENIDA DE BERNA, 13 - 4º, D1º - Tels. 7963752 - 7963761 - fax. 7937563 - 1000 LISBOA - PORTUGAL

Documento 33 – Proposta da Direcção Regional de Cultura do IPPAR, de 5 de Agosto de 1996, no sentido de preparar uma visita à fábrica de moagem do Caramujo para levantamento fotográfico (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



MINISTÉRIO DA CULTURA

INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

DIRECÇÃO REGIONAL DE LISBOA

INFORMAÇÃO D.R.L. Nº 1430 / 96 Nº PROCº. 92/3(2) DATA:1996/10/15 Fl. 2

ASSUNTO : Antiga Fábrica de Moagem, na Cova da Piedade, Caramujo, Almada.

INFORMAÇÃO

Conforme Superiormente determinado, informa-se e propõe-se, inserindo-se, seguidamente, planta de localização, bibliografia e fotografias relativas ao imóvel e sua envolvente:

I- Considerações Prévias

- 1- Segundo o Despacho proferido, procedeu-se à deslocação ao local para análise do imóvel em epígrafe e respectiva envolvente, bem como para a obtenção das respectivas fotografias .
- 2- Verificou-se que ali não se encontrava qualquer responsável pela antiga Fábrica, pelo que não nos foi possível o acesso ao seu interior.
- 3-. Por isso, as fotografias obtidas, respeitam, apenas, ao exterior da mesma .

II- O IMÓVEL EM ESTUDO

1- A PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO

A proposta de Classificação foi feita em 1992, pelo Professor da Faculdade de Arquitectura de Lisboa e Membro da Academia de Belas Artes, Doutor Arquitecto Antero Ferreira .

2- LOCALIZAÇÃO

O edifício da Fábrica situa-se na Avenida Manuel José Gomes e é enquadrado, lateral e posteriormente, respectivamente, pela Rua Tenente Valadim e terrenos da Lisnave e do Porto de Lisboa, na Cova da Piedade, Caramujo, Almada.

3- ENQUADRAMENTO URBANO

Encontra-se na parte antiga da Cova da Piedade, Almada (cujo arruamento designar-se-ia por Rua Direita do Caramujo), fronteira a alguns prédios que lhe viriam a servir de armazéns e que ainda

acusam memórias dos séculos XVIII e XIX , apesar do seu avançado estado de degradação .

A fachada posterior está voltada para terrenos onde, ainda nos Anos 30/40, chegavam as águas do Tejo e através destas, os barcos com o trigo, para ser moído.

4- ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Segundo o Professor Carlos Antero Ferreira, o aspecto exterior do actual edifício remontará à reconstrução de um outro edifício fabril que o antecedeu, destruído por violento incêndio, a 10 de Junho de 1897. Essa reconstrução terá sido uma das pioneiras na utilização, a nível nacional, do sistema de betão armado, registado em Portugal pelo seu autor, François Hennebique (1842 – 1921) em finais do Século XIX , e que terá mandado seguir ou terá seguido directamente, ali, a sua utilização.

5- A ANTIGA FÁBRICA NA ACTUALIDADE

Da leitura exterior do edifício sobressaem as relações entre a massa arquitectónica, a sua textura (cimento à vista), organização volumétrica e formal, bem como o impacto espacial gerado.

Segundo o testemunho de um morador das vizinhanças, a antiga fábrica encontra-se desactivada já há uns anos e o seu equipamento (já totalmente retirado) terá sido vendido ou destruído .

III- PROPOSTA

Face ao exposto, propõe-se que o processo seja presente a quem de direito, para os efeitos julgados convenientes.

À Consideração de V. Excelência,


Maria Augusta Maia

D.R.L. , 15 de Outubro de 1996



Conselho Consultivo

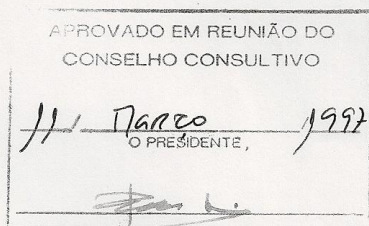
Por certo o apoio municipal para a salvaguarda do imóvel será uma possibilidade (um "Museu da Moagem" ?). Deve atentar-se na importância documental do recheio interior, que parece não acautelado pelo proprietário.

O processo sofreu evidentes dificuldades de instauração e completamento, chamando-se a atenção para a errada localização do conjunto a preservar, na respectiva planta - não se trata do corpo mais alto, recente, com os volumes cilíndricos exteriores - mas sim do volume anexo a norte, de fachadas lisas, com seis/sete pisos.

Julga-se pois, a partir dos elementos disponíveis, de classificar o edifício como Imóvel de Interesse Público.

Lisboa, 10 de Março de 1997

O relator, José Manuel Fernandes Arq.



Documento 35 – Relatório do IPPAR, datado de 10 de Março de 1997, com aprovação em reunião do Conselho Consultivo, de 11 de Março de 1997 (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS ◊ SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

INSTITUTO
PORTUGUÊS DO
PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

Conselho Consultivo

*Conc. do.**A consideração de S. E.
o Director da Cultura**Hom. M.**1 de fev
27.3.97*MANUEL MARIA CARRIL
Ministro*12.03.97*

LUIS FERREIRA CALVO

PRESIDENTE

Assunto: proposta de classificação da antiga Fábrica de Moagem de António José Gomes, no Caramujo, Cova da Piedade/Almada

Processo: CC - 1/16(97); DRL - 92/3(2) - 12.2.97

P A R E C E R


A importância deste edifício é assinalável: trata-se, como a bibliografia junta comprova, da mais antiga, pioneira e importante estrutura de betão armado conhecida, existente em Portugal - que fará este ano precisamente um século.

Além deste aspecto, o edifício é reconhecidamente um testemunho etnográfico da vivência fabril e portuária no concelho de Almada - vindo como tal referido na obra "Almada Antiga e Moderna", ed. CMA, 1990.


Apesar da degradação e adulteração de interiores e fachadas, a sua vasta estrutura com seis pisos permanece intacta - e é dessa estrutura que se celebra o valor.

#1

Documento 36 – Parecer do Conselho Consultivo do IPPAR, de 12 de Fevereiro (?) de 1997, e posteriores despachos e homologação (por parte do Ministro da Cultura, de 27 de Março de 1997) (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

 Ministério da Cultura INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO Direcção Regional de Lisboa			
Exmª Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada 2800 ALMADA			
Sua referência	Sua comunicação	Nossa referência	Nossa comunicação
		DRL-92/3(2)	Of.7113, de 92.05.29 Of.1432, de 93.05.14 Of.1771, de 96.08.08 29. ABR. 1997
1316			
ASSUNTO : Eventual classificação da antiga Fábrica de Moagem do Caramujo, na Rua Manuel José Gomes, Caramujo, freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada.			
<ol style="list-style-type: none"> 1. Em referência aos ofícios acima indicados, informo V. Exª de que, por despacho, de 97.03.27, de Sua Excelência o Ministro da Cultura, de que se junta fotocópia, foi determinada a classificação, como imóvel de interesse público, do imóvel em causa. 2. Assim, nos termos do artº 2º do Decreto-Lei nº 181/70, de 28 de Abril, solicito a V. Exª que providencie no sentido de se dar cumprimento urgente ao disposto nos artºs 1º, 3º e 5º do mesmo diploma, para o que envio minuta com a legislação actualmente aplicável. 3. Após a afixação e publicação do edital em causa, dever-nos-ão ser enviados os seguintes elementos: <ol style="list-style-type: none"> a) um exemplar do edital afixado; b) um exemplar, ou fotocópia, do edital mandado publicar num dos jornais editados no concelho, ou num dos mais lidos da área; c) informação sobre se, dentro do prazo legal, foram deduzidas quaisquer oposições à classificação em causa. 			
(continua)			
AVENIDA DE BERNA, 13 - 4º - Tels. 7963752 - 7963761 - fax. 7937563 - 1050 LISBOA - PORTUGAL			


Documento 37 (página 1) – Ofício da DRL do IPPAR, datado de 29 de Abril de 1997, dirigido à Câmara Municipal de Almada (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



 Ministério da Cultura
 INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO
 ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO
 DIRECÇÃO REGIONAL DE LISBOA


(continuação)

4. O imóvel em causa, bem como os localizados na respectiva zona de protecção, conforme planta anexa, ficam sujeitos às disposições legais em vigor, designadamente os artºs 25º a 48º do Decreto nº 20985, de 7 de Março de 1932, o Decreto-Lei nº 28468, de 15 de Fevereiro de 1938, o artº 123º do RGEU, que faz parte integrante do Decreto-Lei nº 38382, de 7 de Agosto de 1951, com a nova redacção que lhe foi dada pelo Decreto nº 38888, de 29 de Agosto de 1952, a Lei nº 13/85, de 6 de Julho, o Decreto-Lei nº 205/88, de 16 de Junho, o Decreto-Lei nº 106-F/92, de 1 de Junho, e o Decreto-Lei nº 42/96, de 7 de Maio, pelo que não poderão ser demolidos, alienados, expropriados, restaurados ou transformados sem autorização expressa deste Instituto.

Com os melhores cumprimentos.

 O Director Regional de Lisboa,




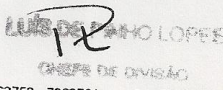

 Alberto Flávio Lopes
 Arquitecto


 LUÍS DE PINHO LOPES
 CHEFE DE DIVISÃO

FM/FM

AVENIDA DE BERNA, 13 - 4º - Tels. 7963752 - 7963761 - fax. 7937563 - 1050 LISBOA - PORTUGAL

Documento 37 (página 2) – Ofício da DRL do IPPAR, datado de 29 de Abril de 1997, dirigido à Câmara Municipal de Almada (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))

 Ministério da Cultura INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO DIRECÇÃO REGIONAL DE LISBOA			
Exmº Senhor Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais Praça do Comércio 1194 LISBOA CODEX			
Sua referência	Sua comunicação	Nossa referência	Nossa comunicação
		DRL-92/3(2)	29. ABR. 1997 1318
ASSUNTO : Eventual classificação da antiga Fábrica de Moagem do Caramujo, na Rua Manuel José Gomes, Caramujo, freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada.			
Tenho a honra de comunicar a V. Exª que, por despacho de Sua Excelência o Ministro da Cultura, proferido sobre parecer deste Instituto, foi determinada a classificação, como imóvel de interesse público, do imóvel referido em epígrafe.			
O referido imóvel fica sujeito ao regime definido no artº 27º do Decreto nº 20985, de 7 de Março de 1932 (por força do disposto no artº 30º do mesmo diploma), no nº 2 do artº 18º da Lei nº 13/85, de 6 de Julho, no Decreto-Lei nº 205/88, de 16 de Junho, no Decreto-Lei nº 106-F/92, de 1 de Junho, e no Decreto-Lei nº 42/96, de 7 de Maio.			
Junto tenho a honra de remeter fotocópias dos elementos relevantes do processo.			
Com os melhores cumprimentos.			
 O Director Regional de Lisboa,			
 Alberto Flávio Lopes Arquitecto			
 CHEFE DE DIVISÃO			
FM/FM AVENIDA DE BERNA, 13 - 4º - Tels. 7963752 - 7963761 - fax. 7937563 - 1050 LISBOA - PORTUGAL			

Documento 38 – Ofício da Direcção Regional de Lisboa, com data de 29 de Abril de 1997, para a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Fonte: Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, processo de classificação DRL-92/3(2))



Almada

EDITAL N.º 42

Maria Emília Guerreiro Neto de Sousa, Presidente da Câmara Municipal de Almada.

Nos termos dos artigos 1.º e 3.º (n.ºs 1 e 2) do Decreto-Lei n.º 181/70, de 28 de Abril, faço público que, por despacho de Sua Exce-
lência o Ministro da Cultura, de 27 de Março de 1997, proferido
sobre parecer do Instituto Português do Património Arquitectónico
e Arqueológico, foi determinada a classificação, como imóvel de
interesse público, da antiga Fábrica de Moagem do Caramujo, na
Rua Manuel José Gomes, Caramujo, freguesia da Cova da Piedade,
concelho de Almada, conforme planta anexa.

Mais faço saber que o imóvel em causa, bem como os localiza-
dos na respectiva zona de protecção, ficam sujeitos às disposições
legais em vigor, designadamente os artigos 25.º a 48.º do Decreto
n.º 20 985, de 7 de Março de 1932, o Decreto-Lei n.º 28 468, de 15
de Fevereiro de 1938, do artigo 123.º do RGEU, que faz parte
integrante do Decreto-Lei n.º 38 382, de 7 de Agosto de 1951, com
a nova redacção que lhe foi dada pelo Decreto n.º 38 888, de 29 de
Agosto de 1952, a Lei n.º 13/85, de 6 de Julho, o Decreto-Lei
n.º 205/88, de 16 de Junho, o Decreto-Lei n.º 106-F/92, de 1 de
Junho, e o Decreto-Lei n.º 42/96, de 7 de Maio, pelo que não
poderão ser demolidos, alienados, expropriados, restaurados ou
transformados sem autorização expressa daquele Instituto.

Convidam-se, assim, os interessados a apresentar quaisquer re-
clamações, no prazo de trinta dias, que tenham por objecto a
ilegalidade ou inutilidade da constituição ou alteração da servidão
ou a sua excessiva amplitude ou onerosidade.

E, para constar, se publica este e outros de igual teor, que vão
ser afixados nos lugares de estilo.

Paços do Concelho de Almada, em 16 de Junho de 1997

A Presidente da Câmara

Maria Emília Guerreiro Neto de Sousa



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

D.N. - 1019

	Valor da acção (em euros)	Unidade de referência (UR = 1/4 da UC)
4.6.2 — Fiscal		13,00
4.6.3 — Recurso de decisões judiciais		4,00
4.7 — Contra-ordenações		13,00
5 — Incidentes processuais, procedimentos cautelares, meios processuais acessórios e pedidos de suspensão de eficácia do acto		8,00
6 — Intervenção ocasional em acto ou diligência isolada do processo, designadamente em diligências deprecadas		5,00
7 — Assistência a arguido preso ou junto de entidades policiais		5,00
8 — Por cada deslocação do patrono/defensor a estabelecimento prisional para conferência com o patrocinado preso ou detido, com um máximo de três deslocações		3,00
9 — Quando a diligência comporte mais de duas sessões, por cada sessão a mais		3,00
10 — Por cada presença, período da manhã ou da tarde, no âmbito das escalas de urgência, desde que não tenha sido efectuada qualquer diligência		3,00
11 — Pela resolução do litígio por meios alternativos, designadamente mediação ou arbitragem		5,00
12 — Outras intervenções de patronos oficiosos		8,00

Notas

- 1 — Os honorários a atribuir aos advogados estagiários serão reduzidos a dois terços.
- 2 — Os honorários a atribuir aos solicitadores serão reduzidos a dois terços ou a um quarto, consoante intervenham isoladamente no processo ou o façam coadjuvados por um advogado. Neste caso, os honorários do advogado serão reduzidos a quatro quintos. Por acordo entre o advogado e o solicitador poderá, contudo, ser diversa a proporção na distribuição dos honorários.
- 3 — Considera-se haver lugar a nova sessão sempre que o acto ou diligência sejam interrompidos, excepto se tal interrupção ocorrer no mesmo período da manhã ou da tarde.
- 4 — Considera-se ocasional a intervenção num acto ou diligência isolados no processo.
- 5 — Em caso de substituição do patrono no decurso do processo, os honorários serão individualizadamente pagos a todos os intervenientes, em função da repartição de honorários que tenha sido definida, sempre com o limite dos honorários que seriam devidos ao nomeado por aplicação da tabela.
- 6 — Os honorários devidos por aplicação do disposto no n.º 10 são pagos pelo Cofre Geral dos Tribunais, a pedido do interessado, apresentado na Secção Central ou na Secretaria-Geral do Tribunal, quando exista; nos restantes casos, o pedido é dirigido ao Instituto de Gestão Financeira e Patrimonial da Justiça, mas apresentado junto das entidades respectivas.

MINISTÉRIO DA CULTURA

Decreto n.º 5/2002

de 19 de Fevereiro

Considerando o disposto nos artigos 24.º e 30.º do Decreto n.º 20 985, de 7 de Março de 1932, no n.º 1 do artigo 7.º e no artigo 12.º da Lei n.º 13/85, de 6 de Julho, e no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 120/97, de 16 de Maio;

Tendo sido cumpridos os procedimentos de audição previstos nos artigos 24.º e 25.º do Decreto n.º 20 985, de 7 de Março de 1932, e no artigo 12.º da Lei n.º 13/85, de 6 de Julho;

Nos termos da alínea g) do artigo 199.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

Classificações

São classificados os seguintes imóveis:

- a) Como monumentos nacionais, os constantes dos anexos I e III ao presente diploma, do qual fazem parte integrante;
- b) Como imóveis de interesse público, os constantes dos anexos II e IV ao presente diploma, do qual fazem parte integrante.

Artigo 2.º

Alterações

1 — O Decreto do Governo de 16 de Junho de 1910, publicado em 23 de Junho de 1910, na parte referente ao «Aqeduto das Águas Livres, compreendendo a Mãe de Água», em Lisboa, distrito de Lisboa, passa a ter a seguinte redacção:

«Aqeduto das Águas Livres, seus aferentes e correlacionados, nas freguesias de Caneças, Almargem do Bispo, Casal de Cambra, Belas, Agualva-Cacém, Queluz, no concelho de Sintra, São Brás, Mina, Brandoa, Falagueira, Reboleira, Venda Nova, Damaia, Buraca, Carnaxide, Benfica, São Domingos de Benfica, Campolide, São Sebastião da Pedreira, Santo Condestável, Prazeres, Santa Isabel, Lapa, Santos-o-Velho, São Mamede, Mercês, Santa Catarina, Encarnação e Pena, municípios de Odivelas, Sintra, Amadora, Oeiras e Lisboa, distrito de Lisboa.»

(Conforme planta de delimitação constante do anexo v ao presente diploma, do qual faz parte integrante.)

2 — O artigo 2.º do Decreto do Governo n.º 32 973, de 18 de Agosto de 1943, na parte referente ao «Portal manuelino nas ruínas de uma antiga capela de Alcaíça Grande», concelho de Mafra, distrito de Lisboa, clas-

-Gigarós, seguida pelo caminho do Carmo, freguesia de Colares;
 Fonte de Cabreia, também denominada «Fonte Velha», na Rua da Fonte Velha, Cabreia, freguesia da Terrugem;
 Quinta da Regaleira, com o seu palácio, capela, torres, complexo subterrâneo e jardim, incluindo todos os elementos decorativos, na estrada velha Sintra-Colares, no troço designado por Rua de Barbosa du Bocage, 5, freguesia de São Martinho;
 Quinta do Bonjardim, na Venda Seca, com acesso pela estrada nacional n.º 250, freguesia de Belas;
 Sítio de Santa Eufémia da Serra, incluindo a ermida de Santa Eufémia, com acesso a partir do Largo de São Pedro de Sintra, pelo antigo caminho de Santa Eufémia, ocupando a elevação com o mesmo nome, freguesia de São Pedro de Penaferrim.

Município de Torres Vedras:

Castro da Fórnea, em Matacães, junto à estrada nacional n.º 9, freguesia de Matacães;
 Igreja de Santa Maria Madalena, matriz do Turcifal, na Rua de Rogério Figueiroa Rego, no Largo do Brigadeiro França Borges e no Largo do Engenheiro Carlos Alves, Turcifal, freguesia de Turcifal.

Município de Vila Franca de Xira:

Quinta do Bulhaco (parte da primitiva quinta), incluindo a Casa Grande, os pátios, as dependências agrícolas, a azenha, a casa de fresco, o Casal do Pereiro, o sistema hidráulico e terrenos agrícolas e silvícolas, junto ao lugar de Trancoso, com acesso pela estrada nacional n.º 10-6, freguesia de São João dos Montes.

Distrito do Porto

Município de Gondomar:

Casa Branca, em Gramido, com acesso pela Avenida do Escritor Costa Barreto e pela Calçada da Convenção de Gramido, freguesia de Valbom.

Município de Matosinhos:

Casa de Recarei, vulgarmente conhecida por Quinta do Alão, com os jardins do século XVII e os elementos escultóricos atribuídos a Nicolau Nasoni, na Rua da Mainça, 204, Recarei, freguesia de Leça do Balio.

Município do Porto:

Imóvel onde se encontra a Ourivesaria Cunha, incluindo a Ourivesaria Cunha e o seu recheio, na Rua de 31 de Janeiro, 200 e 202, Porto, freguesia de Santo Ildefonso.

Distrito de Santarém

Município de Santarém:

Edifício da Penitenciária Distrital de Santarém, também denominado «Presídio Militar de San-

tarém», na Avenida de António Maria Baptista, Santarém, freguesia de São Nicolau;
 Teatro Rosa Damasceno, na Rua do Conselheiro Figueiredo Leal, 3 a 5, Santarém, freguesia de Marvila.

Município de Torres Novas:

Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, também denominada «Ermida de Nossa Senhora do Vale», na Rua de Nossa Senhora do Vale, entre os n.ºs 32 e 42, Torres Novas, freguesia do Salvador.

Distrito de Setúbal

Município de Almada:

Fábrica de moagem do Caramujo (antiga), no Caramujo, com acesso pela Rua de Manuel José Gomes, freguesia da Cova da Piedade.

Município do Montijo:

Casa da Quinta do Pátio de Água e Ermida de Santo António (conjunto), na Avenida dos Pescadores, 78, Montijo, freguesia do Montijo.

Distrito de Viana do Castelo

Município de Ponte de Lima:

Casa da Fonte da Bouça, incluindo a quinta, o campo chamado «Tapada» e os anexos agrícolas, em Vitorino das Donas, freguesia de Vitorino das Donas;
 Casa de Pomarchão, incluindo a capela, o terreiro e o portão, com acesso pela estrada nacional n.º 201, ao quilómetro 32, freguesia de Arcozelo.

Município de Viana do Castelo:

Casa da Praça, também designada «Casa da Capela das Malheiras», no gaveto da Rua de Gago Coutinho e da Rua do Espírito Santo, Viana do Castelo, freguesia de Santa Maria Maior.

Distrito de Viseu

Município de Castro Daire:

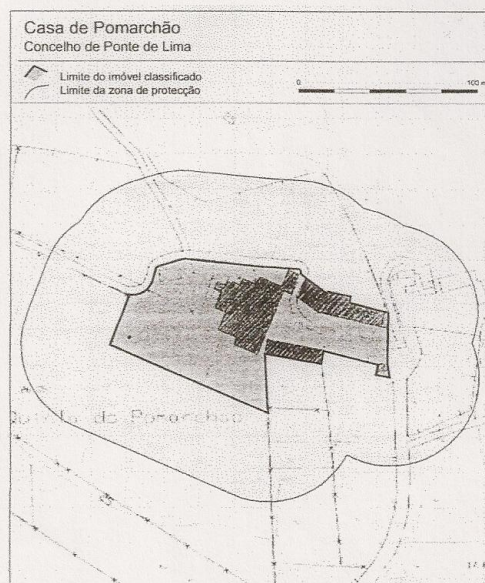
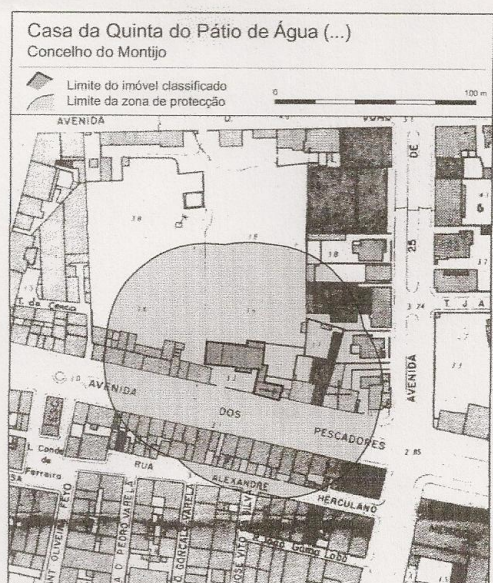
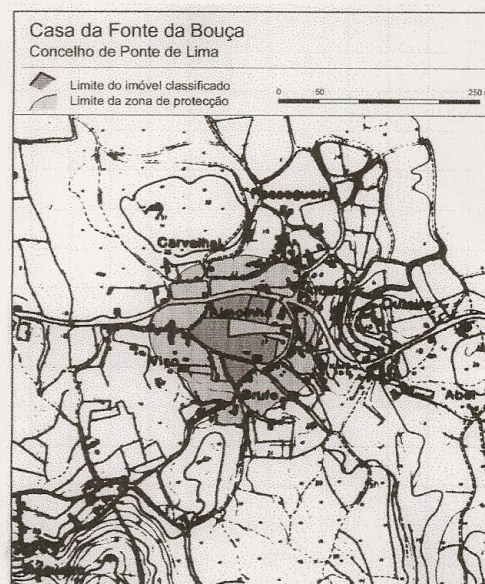
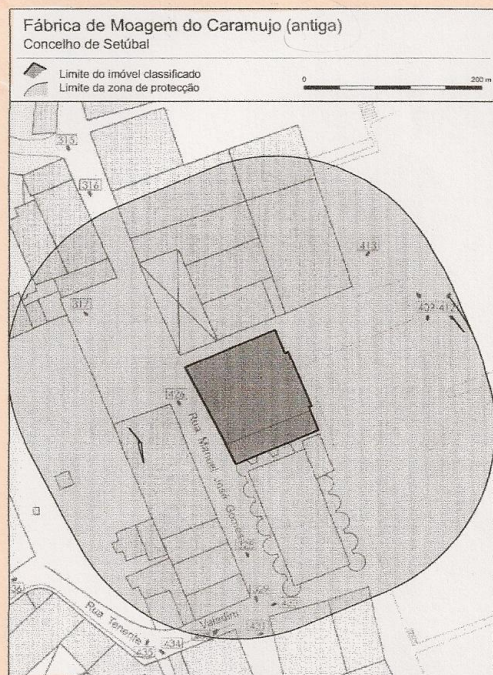
Igreja de Ester, na Rua da Igreja, Ester, freguesia de Ester.

Município de Mangualde:

Conjunto da Capela da Senhora de Cervães e da Capela do Calvário, junto ao adro outrora designado «Rossio da Senhora», no caminho público n.º 1455 (acesso entre Santiago de Cassurães e Aldeia Nova), freguesia de Santiago de Cassurães.

Município de Nelas:

Casa das Fidalgas, no Largo da Torre, Santar, junto à estrada nacional n.º 2312, freguesia de Santar;
 Orca de Pramelas, delimitada a sul por caminho público que segue na direcção de Chaveiro, Tramelas, freguesia de Canas de Senhorim.



Documento 40 (Página 1395) – Excerto do Decreto nº5/2002, publicado em *Diário da República* N.º 42 de 19 de Fevereiro de 2002 – Classificação como Imóvel de Interesse Público da fábrica de moagem do Caramujo

2.2.Registos prediais

Inscrições	Averbamentos
<p>foi o juizo ordinario do julgada do Livrel por subscendo, midrui o predio n.º 17 ja descrito a f.º 38.º do Liv. 31.º da extincta conservato- ria d'aquelle concelho, que lhe estava espe- cialmente hypothecado pelo defasido de- cedor, como consta da respectiva inscrip- cae hypothecaria feita sob o n.º 8 em 12 de junho de 1857 no Liv. 61.º a f.º da predita con- servatoria suprimida, da cuja arrarua- tação pagou a respectiva contribuição de registo. Com vista pois da legitimidade da requerente e da authenticidade do titulo a apresentado, que lhe restitui, inscrevo em no- me da mesma tal predio arruallado. Esta inscripcao fica annotada no Livro P.º 1.º sob o n.º 21 da letra C a f.º 33.º O conservador primitivo Antonio João Chaves Guarnamental</p>	
<p>1.º 74.- Em 11 de maio de 1871 Manuel José Gomes, casado, negociante, morador no Baraamun- po d'esta freguesia de S. Tiago d'Almeida, como representante da firma soci- al Manuel José Gomes & filhos, apresentou sob o n.º 1 no Diario d'esta conservatoria pri- vativa uma escriptura lavrada a 24 de abril do dito anno no Liv. 52 a f.º das notas do tabellião de Lisboa Francisco Guilherme de Brito, pela qual quastros houve comprado para a mesma socie- dade por tres contos de reis a João Luiz Pires, solteiro, maior, proprietario, mora- dor no largo do Carmo n.º 4 - 1.ª andar fu- guesia de S.ª Justa d'aquella cidade, os predios n.ºs 411 e 412 descritos a f.º 29 do Liv. 31.º d'esta conservatoria, como terão o dominio, directo e accão, de cuja compra pagou a respectiva contribuição de registo, como consta da supraannunciada escrip- tura. Com vista pois da legitimidade do requerente e da authenticidade do titulo a apresentado, que lhe restitui, inscrevo em nome da dita firma social, tres predios. Esta inscripcao fica annotada no Livro P.º 1.º sob o n.º 68 da letra C a f.º - O conservador primitivo Antonio João Chaves Guarnamental</p>	<p>11 de Maio de 1871</p> <p>Firma social Manuel José Gomes & filhos</p> <p>Predios nos 411 e 412</p>

Documento 41 – 1ª Conservatória do Registo Predial de Almada, registo de transmissões, Livro nº13, Descrição nº 5043 (nossa página nº1)

REGISTO DE TRANSMISSOES

2

Inscrições	Averbamentos	Reit aos out
<p>N.º 95 - Em 20 de julho de 1871 Manuel José Gomes, casado, negociante, morador no sítio do Pardaluz, freguesia de S. Tiago do concelho de Almada, co- mo representante da firma social Manuel José Gomes & Filhos, apresentou sob o n.º 1 no Diário d'esta conservatoria privativa, uma escriptura lavra- da a 7 do pedito mês e anno no Liv. 33.º n.º 54 das notas do tabellião cita, com arca e sicilau e paria sobre, pela qual se notou haver a indicação da firma social compo- sta de António José Ferreira, sócio proprietario, morador no p.º sítio, por seu conto, meios e prediões 448 descrito a 27 do Liv. 33.º de sta conservatoria; tendo previa- mente pago a respectiva consti- tuição do registo e o competente tandem. Em vista pois do su- melhante título inscrevo em su- mo de tal firma social o predio n.º 448. Esta inscrição fica annotada no Índice Dispal sob o n.º 247 de dita N.º 7 conserv. privativa Manuel José Gomes & Filhos</p>	<p>20 de julho de 1871</p> <p>Firma social Manuel José Gomes & Filhos</p> <p>Predio n.º 448</p>	
<p>N.º 96 - Em 22 de julho de 1871 Manuel Fi- lippe de Siqueiredo, casado, pro- prietario, morador em Lisboa no largo do S.º de Barão n.º 9 - 1.º andar de q.º de S.º Paulo, a quem reconhe- cho pelo proprio, apresentou sob o n.º 1 no Diário d'esta conservatoria privativa, uma carta de arre- matção passada a seu favor em 8 do dito mês e anno pelo es- crivo d'este juizo de d.º d.º Ely- rio Dias Torres, e assignada pelo cartão juiz, o d.º d.º Leobaldino An- tonio Teixeira Coelho, extrai da de execução provida pelo es- crivo, João Francisco de Ar- quez contra os executores desta real sede Alves e sua mulher e D.ª Barbara e marido da Alves, pelo car- tório de dita escriptura; por cujo ti- tulo</p>		

R. Restrição

Livro nº 162

Folha nº 16

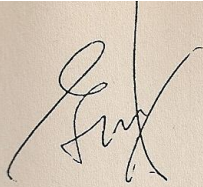
Escritura de Compra

Nº 63 Contrato de compra e venda de prédios, sítos no Caramujo,
Cova da Piedade, entre a Massa Falida da Sociedade Industrial
Aliança, SA, e o Município de Almada, por 110.000.000\$00

Aos vinte e cinco dias do mês de Setembro do ano dois mil, nesta cidade de Almada,
edifício dos Paços do Município, perante mim, Aida Fernanda das Neves Freire, Chefe
da Divisão Jurídica e Notária Privativa da Câmara Municipal de Almada,
compareceram como outorgantes: -----

PRIMEIRO - CARLOS PEDRO MACHADO DE SOUSA GÓIS, casado, natural da
freguesia de S. Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, com domicílio profissional
na Rua de S. Domingos de Benfica, número 33, 3º andar A, Lisboa, titular do Bilhete
de Identidade número 5195018 emitido pelos Serviços de Identificação Civil de
Lisboa, em 24 de Novembro de 1995, que intervém na qualidade de liquidatário da
massa falida da sociedade denominada "SOCIEDADE INDUSTRIAL ALIANÇA,
SOCIEDADE ANÓNIMA", que teve a sua sede na Travessa da Praia, número 1,
Lisboa, pessoa colectiva número 500540268, por nomeação efectuada em catorze de
Fevereiro de mil novecentos e noventa e cinco nos autos da Falência número dez mil
setecentos e oitenta e seis, apresentada a Juízo em quinze de Novembro de mil
novecentos e noventa e três, que correu seus termos pelo Décimo Quarto Juízo Cível
da Comarca de Lisboa, Terceira Secção, qualidade e suficiência de poderes para o
acto que verifiquei através da certidão emitida pelo indicado Tribunal, em vinte e seis
de Agosto de mil novecentos e noventa e oito, documento que arquivo. -----

SEGUNDA - MARIA EMILIA GUERREIRO NETO DE SOUSA, casada, natural de
São Bartolomeu de Messines, Silves, com domicílio necessário no edifício dos Paços
do Município, Presidente da Câmara Municipal de Almada e em sua representação,
ao abrigo das disposições legais em vigor, possuindo o Município de Almada o cartão



Livro nº <u>112</u>
Folha nº <u>2</u>

de pessoa colectiva de direito público número 500051054. -----

Verifiquei a identidade do primeiro outorgante pela exibição do respectivo bilhete de identidade. -----

Reconheço a identidade da segunda outorgante, a qualidade que se arroga e os poderes que legitimam a sua intervenção neste acto, por serem do meu conhecimento pessoal. -----

E pelo primeiro outorgante foi dito: -----

UM – Que, na sequência do exercício, pelo Município de Almada, do direito de preferência concedido ao abrigo do disposto na Lei 13/85, de 6 de Julho, vende ao Município de Almada, livres de ónus ou encargos, os vinte e oito prédios sitos no lugar do Caramujo, freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada, apreendidos a favor da massa falida da já mencionada “Sociedade Industrial Aliança, S.A.” e que melhor se identificam no Documento Complementar elaborado de acordo com o disposto no artigo sessenta e quatro do Código do Notariado, o qual constitui parte integrante da presente escritura. -----

DOIS – a) Que esta venda se efectua pelo preço total de cento e dez milhões de escudos, sendo o preço de cada imóvel o correspondente ao valor atribuído indicado no Documento Complementar; -----

b) Que nesta data recebeu já do Município de Almada o valor de cinquenta e cinco milhões de escudos, através de depósito efectuado em doze de Julho de dois mil no Banco Espírito Santo, S.A., por ordem do Meretíssimo Juíz da Quarta Vara Cível, Primeira Secção, no Processo Especial de Consignação em Depósito, número setecentos e oitenta e dois barra noventa e oito, que aí correu seus termos, conforme despacho proferido, em nove de Junho passado, a folhas vinte e cinco do mesmo processo; -----

*DOCUMENTO COMPLEMENTAR ELABORADO NOS TERMOS DO ARTIGO
SESENTA E QUATRO DO CÓDIGO DO NOTARIADO QUE FAZ PARTE
INTEGRANTE DA ESCRITURA LAVRADA DE FOLHAS UM VERSO A FOLHAS
TRÊS DO LIVRO DE NOTAS PARA ESCRITURAS DIVERSAS NÚMERO CENTO E
DOZE DESTA NOTARIADO PRIVATIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE
ALMADA:*

*Prédios sitos na freguesia da Cova da Piedade, concelho de Almada, apreendidos em
processo de falência a favor da Massa Falida da “Sociedade Industrial Aliança, S.A.”:*

- 1) *Prédio urbano, sito na Rua Artur António Ferreira de Paiva, números cinco, sete e nove, composto de dois “rés-do-chão”, com a área de cento e quarenta e oito metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil quatrocentos e cinquenta e seis barra dezoito de Julho de mil novecentos e noventa e seis, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo cinquenta, sem qualquer inscrição de aquisição, mas com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Um, com o valor patrimonial de trezentos e dezasseis mil duzentos e dezanove escudos e atribuído de oito milhões de escudos; -----*
- 2) *Prédio urbano, sito na Rua Manuel José Gomes, número onze, composto de armazém de um piso, com a área de seiscentos e setenta metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil quatrocentos e cinquenta e sete barra dezoito de Julho de mil novecentos e noventa e seis, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo cinquenta e oito, sem qualquer inscrição de aquisição, mas com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Um, com o valor patrimonial de um milhão setecentos e sessenta e oito mil e três escudos e atribuído de um milhão cento e sessenta e quatro mil escudos; -----*
- 3) *Prédio urbano, sito na Rua Manuel José Gomes, número cinquenta e três, composto de armazém de dois pisos, com a área de seiscentos e dezassete metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil quatrocentos e cinquenta e oito barra dezoito de Julho de mil novecentos e noventa e seis, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo setenta e um, sem qualquer inscrição de aquisição, mas com registo de apreensão*

efectuado sob a inscrição F-Um, com o valor patrimonial de um milhão quatrocentos e vinte e seis mil trezentos e nove escudos e o atribuído de novecentos e trinta e oito mil escudos; -----

- 4) Prédio urbano, destinado a construção, sito na Praia do Caramujo ou Cais do Caramujo, com a área de oitenta e cinco metros quadrados, confrontando a Norte com Arsenal do Alfeite e domínio público marítimo, a Sul, Nascente e Poente com a própria titular, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil quinhentos e seis barra nove de Abril de mil novecentos e noventa e sete, actualmente inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo dois mil novecentos e trinta e sete, sem qualquer inscrição de aquisição, com o valor patrimonial de seiscentos e trinta e sete mil e quinhentos escudos e atribuído de quatrocentos e vinte mil escudos. -----

- 5) Prédio urbano, sito na Rua Manuel José Gomes, números vinte e cinco e vinte e sete, composto de armazém e cais, com a área de mil duzentos e cinquenta metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil quatrocentos e sessenta barra dezoito de Julho de mil novecentos e noventa e seis, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo cinquenta e seis, sem qualquer inscrição de aquisição, mas com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Um, com o valor patrimonial de um milhão sessenta e nove mil setecentos e trinta e um escudos e atribuído de setecentos e três mil escudos; -----

- 6) Prédio urbano, sito na Rua Tenente Valadim, número vinte e um e vinte e três, composto de rés-do-chão, com a área de noventa e um metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil quatrocentos e sessenta e um barra dezoito de Julho de mil novecentos e noventa e seis, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo cem, sem qualquer inscrição de aquisição, mas com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Um, com o valor patrimonial de cento e vinte e quatro mil seiscentos e oitenta e três escudos e atribuído de noventa e quatro mil escudos; -----

- 7) Prédio urbano, sito na Artur António Ferreira Paiva, números um e três e Rua Manuel José Gomes, número oito, composto de rés-do-chão, primeiro andar e sótão com a área -----

3 8
 coberta de noventa e três metros quadrados e logradouro com a área de quarenta metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil quatrocentos e sessenta e dois barra dezoito de Julho de mil novecentos e noventa e seis, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo quatrocentos e oitenta e nove, sem qualquer inscrição de aquisição, mas com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Um, com o valor patrimonial de quinhentos e sessenta e um mil duzentos e quarenta e nove escudos e atribuído de nove milhões; -----

- 8) Prédio urbano, designado por "Fábrica de Moagem do Caramujo", sito na Rua Manuel José Gomes, números dezanove, vinte e um e vinte e três, composto de rés-do-chão, primeiro, segundo e terceiro andares, com a área de oitocentos e oitenta e dois metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil duzentos e oitenta e um barra três de Agosto de mil novecentos e noventa e três, inscrito a favor da Sociedade Industrial Aliança, S.A. sob a inscrição G-Um, com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Três, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo sessenta, com o valor patrimonial de um milhão setecentos e oitenta e dois mil oitocentos e cinquenta e cinco escudos e atribuído de quarenta milhões de escudos; -----

(descrição eçada do nº do edifício) - tem de
 ser 15, 15-A, 17)

- 9) Prédio rústico, destinado a construção, sito na Rua Manuel José Gomes, com a área de trezentos e trinta e seis metros quadrados, confrontando a Norte com Rua Manuel José Gomes, a Sul, Nascente e Poente com a própria titular, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil duzentos e oitenta e seis barra três de Agosto de mil novecentos e noventa e três, inscrito a favor da Sociedade Industrial Aliança, S.A. sob a inscrição G-Um, com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Três, actualmente inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo dois mil novecentos e trinta e cinco, com o valor patrimonial de dois milhões quinhentos e vinte mil escudos e atribuído de um milhão seiscentos e cinquenta e nove mil escudos; -----

- 10) Prédio urbano, sito actualmente na Rua Manuel José Gomes, números vinte e quatro, vinte e seis e vinte e oito, tornejando para a Rua Tenente Valadim, número dois, composto de duas lojas e dois primeiros andares, com a área de seiscentos e catorze

artº 487

terçado
 nº 19, 21, 23

882 m²

armazém
 de ensaque

artº 60

artº 2935

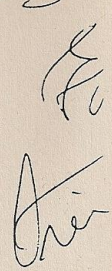
metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil duzentos e oitenta e oito barra três de Agosto de mil novecentos e noventa e três, inscrito a favor da Sociedade Industrial Aliança, S.A. sob a inscrição G-Um, com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Três, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo sessenta e cinco com o valor patrimonial de setecentos e noventa mil cento e vinte e oito escudos e atribuído de quinhentos e vinte mil escudos; -----

11) Prédio urbano, sito na Rua Manuel José Gomes, números cinquenta e um, composto de casa de rés-do-chão e primeiro andar, com a área coberta de quatrocentos e cinco metros e oito decímetros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil duzentos e oitenta e cinco barra três de Agosto de mil novecentos e noventa e três, inscrito a favor da Sociedade Industrial Aliança, S.A. sob a inscrição G-Um, com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Quatro, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo sessenta e nove, com o valor patrimonial de um milhão quatrocentos e vinte e seis mil duzentos e setenta e oito escudos e atribuído de novecentos e trinta e oito mil escudos; -

12) Prédio urbano, denominado "Fábrica Nova", sito na Rua Manuel José Gomes, números quinze, quinze-A e dezassete, composto de rés-do-chão e cinco andares e um terraço, com a área coberta de quatrocentos e vinte e seis metros quadrados, descrito na Segunda Conservatória do Registo Predial de Almada sob o número mil duzentos e noventa barra três de Agosto de mil novecentos e noventa e três, inscrito a favor da Sociedade Industrial Aliança, S.A. sob a inscrição G-Um, com registo de apreensão efectuado sob a inscrição F-Dois, inscrito na matriz predial urbana da freguesia da Cova da Piedade sob o artigo setenta, com o valor patrimonial de cinco milhões trezentos e quarenta e oito mil quinhentos e sessenta e cinco escudos e atribuído de três milhões quinhentos e vinte e um mil escudos; -----

(descrição errada do nº do edifício - Tem de ser 19, 21, 23)

13) Prédio urbano, destinado a construção, sito na Rua Manuel José Gomes, com a área de trezentos e doze metros quadrados, confrontando a Norte com Rua Manuel José Gomes, a Sul, Nascente e Poente com a própria titular, descrito na Segunda


5

 actº 65

actº 69

ERRADO
 Nº 15, 15-A,
 17
 426 m²

fábrica

actº 70



N.º 01460 / 960718 - *U*


N.º _____
 Fls. B _____
 Conservatória do Registo Predial

Concelho _____ de ALMADA Freguesia COVA DA PIEDADE


DESCRIÇÕES — AVERBAMENTOS — ANOTAÇÕES **(S) Doc. Comp.** COTAS

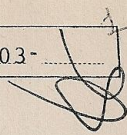
Urbano- Rua José Manuel Gomes-norte: Rio Tejo; sul:moinhos reunidos;poente:	F-1
caminho para o rio Tejo; nascente:moinhos reunidos- armazém e cais- v.p.	F-1
987 444\$00- artigo 56.	G-1
<i>D. adjunta do conservador em exercício, Davida do Carmo Costa.</i>	
Av.1-Ap.25/27 e 29/48-970409-Rua Manuel José Gomes, nºs 25 e 27.	
<i>o Conservador em exercício</i>	
An.1 - 990421 - A inscrição F-1, encontra-se em vigor. <i>o Conservador em exercício</i>	
Av.2- Ap.05/001013 - V.p. 1 069 731 \$ 00. <i>o Conservador em exercício</i>	
<i>Silo</i>	

Documento 51 – 2ª Conservatória do Registo Predial de Almada, descrição predial dos silos – artigo 56, alínea 5 do Documento Complementar à escritura de compra da fábrica

 MINISTÉRIO DAS FINANÇAS DIRECÇÃO-GERAL DOS IMPOSTOS	CADERNETA PREDIAL URBANA SERVIÇO DE FINANÇAS: 3212 - ALMADA-2, C. PIEDADE
IDENTIFICAÇÃO DO PRÉDIO	
DISTRITO: 15 - SETUBAL CONCELHO: 03 - ALMADA FREGUESIA: 04 - COVA DA PIEDADE ARTIGO MATRICIAL: 56 NIP:	
TEVE ORIGEM NOS ARTIGOS	
DISTRITO: 15 - SETUBAL CONCELHO: 03 - ALMADA FREGUESIA: 04 - COVA DA PIEDADE Tipo: URBANO Artigo: 76	
LOCALIZAÇÃO DO PRÉDIO	
Av./Rua/Praça: R. Manuel José Gomes, n.ºs 25 e 27. N.º: . Lugar: Cova da Piedade	
DESCRIÇÃO DO PRÉDIO	
Tipo de Prédio: Prédio em Prop. Total sem Andares nem Div. Susc. de Utiliz. Independente Descrição: Prédio urbano designado por unidade fabril de silagem de cereais, com a capacidade de 12.000 toneladas em bateria de 26 células com a área de 1250 m2. ✓ Silos Afectação: Armazéns e actividade industrial	
DADOS DE AVALIAÇÃO	
Avaliação nos termos do CCPIIA: Corrigido em 1964 - corrigido em 1977. Ano de inscrição na matriz: 1970 Valor patrimonial actual: €116.571,10 Determinado no ano: 2006	
TITULARES	
Identificação fiscal: 500051054 Nome: MUNICIPIO DE ALMADA Morada: LG LUIS DE CAMOES, ALMADA, 2800-158 ALMADA Tipo de titular: Propriedade plena Parte: 1/1 Documento: ESCRITURA PUBLICA Entidade: N PART CM ALMADA	
ISENÇÕES	
Identificação fiscal: 500051054 Motivo: ESTADO, REG. AUTON, AUTARQ, SERV, ESTAB E ORG RESPECT Início: 2000 Valor isento: €116.571,10	
Obtido via internet em 2009-08-31	
<p style="text-align: center;">O Chefe de Finanças</p> <p style="text-align: center;"><i>Joaquim Coelho Jerónimo</i></p> <p style="text-align: center;">(Joaquim Coelho Jerónimo)</p>	

Documento 52 – Caderneta predial urbana do edifício de ensilagem – artigo 56, alínea 5 do Documento Complementar à escritura de compra da fábrica



N.º 01281 / 930803- 

N.º 3 356
Fls. 91v B - 9

2ª Conservatória do Registo Predial


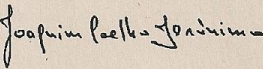
Concelho Almada de ALMADA Freguesia COVA DA PIEDADE

DESCRIÇÕES — AVERBAMENTOS — ANOTAÇÕES


(8) Doc. Comp. COTAS

Urbano - Rua Manuel José Gomes, n.ºs. 37 a 43, Caramujo, Cova da Piedade - edifício de rés-do-chão, 1.ª a 3.ª andares - a.c.	G-1
553,5m ² - v.p. 1 265 933\$00 - artigo: 60.	F-1
<i>o comprador dos prédios</i>	F-2
Av. 1-Ap. 25/27 e 29/48-970409 - Rua Manuel José Gomes, n.ºs 19, 21 e 23-882 m ² - v.p. 1 645 712\$00. <i>o comprador dos prédios</i>	F-3
An. 1 - 990421 - A inscrição F-3, encontra-se em vigor. <i>o comprador dos prédios</i>	G-2
Av. 2 - Ap. 05/001013 - V.p. 1 782 855\$00. <i>o comprador dos prédios</i>	
(número dos edifícios está errado - têm de ser 15, 15-A e 17)	
armazém de ensaque	

Documento 53 - 2ª Conservatória do Registo Predial de Almada, descrição predial (Nº3356, Fls. 91v B-9) do armazém de ensaque - artigo 60, alínea 8 do Documento Complementar à escritura de compra da fábrica

 MINISTÉRIO DAS FINANÇAS DIRECÇÃO-GERAL DOS IMPOSTOS	CADERNETA PREDIAL URBANA SERVIÇO DE FINANÇAS: 3212 - ALMADA-2, C. PIEDADE
IDENTIFICAÇÃO DO PRÉDIO	
DISTRITO: 15 - SETUBAL CONCELHO: 03 - ALMADA FREGUESIA: 04 - COVA DA PIEDADE ARTIGO MATRICIAL: 60 NIP:	
TEVE ORIGEM NOS ARTIGOS	
DISTRITO: 15 - SETUBAL CONCELHO: 03 - ALMADA FREGUESIA: 04 - COVA DA PIEDADE Tipo: URBANO Artigo: 80	
LOCALIZAÇÃO DO PRÉDIO	
Av./Rua/Praça: R. Manuel José Gomes, n.º 19, 21 e 23. Nº: . Lugar: Cova da Piedade	
→ 15, 15-A e 17	
DESCRIÇÃO DO PRÉDIO	
Tipo de Prédio: Prédio em Prop. Total sem Andares nem Div. Susc. de Utiliz. Independente Descrição: Unidade fabril com vários pisos. Afectação: Armazéns e actividade industrial	
Armazém de ensacagem	
DADOS DE AVALIAÇÃO	
Avaliação nos termos do CCPIIA: S. C.: 882 m2; edificação com mais de 20 anos; inscrito em 1937 - corrigido em 1977.	
Ano de inscrição na matriz: 1977	
Valor patrimonial actual: €66.181,40 Determinado no ano: 2006	
TITULARES	
Identificação fiscal: 500051054 Nome: MUNICIPIO DE ALMADA Morada: LG LUIS DE CAMOES, ALMADA, 2800-158 ALMADA	
Tipo de titular: Propriedade plena Parte: 1/1 Documento: ESCRITURA PUBLICA Entidade: NP CM ALMADA	
ISENÇÕES	
Identificação fiscal: 500051054	
Motivo: ESTADO, REG. AUTON, AUTARQ, SERV, ESTAB E ORG RESPECT Início: 2000 Valor isento: €66.181,40	
Obtido via internet em 2009-08-31	
O Chefe de Finanças	
	
(Joaquim Coelho Jerónimo)	
150304 - COVA DA PIEDADE - U - 60	
Página 1 de 1	

Documento 55 – Caderneta predial urbana do armazém de ensaque – artigo 60, alínea 8 do Documento Complementar à escritura de compra da fábrica




N.º 01290 930803 - *Aut*

N.º 5 043
Fls. 166v B -13
Concelho Almada de ALMADA Freguesia COVA DA PIEDADE

DESCRİÇÕES — AVERBAMENTOS — ANOTAÇÕES (12) Doc. Comp. COTAS

Urbano - Rua Manuel José Gomes, Caramujo, Cova da Piedade, denominado "Fábrica Nova" - norte: serventia pública; sul: serventia particular; nascente: rio Tejo; poente: Rua Manuel José Gomes - a leste: para serventia pública, um cais de pedra, um outro primitivo, e junto a este um poço de água e uma doca - v. 29.635\$- artigo: 91- rés-do-chão, 5 andares e um terraço.	G-1 F-1 e-1 F-2 F-2 G-2
<i>O Certificado de Freguesia</i> Av. 1-Ap. 25/27 e 29/48-970409- Rua Manuel José Gomes, nºs 15, 15-A e 17-426 m2- unidade fabril- v.p. 5 348 565\$00- artigo 70.	X
<i>O Certificado de Freguesia</i> An. 1 - 990421 - A inscrição F-2, encontra-se em vigor.	
<i>Os N.º dos edifícios estão errados: São os n.º 19, 21 e 23</i>	
<i>Fábrica nova (edifício classif.)</i>	

Documento 56 – 2ª Conservatória do Registo Predial de Almada, descrição predial (Nº5043, Fls. 166v B-13) da fábrica nova (edifício classificado) – artigo 70, alínea 12 do Documento Complementar à escritura de compra da fábrica

 MINISTÉRIO DAS FINANÇAS DIRECÇÃO-GERAL DOS IMPOSTOS	CADERNETA PREDIAL URBANA SERVIÇO DE FINANÇAS: 3212 - ALMADA-2. C.PIEDADE
IDENTIFICAÇÃO DO PRÉDIO	
DISTRITO: 15 - SETUBAL CONCELHO: 03 - ALMADA FREGUESIA: 04 - COVA DA PIEDADE ARTIGO MATRICIAL: 70 NIP:	
TEVE ORIGEM NOS ARTIGOS	
DISTRITO: 15 - SETUBAL CONCELHO: 03 - ALMADA FREGUESIA: 04 - COVA DA PIEDADE Tipo: URBANO Artigo: 91	
LOCALIZAÇÃO DO PRÉDIO	
Av./Rua/Praça: R. Manuel José Gomes, n.º 15, 15 A e 17. N.º: . Lugar: Cova da Piedade	
DESCRIÇÃO DO PRÉDIO	
Tipo de Prédio: Prédio em Prop. Total sem Andares nem Div. Susc. de Utiliz. Independente Descrição: Unidade fabril com vários pisos.	
DADOS DE AVALIAÇÃO	
Avaliação nos termos do CCPIA: S. C.: 426 m2. Construído há mais de 20 anos. Corrigido em 1964. Corrigido em 1977.	
Ano de inscrição na matriz: 1970	
Valor patrimonial actual: €323.802,25 Determinado no ano: 2006	
TITULARES	
Identificação fiscal: 500051054 Nome: MUNICIPIO DE ALMADA Morada: LG LUIS DE CAMOES, ALMADA, 2800-158 ALMADA	
Tipo de titular: Propriedade plena Parte: 1/1 Documento: ESCRITURA PUBLICA Entidade: N P CM ALMADA	
ISENÇÕES	
Identificação fiscal: 500051054 Motivo: ESTADO, REG. AUTON, AUTARQ, SERV, ESTAB E ORG RESPECT Início: 2000 Valor isento: €323.802,25	
Obtido via internet em 2009-08-31	
<p style="text-align: center;">O Chefe de Finanças</p> <p style="text-align: center;"><i>Joaquim Coelho Jerónimo</i></p> <p style="text-align: center;">(Joaquim Coelho Jerónimo)</p>	

Documento 58 – Caderneta predial urbana da fábrica – artigo 70, alínea 12 do Documento Complementar à escritura de compra da fábrica

3.Ficha de inventário – IGESPAR²⁴

Fábrica de Moagem do Caramujo (antiga) – detalhe

Designação:

Designação	Fábrica de Moagem do caramujo (antiga) ²⁵
Categoria / Tipologia	Arquitectura Civil / Fábrica

Localização:

Divisão Administrativa	Setúbal / Almada / Cova da Piedade
Endereço Local	Rua Manuel José Gomes Caramujo 2800 Almada

Protecção:

Situação Actual	Classificado
Categoria de Protecção	Classificado como IIP – Imóvel de Interesse Público
Cronologia	Decreto n.º 5/2002, DR, 1ª Série-B, n.º 42, de 19-02-2002
Abrangido em ZEP ou ZP	Não
Abrangido por outra classificação	Não

Descrições:

Nota Histórico-Artística

A Fábrica do Caramujo foi construída em 1872²⁶ e, poucos anos depois, em 1889, foi adicionado um corpo ao anterior conjunto de quatro pavimentos erguido na década de 70. A 10 de Junho de 1897, a fábrica sofreu um violento incêndio, que a destruiu quase por completo. O então proprietário, confrontado com fragilidade da anterior construção, patrocinou uma nova edificação, para que “semelhante catástrofe não pudesse voltar a repetir-se” (cf. FLORES, 1992, p.72). O projecto levou somente um ano a ser efectivado, estando terminado no Verão de 1898, e o resultado foi a “primeira obra arquitectónica integralmente estruturada em betão armado e executada em Portugal” (SANTOS, 1993, p.43), processo de origem francesa (patenteado por François Hennebique) e introduzido em Portugal dois [anos] antes do incêndio do Caramujo.

Em termos funcionais, a “nova” fábrica obedeceu à planta e volumetria do edifício original. Seis pisos, diferenciados de acordo com as várias fases de transformação dos cereais, faziam com que o circuito de

²⁴ Acessível em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/73600/>

²⁵ Conforme já referimos anteriormente não concordamos com esta designação complementar de «antiga»

²⁶ Esta fábrica foi construída em 1865, segundo Alexandre Flores, na sua obra *António José Gomes: O homem e o industrial*, p.127.

produção fosse concentrado num único edifício. O ciclo moageiro iniciava-se pelo andar superior, pela trituração, aproveitando a gravidade, e culminava no piso térreo, onde se processava a carga e descarga de produtos. Os dois primeiros pisos têm uma curiosa organização em relação à fachada principal, que se estrutura em pé-direito duplo, com altos janelões, sem que se denuncie, do lado exterior, os dois pisos aqui incluídos. A fachada principal é algo classicizante, com três panos verticais, hierarquizados a partir das dimensões dos vãos (mais amplos os do corpo central e mais estreitos os dos laterais). No topo, coroando a frontaria, eleva-se a platibanda tripartida corrida, com urnas nas extremidades, que enquadram um alto frontão com a legenda da empresa proprietária da fábrica – A. J. GOMES & C. – encimado por tímpano triangular.

A derradeira grande fase de obras no conjunto ocorreu, em 1960, quando uma parte do esquema construtivo de 1898 foi sacrificada em benefício de uma modernização, cujo principal elemento foi a inclusão de silos cilíndricos adossados ao edifício. A decadência, todavia, chegou pouco tempo depois, o que determinou a paralisação dos trabalhos e o início de um relativamente longo processo de decadência. Em 2002²⁷, a Câmara Municipal de Almada adquiriu o imóvel à Sociedade Industrial Aliança, facto que significou o primeiro passo para a manutenção do monumento enquanto marca do impacto que a Industrialização teve no concelho e como símbolo de um processo construtivo – o betão armado – que tanto sucesso conheceu no século XX.

PAF

Bibliografia:

- | | |
|------------------|--|
| Título | “Almada Antiga e Moderna – Roteiro Iconográfico – vol. III (freguesia da Cova da Piedade)” |
| Local | Almada |
| Data | 1990 |
| Autor(es) | FLORES, Alexandre M. |
|
 | |
| Título | “António José Gomes: O homem e o industrial” |
| Local | Almada |
| Data | 1992 |
| Autor(es) | FLORES, Alexandre M. |
|
 | |
| Título | “A fábrica de Moagem do Caramujo (1897-1898). Novos dados sobre a introdução do betão armado em Portugal”, “Jornadas de Estudo sobre Almada”, pp.43-48 |
| Local | Almada |
| Data | 1993 |
| Autor(es) | SANTOS, António Maria A. |
|
 | |
| Título | “Para o estudo da Arquitectura industrial na região de Lisboa (1846-1918)”, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Nova de Lisboa |

²⁷ A aquisição foi efectuada em 25 de Setembro de 2000 e não no ano de 2002

Local Lisboa
Data 1996
Autor(es) SANTOS, António Maria A.

Título “A fábrica de moagem «António José Gomes» em Almada. Um caso pioneiro da arquitectura do betão em Portugal (1897-1898)”, “Jornadas Ibéricas do Património Industrial”

Local Lisboa
Data 1994
Autor(es) SANTOS, António Maria A.

Errata

Página 65

Leitura correcta:

Foto 21 – Fábrica de moagem do Caramujo, piso 5, vista picada sobre recorte na laje, 1997 **83**

Página 66

Leitura correcta:

Foto 55 – Fábrica de moagem do Caramujo, vista da fachada principal, silo e armazéns, 1997 **100**